



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO TECNOLÓGICO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO - PósARQ

Maria Rita Ferreira Soares

Na borda da cidade tem um parque:
Investigação sobre segregação e sociabilidade no espaço público

Florianópolis

2022

Maria Rita Ferreira Soares

Na borda da cidade tem um parque:

Investigação sobre segregação e sociabilidade no espaço público

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Torres Moraes

Florianópolis

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Soares, Maria Rita Ferreira

Na borda da cidade tem um parque : Investigação sobre
segregação e sociabilidade no espaço público / Maria Rita
Ferreira Soares ; orientador, Sérgio Torres Moraes, 2022.
185 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em
Arquitetura e Urbanismo, Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. Arquitetura e Urbanismo. 2. Segregação. 3.
Sociabilidade. 4. Espaço público. 5. Parques urbanos. I.
Torres Moraes, Sérgio . II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e
Urbanismo. III. Título.

Maria Rita Ferreira Soares

Na borda da cidade tem um parque: Investigação sobre segregação e sociabilidade no espaço público

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Gabriela de Souza Tenório, Dra.
Universidade de Brasília - UnB

Prof. Maíra Longhinotti Felipe, Dra.
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Prof. Renato Tibiriçá de Saboya, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Prof. Sérgio Torres Moraes, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Prof. Paolo Colosso, Dr.
Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Prof. Sérgio Torres Moraes, Dr.
Orientador

Florianópolis, 2022.

AGRADECIMENTOS

Cursar o mestrado era um sonho antigo, muitas vezes substituído pela ideia de que este era um lugar que eu não poderia ocupar. Resisti, demorei. E, nesse momento que representa o fim de um ciclo tão significativo, é importante tecer algumas considerações, gesto impossível de fazer sem ter os olhos marejados.

Agradeço ao PósARQ UFSC pela oportunidade de realizar um estudo de qualidade sem ter nenhum custo além do tempo. Agradeço ao corpo docente, em especial à Adriana Marques Rossetto e à Maria Inês Sugai, pelas discussões pertinentes, pelas aulas comprometidas e, acima de tudo, por serem exemplos de carisma e dedicação. Aos funcionários da secretaria acadêmica, agradeço, na figura da Adriana, por toda a presteza e esclarecimentos.

Ao meu orientador, professor Sérgio Torres Moraes, agradeço o acompanhamento sempre tranquilo e sereno.

Agradeço aos professores Renato Saboya e Máira Longhinotti Felipe pelas considerações e encaminhamentos na etapa de qualificação, os quais foram fundamentais para o amadurecimento dessa pesquisa. Vocês foram muito atenciosos. Meu especial reconhecimento ao professor Renato por ter orientado sem orientar, pelas indicações de leitura e pelos questionamentos que auxiliaram a moldar o recorte deste estudo.

Aos colegas do PósARQ, que tornaram esse período de aprendizado muito mais instigante, agradeço por toda a troca e pelas discussões durante os trabalhos das disciplinas, assim como a partilha de opiniões, almoços e cafés. Agradeço em especial ao Boris Cunha, ao Carlos Barbosa, à Sheila de Andrade e à Mariana Panzera.

Ao Éber Marzulo, agradeço por ter me aceitado como (nem) aluno ouvinte em sua disciplina no PROPUR-UFRGS, cujas leituras, discussões e inquietações suscitaram a problematização proposta no presente trabalho.

Agradeço ao Vinícius Netto por ser, desde a graduação, exemplo e referência. Agradeço pelo incentivo, pelas trocas e por toda a ajuda, de lá até aqui. Expresso também a minha mais irrestrita admiração.

Agradeço ao Edeimar Tutikian por ter me confiado, sem nem ao menos me conhecer, a oportunidade de trabalho que acabou me aproximando do objeto

empírico de estudo dessa pesquisa. Agradeço pela amizade que construímos nesses anos e que cultivamos até os dias de hoje.

Meu agradecimento também aos entrevistados que dedicaram o seu tempo e contribuíram enormemente para os resultados da pesquisa aqui apresentada.

Aos "queridos" colegas do grupo de estudos [En.t.re] Encontros, Territórios e Redes, agradeço pela partilha, pelas discussões e pelas reflexões que, embora não permeiem o objeto da dissertação, permitem sempre crescer e desconstruir a minha visão de mundo. Agradeço em especial à Geisa Bugs que, nesse processo, tornou-se uma amiga muito querida e presente, por todas as críticas e considerações sobre a minha pesquisa. É sempre gratificante te acompanhar e aprender com a tua tranquilidade e benevolência.

À Manuela Catafesta, colega de ateliê, amizade inusitada que a vida acadêmica providenciou, agradeço por toda a troca, pela empatia e, acima de tudo, por ser um exemplo para mim. A tua amizade é das coisas mais valiosas que me aconteceram nesse período.

Aos tantos alunos que tive o privilégio de acompanhar no decorrer desses anos de docência, agradeço em nome dos meus queridos orientados de TCC, com quem muito aprendi sobre os diferentes saberes: Ana Caroline, Carolina, Horrana, Diego, Rodrigo, Karine, Francielen, Ana Paula, Cláudio, Jéssica S., Márcia, Pamela, Letícia, Julia, Priscila, Jéssica C. e Winnie. Vocês deram sentido a tudo isso.

Agradeço à minha família linda, que é razão e motivo de existir. Ao meu pai, José Luiz, pelo incentivo aos meus estudos e por ser uma referência. À minha mãe, Loiva, por sempre me apoiar, pelo exemplo de dedicação e conduta. Obrigada por, de certa forma, abrir mão de ti mesma para que eu pudesse, ainda que minimamente, retomar essa escrita. Se o trabalho hoje se conclui, certamente é (também) graças à tua participação. À minha irmã Viviane, que chegou para me ensinar o significado do amor incondicional. Ao meu filho Benício, que me fez leoa e me ensinou, sobretudo, sobre a potência do meu corpo. Vocês são a minha fortaleza.

Ao Jonatas Dellagostin, agradeço pelo apoio que permitiu a minha dedicação quase integral a esse estudo no último ano.

Aos queridos amigos e companheiros de jornada que tanto reclamaram a ausência, a falta de respostas e de encontros, deixo o meu aviso: estou de volta!

RESUMO

Entendida como uma forma de restrição da interação entre indivíduos, a segregação urbana é um fenômeno complexo, inerente às cidades, que se evidencia de diversas formas no território e tem despertado interesse em diferentes campos de estudos. O presente trabalho tem como foco a segregação urbana de origem socioeconômica, mas com uma mudança na ênfase dos estudos tradicionalmente conduzidos por visões estáticas, cujo foco principal concentra-se em áreas relativamente homogêneas de habitação ou comércios, para um estudo da segregação como forma de restrição da interação entre grupos populacionais, considerando a relação entre a segregação e a forma urbana, além de incluir a prática da interação social no espaço público como fator fundamental para sua compreensão. O debate suscitado nesse trabalho propõe discutir a ampliação das abordagens da segregação urbana, considerando as possibilidades de encontros que os parques urbanos são capazes de proporcionar, assumindo que a presença simultânea de indivíduos de diferentes perfis socioeconômicos nesses lugares contribui para o reconhecimento mútuo e para a sociabilidade entre sujeitos. A metodologia utiliza-se de um estudo de caso que tem como objeto empírico o Parque Urbano da Orla do Guaíba, nos trechos correspondentes à Orla Moacyr Scliar e à Orla Jaime Lerner, na cidade de Porto Alegre (RS) e adota a abordagem de grupo focal através de conversas online realizadas em formato de webconferência. São construídas comparações entre os resultados obtidos em cada sala virtual de conversa, permitindo uma aproximação empática com os entrevistados, fazendo emergir semelhanças e não desigualdades. As análises demonstram que o parque urbano é um lugar de forte interação social e palco para a formação de diferentes tipos de sociabilidades e de construção de capital social, e identificam setores do parque com potencial de interação e sociabilidade, além da diferença de intensidade destes potenciais, que vão desde o reconhecimento das diferenças sociais até a construção de relações mais profundas que podem alterar concepções sociais e fomentar oportunidades e trocas.

Palavras-chave: Segregação, Sociabilidade, Espaço público, Parques urbanos.

ABSTRACT

Urban segregation is understood as an obstacle to interaction between individuals and a complex development intrinsic to cities, which manifests itself in different ways throughout the territory and has attracted the interest of researchers in various fields. The present work focuses on urban segregation of socioeconomic origin, analyzing segregation as a way of restricting the interaction between population groups, considering the relationship between segregation and urban form, besides including the practice of social interaction in the public space as a fundamental factor for their understanding. The debate raised in this paper proposes to discuss the expansion of approaches to urban segregation, considering the possibilities of meetings that urban parks could provide, assuming the simultaneous presence of individuals from different socioeconomic profiles in these places contributes to mutual recognition and sociability among subjects. The methodology employs a case study with the Parque Urbano da Orla do Guaíba as the empirical object, in the stretches corresponding to the Orla Moacyr Scliar and the Orla Jaime Lerner, in the city of Porto Alegre (RS), and employs a group approach focal point through online conversations held in web conference format. Comparing data acquired in each virtual chat room allowed an empathetic approach with the respondents, highlighting commonalities rather than differences. The results obtained in each virtual chat room were compared and allowed an empathic approach with the interviewees, bringing out similarities and not inequalities. The analyses indicated that the urban park is a location of intense social contact as a stage for the development of different forms of sociability and construction of social capital. In addition, identified areas of the park with potential for interaction and sociability, as well as variances in intensity of these potentials, which vary from the recognition of social distinctions to the construction of deeper connections that may influence social conceptions and behaviors.

Key words: Segregation, Sociability, Public space, Urban parks.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - O trabalho pioneiro de Charles Booth demonstrando o mapa da pobreza no East End de Londres em 1889.....	33
Figuras 2 e 3 - O modelo de áreas concêntricas e as diferentes zonas da cidade proposto por Burgess; e as áreas urbanas propostas por Burgess.....	34
Figura 4 - Modelo setorial de organização interna das cidades proposto por Hoyt.	36
Figura 5 - Esquema de representação das metrópoles brasileiras proposto por Villaça.....	37
Figura 6 - Aterro Praia de Belas, final da década de 1960. Ao fundo, os edifícios do bairro Centro Histórico. Direita, bairro Cidade Baixa.	61
Figura 7 - Os sucessivos aterros na orla de Porto Alegre.....	63
Figura 8 - Abrangência do plano estratégico de requalificação urbana da orla.	66
Figura 9 - Corte esquemático do Parque Urbano da Orla do Guaíba. Os diferentes tipos de espaços, níveis e equipamentos propostos.	67
Figura 10 - Vista aérea da Orla Moacyr Scliar. Esquerda, a recente intervenção do parque e as diferentes faixas de uso da Av. Edvaldo Pereira Paiva. Direita, os edifícios do bairro Centro histórico. Ao fundo, a Usina do Gasômetro.	68
Figura 11- Vista da orla, na região da Usina do Gasômetro, antes da revitalização. Primeiro plano, faixa de areia da orla e a Av. Edvaldo Pereira Paiva. Ao centro, Praça Júlio Mesquita e a estrutura desativada do aeromóvel. Direita, Usina do Gasômetro e os armazéns do Cais Mauá. Esquerda, os edifícios do bairro Centro Histórico.	68
Figura 12 - A Orla Moacyr Scliar e o movimento de visitantes no primeiro final de semana após a inauguração. Ao fundo, a Usina do Gasômetro. Direita, as arquibancadas e os postes inclinados que formam a imagem icônica do parque...70	70
Figura 13 - Vista da orla antes da revitalização. Frente, área inundável do parque. Direita, bancas de vendedores ambulantes. Fundo, Usina do Gasômetro.....	70
Figura 14 - Orla Jaime Lerner no primeiro final de semana após a inauguração. Esquerda, as faixas de rolamento da Av. Edvaldo Pereira Paiva. Centro, o passeio público, os mirantes e as quadras esportivas. Fundo, o estádio do Esporte Club Internacional (Estádio Beira Rio). Direita, o Lago Guaíba.	71
Figura 15 - Vista da orla, na região das quadras esportivas, antes da revitalização. Esquerda, o Lago Guaíba e as quadras poliesportivas. Direita, passeio público e a	

Av. Edvaldo Pereira Paiva.....	72
Figura 16 - Orla Moacyr Scliar. Esquerda, implantação do parque e localização das principais atividades realizadas pelos usuários. Direita, fotografias ilustrativas das atividades.....	81
Figura 17 - Quadro resumo da metodologia.....	90
Figura 18 - O desenvolvimento de Porto Alegre a partir da península, em forma de leque, e os antigos arrabaldes Floresta (A), Moinhos de Vento (B), Petrópolis (C), Azenha (D) e Menino Deus (E).....	92
Figura 19 - Principais equipamentos e infraestruturas na Orla da Praia de Belas. .	96
Figura 20 - Parque Urbano da Orla do Guaíba, Orla Moacyr Scliar. Direita, Lago Guaíba e a estrutura do parque. Centro, avenida de contorno - Edvaldo Pereira Paiva e Parque Harmonia. Fundo, edificações dos bairros Praia de Belas e Menino Deus.....	97
Figura 21 - Parque da Orla - Trecho 01: Orla Moacyr Scliar.....	99
Figura 22 - Praça Julio Mesquita durante a feira popular que ocorre aos sábados. Esquerda, estrutura desativada do aeromóvel.....	100
Figura 23 - Grande presença de público na Orla Moacyr Scliar durante os finais de semana. Ao fundo, a Usina do Gasômetro. Esquerda, dentro d'água, o restaurante panorâmico.....	101
Figura 24 - Venda informal de alimentos. Vendedor com carrinho de bebidas.....	102
Figura 25 - Eixos de acesso - Orla Moacyr Scliar.....	104
Figura 26 - Av. Edvaldo Pereira Paiva (via da esquerda) e o pórtico de acesso ao estacionamento fechado, em via pública. Esquerda, cercamento e vegetação do Parque Harmonia.....	105
Figura 27 - Trecho esportivo - Orla Jaime Lerner. Esquerda, infraestrutura para prática de skate. Direita, passeio público e os postes inclinados que formam a imagem icônica do parque. Fundo, ao centro, a estrutura do Anfiteatro Pôr-do-Sol. ...	106
Figura 28 - Parque da Orla - Trecho 03: Orla Jaime Lerner.....	107
Figura 29 - Eixos de acesso - Orla Jaime Lerner.....	108
Figura 30 - Mapa de apresentação dos setores da Orla Moacyr Scliar.....	148
Figura 31 - Setor Praça Julio Mesquita.....	149
Figura 32 - Setor Usina do Gasômetro.....	150

Figura 33 - Setor dos bares.	151
Figura 34 - Setor das quadras esportivas.	152
Figura 35 - Setorização da Orla Jaime Lerner.	153

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Renda dos entrevistados.....	112
Gráfico 2 - Meio de transporte utilizado para acessar o parque.....	112
Gráfico 3 - As relações estabelecidas com pessoas conhecidas no parque.	135
Gráfico 4 - As relações estabelecidas com pessoas desconhecidas no parque ...	136

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Síntese dos principais conceitos apresentados no capítulo 2.....	46
Tabela 2 - Síntese dos principais conceitos apresentados no capítulo 3.....	73
Tabela 3 - Relação dos objetivos específicos e estratégia utilizada.	76
Tabela 4 - Etapas da pesquisa científica para a coleta de dados.	80
Tabela 5 - Grupos focais por área de interesse considerada e a quantidade de participantes.	83
Tabela 6 - Categorias de Análise.	88
Tabela 7 - Distância do parque e nível de renda de cada bairro considerado na pesquisa.	111
Tabela 8 - Distribuição dos entrevistados por idade e sexo.	113
Tabela 9 - Apresentação dos principais termos identificados por webconferência.	114
Tabela 10 - Grupo 1 - Moradores do bairro Centro Histórico.	116
Tabela 11 - Grupo 2 - Trabalhadores no bairro Centro Histórico.....	118
Tabela 12 - Grupo 3 - Moradores de bairros próximos ao parque.....	119
Tabela 13 - Grupo 4 - Passeio e contemplação.	120
Tabela 14 - Grupo 5 - Atividades artísticas e culturais.	121
Tabela 15 - Grupo 6 - Atividades esportivas.	122
Tabela 16 - Grupo 7 - Ciclistas.....	123
Tabela 17 - Grupo 8 - Patinadores.	123
Tabela 18 - Grupo 9 - Skatistas.....	124
Tabela 19 - Quadro síntese dos resultados.	147

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EPTC Empresa Pública de Transporte e Circulação de Porto Alegre
EVU Estudo de Viabilidade Urbanística
GADES Gabinete de Desenvolvimento e Assuntos Especiais
GF Grupo Focal
GPU's Grandes Projetos Urbanos
IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PDDUA Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental
RMPA Região Metropolitana de Porto Alegre
SMAM Secretaria Municipal do Meio Ambiente
SMAMS Secretaria Municipal do Meio Ambiente e da Sustentabilidade
SMC Secretaria Municipal da Cultura
SPM Secretaria de Planejamento Municipal
TIC Tecnologias de Informação e Comunicação

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	18
2 SEGREGAÇÃO URBANA	29
2.1 MODELOS DE SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL.....	32
2.2 PARA ALÉM DAS ABORDAGENS DE DIMENSÃO ESTRUTURAL.....	38
2.3 A SEGREGAÇÃO NOS ESPAÇOS DE ATIVIDADES.....	39
2.4 COPRESENÇA OU A NOÇÃO DE COEXISTÊNCIA.....	43
2.5 SOCIABILIDADE E INTERAÇÃO SOCIAL.....	43
2.6 SÍNTESE DOS CONCEITOS.....	46
3 ESPAÇO PÚBLICO	47
3.1 A CONSTRUÇÃO DA SOCIABILIDADE NO ESPAÇO PÚBLICO	52
3.2 PARQUE PÚBLICO URBANO	56
3.2.1 Parque Urbano Linear	58
3.2.2 Parques Urbanos de Porto Alegre (RS)	60
3.2.3 Parque Urbano da Orla do Guaíba (Orla Moacyr Scliar e Orla Jaime Lerner)	62
3.3. SÍNTESE DOS CONCEITOS.....	72
4 MÉTODO	74
4.1 DEFINIÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS	74
4.2 PESQUISA NETNOGRÁFICA.....	77
4.3 CONSTRUÇÃO DA AMOSTRAGEM E DEFINIÇÃO DOS GRUPOS FOCAIS	78
4.3.1 Combinando grupos de foco com outros métodos de pesquisa	86
4.4 ANÁLISE DOS DADOS, ORGANIZAÇÃO E CATEGORIZAÇÃO	86
4.5 RESUMO DA METODOLOGIA	89
5 PARQUE DA ORLA: APLICAÇÃO DO MÉTODO E RESULTADOS	91
5.1 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DO CASO EMPÍRICO	91
5.2 CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO ENTREVISTADA.....	108
5.3 GRUPOS DE FOCO POR ATIVIDADE REALIZADA NO PARQUE	113
5.4 A SOCIABILIDADE EM RELAÇÃO AO ESPAÇO	125
5.5 A SOCIABILIDADE NO ESPAÇO DE ATIVIDADES.....	134
5.5.1 Sociabilidade Passiva	136
5.5.2 Sociabilidade Fugaz	140
5.5.3 Sociabilidade Duradoura	141

5.5.4 Sociabilidade Restrita.....	142
5.6 OUTRAS QUESTÕES DE SOCIABILIDADE E INTERAÇÃO SOCIAL	144
5.7 SÍNTESE DAS DISCUSSÕES.....	146
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	154
REFERÊNCIAS	159
ANEXO A - Carta-convite	170
ANEXO B - Roteiro para a sessão online.....	171
ANEXO C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	173
ANEXO D - Termo de Autorização para gravação áudio/ vídeo.....	177
ANEXO E - Declaração.....	178
ANEXO F - Questionário.....	179
ANEXO G - Aprovação do Comitê de Ética.....	182
ANEXO H - Tabela Geral dos Entrevistados	185

NA BORDA DA CIDADE TEM UM PARQUE



1 INTRODUÇÃO

Este estudo é sobre segregação urbana, inserindo-se na temática de dinâmica socioespacial, espaço urbano, ideologia e poder na cidade contemporânea. O objeto de estudo enfoca, em termos mais específicos, a relação entre a segregação e a forma urbana, além de incluir a prática das relações sociais como fator fundamental para a compreensão do fenômeno. Neste trabalho, iremos nos concentrar na segregação socioeconômica e na maneira como ela acontece nos espaços públicos, em especial nos parques urbanos, relacionando as inquietações de uma pesquisadora com as transformações da cidade e suas formas de apropriação.

No início da minha vida profissional, fui para Porto Alegre trabalhar como Arquiteta e Urbanista. Como acontece com qualquer mudança, as alterações não ficaram restritas apenas ao endereço. Aos poucos, interessada em explorar todas as potencialidades da capital gaúcha, fui me adaptando ao lugar e, como todo bom porto-alegrense, criei o hábito de frequentar os muitos parques que a cidade possui. No entanto, havia um que me causava profunda estranheza. Apesar da memória afetiva que estabelece com os seus cidadãos e da sua representatividade para a cidade e região, além de privilegiar a vista para o pôr do sol que é orgulhosamente mencionado como um dos seus elementos turísticos mais expressivos, a orla do Lago Guaíba era para mim um lugar curiosamente desconfortável. Não sabia precisar o motivo para isto: talvez fosse oriundo do próprio lugar, da falta de infraestrutura do parque, das questões relacionadas à sua localização e acessibilidade ou, quem sabe, até mesmo o perfil de atividades realizadas pelos usuários.

Algum tempo depois da minha chegada, passei a integrar a equipe de Arquitetos e Urbanistas da Prefeitura Municipal de Porto Alegre que, na época, chamava-se Gabinete de Desenvolvimento e Assuntos Especiais - GADES. Nesta secretaria, como o próprio nome expõe, tratávamos das intervenções excepcionais na cidade e, entre elas, estava o projeto que privilegiava o emblemático pôr do sol do Guaíba, o Parque Urbano da Orla do Guaíba, que se inicia nas imediações da Usina do Gasômetro. O projeto, concebido pelo escritório do arquiteto curitibano Jaime Lerner, já estava em desenvolvimento, e as atribuições da equipe técnica

local limitavam-se à facilitação de diretrizes projetivas e ao suporte, acompanhamento e fiscalização da elaboração dos projetos.

Apesar da qualidade espacial e de desenho urbano do projeto, cujas discussões e considerações não são pertinentes ao recorte proposto nessa pesquisa, talvez o caminho mais democrático para a elaboração de tão importante intervenção fosse a realização de um concurso público de projetos, com diretrizes ditadas não pela representatividade da sociedade civil, mas pelos reais frequentadores do parque.

Mesclando soluções espaciais que vencem diferentes níveis de aproximação e costura entre cidade e borda, o projeto apresenta-se como uma nova realidade urbana, configurando um espaço determinante e fundamental para as práticas cotidianas locais. No entanto, mantém a mesma condição e relação morfológica com a cidade, anterior inclusive à proposta de revitalização: a segregação urbana parque x cidade. A par dessas motivações e observações pessoais, a minha decisão de analisar esse parque foi norteadada, sobretudo, pela vontade de pesquisar a construção de um parque sob a ótica do impacto que deveria ser realmente levado em consideração, que é as suas repercussões nas relações humanas como forma de aproximar ou de gerar mais segregação, e é sobre essa inquietação que a minha pesquisa se sustenta.

A “segregação urbana” pode ser entendida como uma forma de restrição da interação entre indivíduos (NETTO, 2014), e é responsável por sustentar a ideia de separação ou dificuldade de acesso a espaços e atividades. Operando através de diferenças, é tradicionalmente concebida como uma forma de produzir distância social em seu processo de formação de áreas sociais e espacialmente diferenciadas (NETTO, PASCHOALINO e PINHEIRO, 2010).

Associada à questão espacial, a segregação pode se manifestar na forma como os indivíduos se deslocam pela cidade, nos locais em que eles moram, no tipo de residência, entre outros. Estas dinâmicas de vida são definidas como restrições impostas ao contato pelo lugar, tanto servindo para restringir a comunicação e as relações quanto para limitar a interação social (FREEMAN, 1978). O fenômeno é inerente às cidades, e tem despertado interesse em diferentes campos de estudos. A segregação socioeconômica é o foco do presente trabalho, visto que caracteriza as cidades na América Latina (FEITOSA et al., 2012; VILLAÇA, 2003).

Freeman, sociólogo pioneiro nos estudos em redes sociais¹, observou que “medidas existentes de segregação não se referem a limitações impostas sobre a interação, mas também às restrições ao acesso a algum espaço físico” (FREEMAN, 1978, p. 413). Para o autor, “toda restrição à interação, envolvendo o espaço físico ou não, é uma forma de segregação - no espaço social”. Segregação é, portanto, “uma restrição que opera através de diferenças” (NETTO, 2014, p. 39).

Por essência, a cidade contemporânea é o local da coexistência entre as diferenças. Nesse contexto, os espaços públicos tornam-se fundamentais para uma dinâmica urbana integradora: são “os locais mais importantes onde as pessoas podem participar de vários processos sociais enquanto realizam as atividades diárias” (LEGEBY, 2013, p. 1). Para entendermos essa dinâmica socioespacial, partimos do pressuposto de que a presença simultânea de indivíduos de diferentes perfis socioeconômicos nos espaços públicos contribui para o reconhecimento mútuo e a interação entre sujeitos (LEGEBY, 2013; NETTO, 2014).

Alguns autores (GIDDENS, 1975; GOFFMAN, 2010; JACOBS, 2017; PURCELL, 1997) sugerem também que os processos de formação e de transformação dos espaços públicos estão diretamente relacionados com a copresença. Por ser um termo de origem sociológica, neste trabalho entendemos a copresença de acordo com o conceito de Goffman, correspondendo ao conjunto de diferentes pessoas que, ao mesmo tempo, compartilham um espaço comum (GOFFMAN, 2010; LEGEBY, 2013)

Em 1968, Henry Lefebvre escreveu “O direito à cidade”, obra seminal para a discussão da produção do espaço, onde busca superar as injustiças materializadas na segregação espacial nas cidades. Para o autor, “direito à cidade” significa direito à vida urbana, “à centralidade renovada, aos locais de encontro e de trocas, aos ritmos de vida e empregos do tempo que permitem o uso pleno e inteiro desses momentos e locais” (LEFEBVRE, 2001, p. 139). Ainda de acordo com ele, a cidade sempre teve relações com a história da sociedade, com o seu funcionamento e sua constituição de conjunto, de maneira que se transforma quando muda a sociedade. No entanto, essas transformações não são simples resultados de suas

¹ Conjunto de relações entre seres sociais, baseadas em interações entre grupos ou classes (FREEMAN, 1978).

modificações, mas também, e fundamentalmente, das relações entre as pessoas e os diferentes grupos de atores que compõem a cidade (LEFEBVRE, 2001, p. 51).

Maricato (1996; 2010 *apud* Trindade, 2012, p. 147) considera que há uma hierarquização espacial nas cidades, tornando alguns espaços mais vantajosos do que outros e fazendo com que as áreas mais urbanizadas e estrategicamente localizadas em relação ao centro sejam acessadas pelas classes médias e altas, com poder de aquisição da terra com alto valor de mercado, enquanto as classes baixas permanecem nas áreas periféricas, com menos investimentos e, por consequência, mais baratas. Tal distribuição, pautada pela diferenciação espacial e por distintas oportunidades de acesso a recursos, é resultado de uma hierarquização da própria sociedade. Essa apropriação desigual dos espaços gera o que se pode chamar de “segregação urbana”.

Também é importante citar as análises de Bourdieu (1997), as quais consideram que as experiências no espaço urbano estão diretamente relacionadas aos comportamentos alcançados (ou possibilitados) a partir de diferentes níveis de renda, ao mesmo tempo em que fortalecem o desenvolvimento de características de conduta relativas a um determinado contexto social. Bourdieu (2010) afirma que o espaço não é neutro, visto que a materialização do espaço social no espaço urbano cria certa inércia nas relações sociais. Para o autor, as diferentes condições socioeconômicas atuam no espaço social em conjunto com outras questões de natureza material ou simbólica, variando de acordo com o local e a época.

Marques (2010) acrescenta na discussão o conceito de homofilia social² que, de certo modo, parece corroborar as ideias de Bourdieu, afirmando que a estrutura construída pelas redes sociais aumenta a probabilidade da sustentação de relações entre pessoas do mesmo grupo socioeconômico. A distribuição espacial dos locais de moradia constitui um dos principais elementos capazes de potencializar tal condição, visto que o espaço expõe o indivíduo a um maior número de relações com pessoas que possuem realidades semelhantes, principalmente pela concentração de grande quantidade de contatos disponíveis. Além disso, as

² Propriedade das redes que dá formato conceitual à evidência empírica de que, por mecanismos diversos, pessoas com atributos comuns têm maior probabilidade de criar e manter vínculos entre si (MARQUES, 2007, p.11); tendência dos atores associarem-se àqueles com características similares (NETTO, 2014, p. 47).

distâncias entre os vários espaços da cidade caracterizam acessos e custos de deslocamentos, reforçando a homogeneidade das redes de relações.

Se o espaço da cidade parece ser a materialização e o meio para a segregação, podemos dizer que o espaço urbano separa (NETTO, 2014). No entanto, "a ideia da segregação implica incorporar diferentes questões, mais profundas, que demandam entrar no campo dos sentidos, percepções e imaginários sociais; no universo de mobilidades e circulações, interações e acessibilidades, distâncias e fronteiras simbólicas" (MERA, 2014, p. 41)³.

Por tradição, os estudos sobre a segregação urbana têm sido conduzidos por visões estáticas, ou seja, são estabelecidos apenas pela constituição física do território, com foco principal em áreas relativamente homogêneas de habitação ou comércios, sem considerar que deslocamentos e atividades cotidianas também colaboram com o fenômeno. Essa restrição de localização é denominada abordagem geográfica (WHITE, 1983), e é geralmente utilizada nos estudos sobre segregação (NETTO e KRAFTA, 1999), como os abordados por David Harvey (1973; 2014), Teresa Caldeira (2000), Flávio Villaça (2001), Ermínia Maricato (2009), Maria Inês Sugai (2015), entre outros.

Outra abordagem ao fenômeno da segregação que ganha destaque no campo científico é a sociológica (WHITE, 1983), a qual considera a segregação como a ausência de relações entre indivíduos de diferentes grupos sociais, interferindo na dinâmica de apropriação da cidade e, como consequência, nas interações sociais.

Pesquisas mais recentes, como as feitas por Ann Legeby (2013), discorrem sobre a segregação pela ótica da copresença, estudando a rotinização dos deslocamentos cotidianos e a possibilidade de diferentes indivíduos estarem copresentes no mesmo espaço. Como instrumento de análise, essa abordagem utiliza medidas de "sintaxe espacial"⁴, considerando acessibilidade e centralidade. Para a autora, o espaço público - as ruas, as praças, os parques - são fundamentais para a questão da segregação, contribuindo para a interação do dia-a-dia e,

³ Tradução nossa

⁴ Teoria criada por Bill Hillier no início da década de 80 que busca descrever a configuração do traçado da cidade e as relações entre espaço público e privado através de medidas quantitativas capazes de permitir a compreensão de aspectos importantes do sistema urbano, como acessibilidade e distribuição de usos do solo, por exemplo.

potencialmente, para superar a exclusão social. Reconhece, também, que a configuração e a estrutura do espaço urbano facilitam certos processos sociais e podem criar proximidade ou distância entre os cidadãos e entre os recursos de uma cidade. Considera, portanto, que a forma urbana desempenha um papel crítico em tais processos sociais.

Alejandra Rasse (2015) estuda a relevância das oportunidades de contato e de observação do outro, principalmente aquelas possibilitadas por atividades cotidianas (como ir ao trabalho, levar o filho à escola, o passeio na praça), uma vez que contribuem para o desenvolvimento da confiança, da cooperação e do reconhecimento entre sujeitos desconhecidos em locais públicos. Compartilhar o espaço com outras pessoas contribui para a aprendizagem social, e, inclusive, a observação pode alterar profundamente o pensamento, o sentimento e o comportamento dos indivíduos (TENÓRIO, 2012). Já Loris Vezzali e Sofia Stathi (2017) consideram os potenciais de encontros e de copresença para o surgimento do que eles chamam de “integração social”, assim como a importância do contato entre indivíduos que pertencem a várias realidades para fomentar o desenvolvimento de atitudes mais positivas fora do seu grupo comum.

No Brasil, Eduardo Marques (2010) estuda as redes de relações de indivíduos de diferentes grupos sociais nas periferias urbanas, considerando padrões espaciais de distribuição de situações de vulnerabilidade social. O trabalho de Marques (2010) merece destaque, pois investiga as possibilidades de contato de indivíduos pobres, comparando-as com aquelas de indivíduos de classe média. Quando compara estes dois universos distintos, utiliza pesquisa quantitativa, medindo a amplitude das redes de relações. Os resultados, entre outros, apontam para a composição das redes sociais de indivíduos pobres, que são menores se comparadas às de classe média, expondo cada cidadão a um menor número de esferas de sociabilidade e, conseqüentemente, de relações e oportunidades. Tal característica reforça a segregação socioespacial.

Vinicius Netto (2014, 2017) também faz abordagens dinâmicas e analisa a segregação de origem socioeconômica por meio da configuração espacial, rastreando as movimentações dos indivíduos para verificar as probabilidades de ocorrerem encontros entre indivíduos de distintas realidades. A partir de uma análise da influência das redes sociais em relação ao fenômeno, o autor sustenta que a

segregação se dá a partir de uma divisão social manifestada na fragmentação do espaço urbano, moldando as relações sociais entre diferentes grupos de atores e impondo, automaticamente, o distanciamento social.

Ainda no contexto nacional, Flávia Feitosa e Flávia Lisboa (2017) pesquisam a segregação a partir dos espaços de atividades, observando as formas através das quais os grupos sociais frequentam os múltiplos territórios da cidade em suas atividades cotidianas, ao mesmo tempo em que analisam índices de agrupamento e dispersão, isolamento e exposição.

Essa mudança de perspectiva sobre a segregação (cujos estudos serão aprofundados no capítulo pertinente, que trata sobre o estado da arte) permite interpretar como o fenômeno estimula ou não o compartilhamento do espaço público, como interagimos com indivíduos em condições socioeconômicas distintas, como percebemos o outro, e a possibilidade de sermos tolerantes ao diferente, ou não. Desse modo requer a compreensão de como a estrutura morfológica da cidade, sobreposta às rotinas diárias dos indivíduos e às suas necessidades de ocupar o espaço público, coloca o cidadão e os recursos urbanos (equipamentos urbanísticos, serviços públicos, infraestrutura, oportunidade de empregos etc) em relação uns aos outros.

Os estudos urbanos acerca dessa temática reconhecem, de maneira geral, a importância estrutural do encontro na integração de um sistema social (NETTO, 2014), além de afirmarem que a apropriação dos espaços por diferentes grupos sociais é fundamental para o entendimento da reprodução dos padrões de desigualdade social no Brasil (MARQUES, 2010). Assumem, também, que interesses e semelhanças de gostos, assim como estilos de vida influenciados por capacidades econômicas, poderão ser ativos na constituição das relações sociais e na formação de grupos, dificultando a aproximação entre diferentes usuários (NETTO, 2014). Logo, podemos perceber a importância de estudar, no contexto local de cada cidade, os fenômenos sociais e as suas manifestações em espaços específicos, além de contribuir não só com os estudos de segregação, mas também com a construção de diferentes cenários urbanos para os planejadores, e consequentemente de políticas públicas, ao conseguir identificar a importância dos atributos espaciais e de contato e sociabilidade no estabelecimento de relações sociais.

A partir disso, o presente trabalho se propõe a (1) compreender o papel do parque urbano como elemento capaz de potencializar a sociabilidade entre diferentes sujeitos e (2) identificar os elementos do espaço público e os aspectos no comportamento das pessoas que induzem ou permitem relações sociais entre indivíduos, proporcionando o distanciamento ou a aproximação de diferentes grupos socioeconômicos.

A pesquisa se encaixa, portanto, nos estudos que tratam a segregação como um fenômeno dinâmico. Consideramos que a segregação não se manifesta apenas em padrões residenciais, mas por meio de todos os locais em que os indivíduos mantêm contato direto ao realizar suas atividades do dia-a-dia, assim como nas possibilidades de encontros que os espaços de atividades de lazer, os parques urbanos, são capazes de proporcionar. Assim, esta pesquisa deve abordar o problema da segregação espacial e a consequente relação com a distância social e os seus efeitos na apropriação do espaço público, considerando padrões de coexistência em parques urbanos.

Desse modo, formulamos nossa pergunta de pesquisa: Como identificar os fatores estruturais que podem induzir ou reduzir a segregação socioespacial e a sociabilidade entre indivíduos de diferentes grupos socioeconômicos em parques urbanos?

Partindo desse questionamento, de maneira a orientar a pesquisa, e também na tentativa de verificar se o parque de fato é local de interação e meio através do qual se estabelecem experiências urbanas, práticas de sociabilidade e mistura de pessoas de distintas condições sociais, foi estabelecido o seguinte objetivo geral: identificar a segregação socioespacial e a sociabilidade entre diferentes grupos socioeconômicos em parques urbanos.

Visando atingir esse objetivo, foram propostos os seguintes objetivos específicos:

- i. Identificar os atributos morfológicos de um parque urbano com potencial de atratividade para cada grupo socioeconômico;
- ii. Identificar e analisar o potencial de sociabilidade e interação social entre diferentes grupos socioeconômicos neste parque urbano;

- iii. analisar se e como a sociabilidade entre indivíduos de diferentes grupos socioeconômicos manifesta-se no parque estudado, investigando as condições por meio das quais tal interação pode emergir.

Do ponto de vista dos procedimentos metodológicos, a pesquisa utiliza-se de um estudo de caso, de modo que a ênfase dada através desse formato permite a investigação empírica sobre um fenômeno contemporâneo e o entendimento de suas particularidades segundo o contexto em questão. Como objeto de estudo, iremos analisar um local específico em um tempo específico, a cidade de Porto Alegre (RS), e, como recorte, o Parque Urbano da Orla do Guaíba, principal e maior parque da cidade, de forma linear, localizado em região ribeirinha, estabelecido na Década de 1940 (Fonseca, 2017) e cujo projeto de requalificação está dividido em setores, inaugurados em junho de 2018 e outubro de 2021.

Através desse objeto de estudo, de caráter excepcional, implantado em local estratégico do tecido urbano, a pesquisa propõe investigar uma lacuna no conhecimento. Especula-se que o projeto de requalificação, além de modificar a paisagem urbana, pode também alterar o público que o frequenta. Além disso, estudos empíricos, como os apresentados anteriormente, reforçam que os grupos sociais de menor renda frequentam, potencialmente, as áreas e os espaços públicos próximos às suas residências e os consideram como lugares mais propícios para interagir e criar laços sociais (Netto, 2014).

Adotando a abordagem qualitativa, a pesquisa está fundamentada na técnica de coleta de dados e do levantamento dos usuários do parque, relacionando-os com seu status socioeconômico e com o tipo de atividade desenvolvida no espaço, abrangendo aporte teórico, através de pesquisa bibliográfica e documental, de consulta a publicações, mapas e projetos de requalificação da paisagem do município de Porto Alegre; além de levantamento de campo reconhecendo as principais atividades desenvolvidas no espaço, identificando os frequentadores do parque e posterior conversa estruturada.

Pretendemos, assim, construir um conjunto de procedimentos metodológicos para investigar os frequentadores do parque, tanto anteriores quanto posteriores ao projeto de requalificação, compreendendo pesquisa netnográfica através de webconferência com grupos focais. De maneira complementar, será aplicado

questionário com perguntas abertas, permitindo considerações específicas e compreendendo questões particulares que não tenham sido abordadas nas webconferências.

O texto apresentado está disposto em cinco capítulos. O primeiro capítulo diz respeito à **Introdução**, encarregado de orientar a leitura e estruturar a pesquisa. No segundo capítulo, **Segregação Urbana**, construímos a base teórica que dá suporte para a compreensão do objeto de estudo. Em um momento inicial, aprofundamos os conceitos sobre as diferentes dimensões da segregação. A revisão posterior abrange considerações relacionadas ao acesso a variadas porções da cidade e as suas relações espaciais, reconhecendo os mecanismos responsáveis por fazer com que indivíduos de distintas realidades se encontrem nos espaços públicos. Apresentamos, também, algumas definições para fins de compreensão das terminologias adotadas neste trabalho, como segregação, coexistência e sociabilidade.

No terceiro capítulo, **Espaço Público**, buscamos na literatura abordagens teóricas capazes de embasar o desenvolvimento da pesquisa, analisando a compreensão do processo de ocupação e apropriação dos parques urbanos, bem como a sua capacidade em promover (ou não) condições para diferentes níveis de interação e a sua contribuição para a percepção do outro. Destaca também as características do recorte territorial, onde inicialmente situamos o município de Porto Alegre em linhas gerais, abordando o histórico da área e o projeto de requalificação do parque. A partir dessa contextualização, pretendemos elucidar o seu processo de apropriação a fim de compreender as especificidades das dinâmicas de sociabilidade estabelecidas por ele ou não.

O **Método** será apresentado no quarto capítulo. Para a análise da segregação nos parques urbanos empregamos um conjunto de estratégias de coleta de dados que permitem uma aproximação com a realidade. Adotamos o conceito de "espaço de atividades" e para a realização das medidas de segregação utilizamos o conceito de presença populacional local (Lisboa e Feitosa, 2016), que considera tanto a população residente em determinada área quanto a população que a frequenta para as suas atividades cotidianas, sejam elas de lazer, esportivas, recreativas etc. Na tentativa de uma abordagem que alcance diferentes grupos socioeconômicos, realizamos conversas mediadas por computador como fonte de

dados, por meio de pesquisa de grupo focal por webconferência e aplicação de questionário complementar.

O quinto capítulo, **Parque da Orla: aplicação do método e resultados**, destaca, a princípio, a aplicação da metodologia para avaliação e mensuração da segregação no parque urbano estudado, assim como os resultados obtidos.

Nas **Considerações Finais** são apresentados os resultados do estudo. Aponta-se pra o fato de que o parque urbano se mostra como um instrumento de interação social e um espaço de sociabilidade, no entanto se dá de forma restrita, evidenciando a distinção social na população estudada.

2 SEGREGAÇÃO URBANA

Para compreender como a segregação se manifesta no “espaço urbano”, é preciso inicialmente estabelecer o que aqui entendemos por este conceito, além de firmar algumas outras definições.

O espaço, na modernidade, diz respeito à constituição de um local por meio da distribuição dos objetos. Para Certeau (1994), o espaço surge a partir de práticas do cotidiano, elementos de ruptura com a dominação já consolidada. Esse espaço, agora apropriado, originará um lugar racionalmente organizado, e é nele que acontecem as manifestações das redes de pessoas, a partir de práticas que fogem dos poderes estratégicos e se estabelecem no cotidiano. Ao mesmo tempo em que orienta as práticas dos grupos sociais, o espaço é por elas socialmente construído (GOMES, 2002).

Associada a essa definição de lugar, Certeau (1994) considera existir uma ação racional estratégica dos poderes constituídos sobre a conformação do lugar. Essa ação distribui os objetos no espaço, transformando-o não só em uma simples expressão da sociedade em geral através das práticas, mas em uma manifestação particular da estratégia dominante, seja ela do Estado (enquanto gestor da cidade), seja do mercado, máquina com capacidade de manutenção e indução do crescimento de consumo.

Se, para Certeau (1994), o lugar é a ação dos grupos dominantes sobre o espaço e é estabelecido a partir de uma forma de apropriação, para Santos (2017), o espaço constitui a prática de fato e não uma categoria abstrata de pensamento. É algo formado a partir do processo de apropriação e que, por ser um reflexo da sociedade, manifesta as desigualdades nela existentes.

Podemos dizer, então, que o espaço urbano é um produto social, além de ser condição e meio para a realização de atividades humanas, um local onde a sociedade concretiza suas práticas e no qual os grupos sociais expressam as suas relações. É tanto a causa quanto o resultado da busca por vantagens espaciais pelos diferentes grupos sociais que atuam nas cidades (CORRÊA et al., 1989; HARVEY, 1973; VILLAÇA, 2001).

A importância do conceito social do espaço urbano é reconhecido por Villaça. Para o autor, a “segregação é aquela forma de exclusão social e de dominação que tem uma dimensão espacial” (VILLAÇA, 2011, p. 5).

Segregação urbana pode ser entendida com o mesmo significado de separação. Para Freeman (1978), o conceito capaz de definir a dimensão mais elusiva da segregação é a restrição de interações. Por sua vez, para Ann Legeby (2010), a segregação é um fenômeno que expressa uma separação de pessoas, de funções e de atividades. Assim como para Milton Santos (1979), a autora julga que as separações existentes na sociedade são refletidas no espaço. Desta forma, a segregação se materializa nas localizações dos equipamentos urbanos e nos fluxos de deslocamentos diários dos indivíduos, assumindo não somente diferenças de acesso, mas também de poder entre grupos sociais.

Da mesma forma, para Olsson Hort (1995), a segregação é composta por um grau de hierarquia de poder entre múltiplos grupos, manifestando-se como uma forma de distância social, sendo assim um fenômeno estritamente espacial. Neste sentido ainda, Villaça afirma que ela é o resultado de uma luta por localizações e que “a segregação é a mais importante manifestação espacial-urbana da desigualdade que impera em nossa sociedade” (VILLAÇA, 2011, p. 37).

Essa análise sobre as diferentes localizações no território pode ser vinculada à ideia de territorialidade. O conceito diz respeito, segundo Raffestin (1993, p. 158), a “(...) multidimensionalidade do vivido territorial pelos membros de uma coletividade, pelas sociedades em geral”. Além de incorporar uma dimensão espacial de determinada zona ou região, por estar diretamente relacionada com o modo como as pessoas utilizam a terra, a territorialidade também diz respeito ao comportamento territorial, à maneira como os indivíduos se organizam no espaço, o significado que dão ao lugar, e as relações culturais e econômicas que estabelecem.

A localização de difícil acesso diz respeito à segregação espacial e aborda a homogeneidade social em uma determinada área urbana. Diz respeito à concentração, dentro de uma mesma área residencial, de pessoas que reúnem características semelhantes entre si, ou seja, “é um processo dialético, em que a segregação de uns provoca, ao mesmo tempo e pelo mesmo processo, a segregação de outros” (VILLAÇA, 2001). Assim, segundo Sugai (2015, p. 35), viabiliza o controle do processo de produção do espaço urbano pela classe

dominante e a reprodução das relações de dominação, enfatizando "a construção de uma estrutura espacial de poder (...), essencial à sobrevivência do capitalismo e das relações de dominação".

A segregação social, por sua vez, trata especificamente da restrição da interação, capaz de operar em diferentes escalas de interações sociais entre grupos, classes ou etnias. Netto et. al. (2010) relacionam essa abordagem aos padrões de apropriação do espaço urbano. Além de estarem vinculados às formas de atuar socialmente no espaço, tais padrões estão ligados à mobilidade e à capacidade de desempenhar atividades na cidade.

A separação dos distintos grupos sociais, assim como a diferenciação do espaço público, são os meios a partir dos quais a segregação urbana se estrutura (CALDEIRA, 2000). Por ocorrer em diversos lugares, como nas ruas, nas praças e nos parques, entre outros, é um processo que se materializa através das experiências dos diferentes indivíduos ao se deslocarem pelo tecido urbano (ÖSTH et al., 2018), sendo que as atividades exercidas por eles no seu dia-a-dia são essenciais para o entendimento da segregação urbana (LEGEBY, MARCUS e PONT, 2014).

A diferenciação de apropriação espacial existente nas cidades é abordada por Goulart e Bento (2011) e Rolnik (1999 e 2017). Para os autores, uma característica desse processo é o esvaziamento dos espaços públicos, tendo como consequência a restrição do convívio entre indivíduos diferentes, o que acaba por estabelecer um processo de redefinição tanto das relações sociais quanto das interações. Rolnik também considera que a segregação urbana se concretiza nas diferentes condições de infraestruturas no espaço público (ROLNIK, 2002).

Lefebvre (apud Botelho, 2007) reforça que tais manifestações estimulam e acentuam três características das cidades contemporâneas: a (1) homogeneização, que diz respeito à configuração de vias expressas, rodovias, cidades verticais e horizontais, seguindo uma repetição monótona de elementos distribuídos no espaço; a (2) fragmentação, que, através da separação do espaço segundo suas funções (de trabalho, de morar, de lazer, de circulação, de produção e de consumo), conseqüentemente gera espaços distanciados por barreiras visíveis e invisíveis responsáveis por extrapolar as relações sociais; por último, associada à segregação,

a (3) hierarquização do espaço urbano, a qual é determinada pelo distanciamento centro x periferia.

Desta forma, entendemos o processo de segregação socioespacial como um fenômeno complexo e que se evidencia de diversas formas, além de sustentarmos a ideia de que os estudos de segregação devem abordar tais manifestações. Estudos urbanos sobre a segregação das localizações residenciais precisam ser complementados por abordagens que levem em conta as variadas atividades urbanas desempenhadas pelos indivíduos. Pretendemos assim, com este trabalho, ampliar as abordagens relacionadas ao fenômeno da segregação urbana.

2.1 MODELOS DE SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL

A segregação relacionada aos lugares, mais do que ao comportamento das pessoas em si, pode ser reconhecida no trabalho de Charles Booth sobre os padrões de renda e de comportamento associados à localização das classes sociais em Londres, em 1889, utilizando a forma urbana para explicar a distância entre classes (Netto, 2014). Considerado o primeiro estudo de sociologia empírica da pobreza e da riqueza, Booth reuniu abundantes evidências sobre renda e padrões de emprego e desemprego, espacializando em mapas a situação de pobreza de cada distrito da cidade. Os mapas apresentam um delineamento da condição socioeconômica com base nos padrões e nas formas de trabalho, gerando uma classificação não somente dos graus de pobreza, mas também de acordo com os diferentes tipos de ofício (VAUGHAN, 2007). A Figura 1 a seguir demonstra em cinza escuro as ruas de classe média, em cinza médio a localização da classe trabalhadora e, por fim, em cinza claro a classe de maior pobreza.

Figura 1 - O trabalho pioneiro de Charles Booth demonstrando o mapa da pobreza no East End de Londres em 1889.



Fonte: VAUGHAN (2007)

Posteriormente, com o surgimento da Escola de Chicago na década de 1920, pioneira na pesquisa sistemática de temas urbanos, inaugura-se um novo campo de pesquisa na sociologia, o qual, mesmo focado no fenômeno urbano, buscava uma abordagem que considerasse o homem em seu meio social. Servindo de base para a elaboração de modelos de organização espacial, os estudos tinham o centro como referência e núcleo urbano dominante a partir do qual o território se organiza. Destacam-se os modelos urbanos de zonas concêntricas de Ernest Burgess [1925] e o modelo setorial de Homer Hoyt [1933].

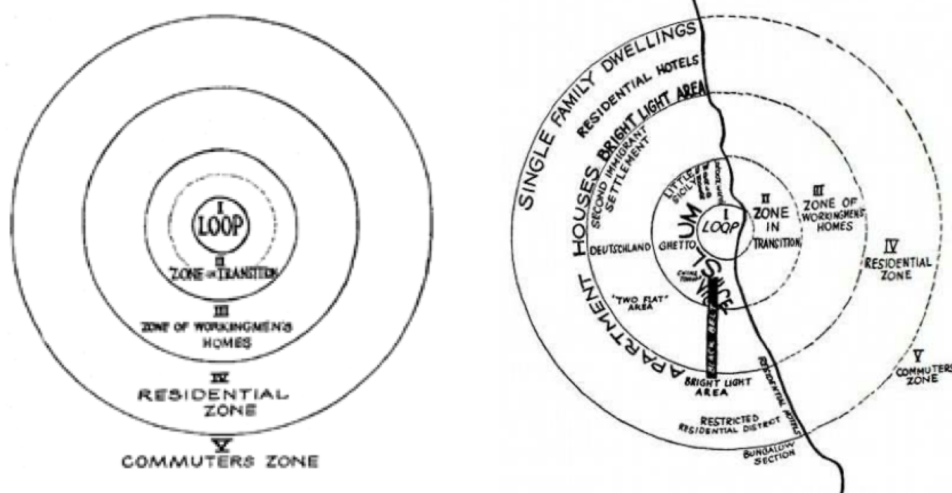
Burgess (1925), um dos principais pesquisadores da Escola de Chicago, desenvolve um estudo das relações sociais a partir da agregação de indivíduos socialmente similares. Com foco sobretudo nas áreas metropolitanas das cidades americanas que apresentavam um grande crescimento em decorrência da expansão do capitalismo industrial no início do Século XX, ele tem, como sua principal

contribuição, a Teoria das Zonas Concêntricas. O modelo de zonas socialmente distintas (figura 2) está baseado na divisão da cidade em um processo de crescimento urbano circular que se expande a partir do centro, formando zonas concêntricas caracterizadas por funções distintas e uma população homogênea, traduzindo, assim, a segregação urbana.

Constituindo um padrão de localização de áreas específicas, “gerado pela dinâmica econômica, grupos sociais diferenciados em função da renda, que cooperam produtivamente, ao mesmo tempo competem pelas melhores posições e vantagens no espaço urbano” (NETTO, 2014, p. 43), a zona central era ocupada pela classe com renda mais baixa, enquanto a classe alta se estabelecia na periferia, com maiores oportunidades de qualidade de vida e de segurança, gerando um distanciamento entre os diferentes.

No modelo de Burgess, percebemos que a estrutura da segregação urbana ocorre claramente pelas localizações residenciais, determinada pela organização espacial a partir de um centro de negócios, com preço da terra elevado e áreas de verticalização, circundado por uma área de transição, seguida por áreas residenciais operárias e, por fim, uma zona destinada às moradias burguesas. A figura 3 ilustra as áreas urbanas dessa espacialização e as formas como elas são ocupadas.

Figuras 2 e 3 - O modelo de áreas concêntricas e as diferentes zonas da cidade proposto por Burgess; e as áreas urbanas propostas por Burgess.



Fonte: Burgess (1925, p.51 e p.55)

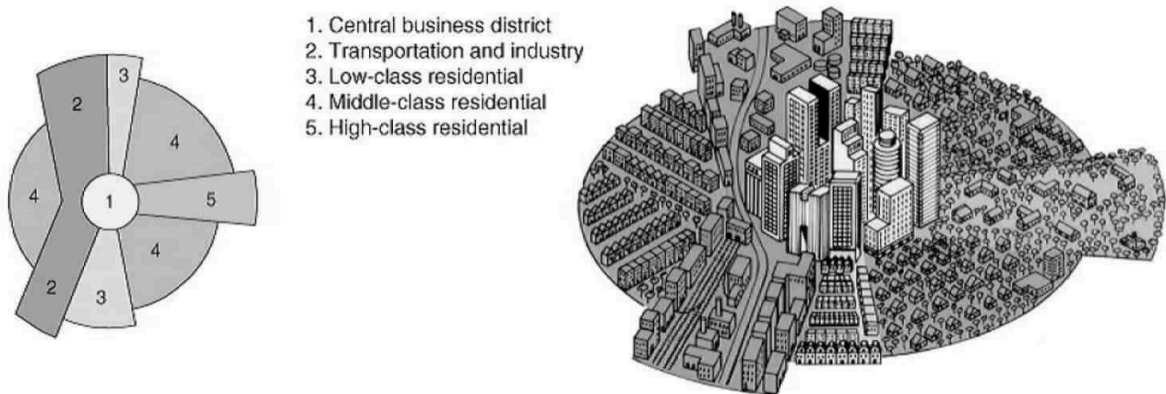
Conhecida como Ecologia Humana, a Escola de Chicago sustentava a relevância de estudar o meio social da mesma forma que o natural, possibilitando assim a investigação de fenômenos que permitiriam uma abordagem da cidade frente ao crescimento urbano.

Em um segundo momento, com o crescimento e a estruturação espacial das cidades passando a se relacionar diretamente com as questões socioeconômicas, Homer Hoyt (1933) propôs um modelo de estruturação do sistema urbano e das áreas de renda. Considerado um enfoque clássico da segregação residencial, e orientado fundamentalmente pela localização residencial dos grupos de maior renda, sua proposta tinha a finalidade de estimar o crescimento das áreas residenciais periféricas em detrimento da análise da estrutura total da cidade. Segundo o autor, os bairros em que a classe alta se estabelecia eram relevantes, pois, “no crescimento de uma cidade, o movimento das áreas de alta renda é, num certo sentido, a mais importante, devido ao fato que tende a puxar o crescimento da cidade inteira em sua direção” (HOYT, 1959, p. 42).

Conhecido como “teoria setorial”, o modelo está exposto na figura 4. Para Hoyt (1939), a cidade era estruturada por setores, e as áreas residenciais se regulavam de acordo com a renda dos indivíduos, sendo essa localização determinada pela qualidade dos espaços (VILLAÇA, 2001).

Partindo do centro enquanto se estendia ao longo dos eixos de transporte, a organização espacial em forma de fatias era desenvolvida de acordo com as operações do mercado imobiliário e com a necessidade de habitação. A presença destes eixos de transporte determinavam, além da acessibilidade, um padrão de organização setorial contínuo e homogêneo, desde o centro até a periferia, marcando a presença da classe mais rica.

Figura 4 - Modelo setorial de organização interna das cidades proposto por Hoyt.



Fonte: Knox, McCarthy (2005, p. 35)

Com enfoque na localização e na morfologia urbana, as teorias da Escola de Chicago evidenciavam padrões de organização e concentração da cidade. No entanto, nesses modelos o espaço se estabelece apenas como suporte para os processos sociais, ignorando importantes fatores que operam na cidade, como a articulação entre sociedade e espaço, por exemplo. Assim, o método utilizado para o reconhecimento desses padrões pode ser considerado controverso (GOTTDIENER, 1993), apesar de influenciar muitos autores desde a década de 1940 até os dias atuais, servindo de base para diversos estudos econômicos sobre centralidade.

Pinheiro (2014) destaca que a ciência urbana tomou como referência apenas o desenvolvimento das cidades norte-americanas, que, a princípio, apresentam uma realidade urbana bastante distinta da latino-americana. Somente a partir da década de 1970 outros autores trataram especificamente deste recorte. Dentre eles, a partir do modelo setorial de Hoyt, Villaça (2001) propôs esquemas para a representação das metrópoles brasileiras (Figura 5). Segundo o autor, por considerar a distribuição de renda como o principal elemento da diferenciação espacial das localizações residenciais, esse modelo é o que mais se aproxima da realidade das cidades brasileiras.

econômicos, ao mesmo tempo em que desconsidera fatores sociais, simbólicos, culturais e ambientais.

Com base em um modelo de cidade, é possível compreender a lógica de reprodução da segregação. Por meio de processos dinâmicos, o espaço urbano é concebido continuamente, tornando as formas, estruturas e funções insuficientes para interpretar o fenômeno urbano, sendo necessário considerar a relação entre espaço e sujeitos. A estrutura física da cidade permite identificar possibilidades de interesses e de movimentos dos indivíduos para a realização de suas atividades cotidianas, as quais, relacionadas com seus locais de moradia e considerando as diferentes condições socioeconômicas de cada grupo de renda de habitantes, dão suporte para reconhecer a probabilidade de compartilharem, ao mesmo tempo, um espaço comum.

2.2 PARA ALÉM DAS ABORDAGENS DE DIMENSÃO ESTRUTURAL

É importante reconhecermos a cidade não só como lugar de coexistência, mas compreender os diferentes níveis de segregação que ela incita, olhando o espaço para além das abordagens de dimensão estrutural (a segregação nos tipos de escolas, bairros, lugares de recreação, transporte e trabalho). Tais abordagens, segundo Villaça (2001), Marques (2010), Netto (2014), Rasse (2015) e Sugai (2015), geralmente consideram, no centro da análise, a segregação residencial ou espacial.

Neste sentido, Freeman (1978) e Netto (2014) sugerem que a segregação territorial modifique a sua ênfase, passando para um conceito de segregação que inclua a restrição das interações dos atores, ao mesmo tempo em que busca uma nova abordagem capaz de reconhecer a centralidade da presença do corpo na produção e também na reprodução da segregação. Para Mera (2014), a análise do espaço por meio do cruzamento de práticas evidencia as distâncias e as proximidades, reforçando-as como categorias relacionais constitutivas tanto das circulações de pessoas como das possibilidades de interação.

Uma mudança de perspectiva requer a compreensão de como o ambiente construído coloca o indivíduo e os recursos comuns em relação uns aos outros, devido à sua estrutura e morfologia, permitindo interpretar as formas com que encoraja ou desencoraja os diferentes a dividirem o espaço público (Legeby e

Marcus, 2011). Esses autores chamaram tal abordagem de segregação por interação, a qual se concentra nos processos que acontecem no espaço público e são, de certo modo, decorrentes da localização de moradias, estabelecendo-se assim, de maneira complementar a segregação residencial.

Da mesma forma, compreender a disposição dos sujeitos e a valorização que fazem sobre as oportunidades de contato é apontado por Rasse (2015) como uma base normativa que sustenta a confiança, a cooperação e o reconhecimento entre sujeitos desconhecidos, estruturando o que ela nomeia de indicador de coesão social. Quando diferentes indivíduos, de grupos sociais distintos, compartilham os espaços públicos das cidades, o (re)conhecimento dos outros pode ser alcançado. É neste contexto que a construção de uma solidariedade urbana pode emergir (LEGEBY, MARCUS e PONT, 2014; MACIEL e ZAMPIERI; 2018).

Lisboa (2017) enfatiza que alguns estudos têm apontado deficiências na abordagem da segregação pautadas na localização de moradias no centro da mensuração do fenômeno, uma vez que não levam em consideração e até mesmo ignoram as experiências dos indivíduos em outros espaços da cidade. Como uma alternativa a este padrão de análise, Feitosa e Lisboa (2017) adotam o conceito de "espaço de atividades", que considera todos os locais em que o indivíduo realiza suas atividades. As autoras destacam a importância de examinar a segregação não apenas sob o ponto de vista do local de residência, mas também incluir a presença de distintos grupos socioeconômicos em diferentes localidades para a realização de suas atividades cotidianas, incorporando novas perspectivas analíticas e possibilitando assim leituras diferenciadas acerca do fenômeno no território.

2.3 A SEGREGAÇÃO NOS ESPAÇOS DE ATIVIDADES

O conceito de "espaço de atividades" tem uma longa história na literatura geográfica (Wong e Shaw, 2011). É empregado para descrever o comportamento espacial dos indivíduos, tendo surgido a partir da investigação realizada em contextos ambientais urbanos de larga escala pelos geógrafos comportamentais americanos John Jakle, Stanley Brunn e Cutis Roseman durante as décadas de 1960 e 1970. Os estudos mantinham o foco em como se davam as percepções dos indivíduos acerca dos lugares. Este direcionamento das abordagens sobre

segregação permitiu compreender que "os lugares ocupados pelas pessoas relacionam-se, em parte, com o processo da comunicação humana, ao revelarem muito sobre a identidade social dos indivíduos" (LISBOA, 2017, p. 33).

Intimamente ligados ao papel de cada pessoa dentro da sociedade, os "espaços de atividades" configuram-se como importantes manifestações do cotidiano. Constituem-se em um processo por meio do qual o indivíduo obtém informações ao mesmo tempo em que atribui significados ao ambiente que ocupa, à medida que percebe o território e direciona a sua permanência e circulação pelo espaço (LISBOA E FEITOSA, 2016). Tanto os aspectos temporais (quando) quanto por onde (aspectos espaciais) o indivíduo se move são produtos definidos pelo conjunto de locais de atividades que ele deseja ou necessita participar (LISBOA, 2017).

Por serem elementos do comportamento espacial, os "espaços de atividades" têm relação essencial com o conceito de territorialidade. "O contato direto tem uma influência importante na forma como definimos territórios, tanto em nível individual como de grupo. Os territórios, uma vez percebidos, bem como formalmente definidos, agem limitando e direcionando nossas viagens pelo espaço" (JAKLE et al., 1976 *apud* LISBOA, 2017).

De acordo com Lisboa (2017), os indivíduos são capazes de mudar seus trajetos e seus destinos na cidade a fim de evitar o que ela chama de "áreas de estresse". Tais áreas, fortemente relacionadas com a segregação, dizem respeito aos territórios ocupados por grupos socioeconômicos, étnicos ou etários diferentes. Neste sentido, a total interação do indivíduo com ou em resposta ao meio permite compreender as suas relações com o ambiente social e espacial circundante, além de examinar os padrões de interação no espaço. Para tanto, Jakle et al. (1976 *apud* LISBOA, 2017) dividem o conceito "espaço de atividades" em dois componentes significativos: **movimento**, que diz respeito aos deslocamentos e à apropriação do espaço feitos por indivíduos de e para vários locais de atividade; e **comunicação**, através de canais de comunicação interpessoais, como telefone e e-mail, ou por jornais, revistas, rádio e televisão.

Podemos dizer, então, que as dimensões espaciais da interação social estão relacionadas diretamente com esses dois componentes básicos dos espaços de ações, sendo que o "espaço de atividades" representa as relações primárias,

baseadas no contato face a face entre os indivíduos em seus ambientes sociais e geográficos, complementado pelas relações mais indiretas com o ambiente - os canais de comunicação - quando tais indivíduos estiverem separados (LISBOA e FEITOSA, 2016).

Logo, para a compreensão dessa circulação no território, é imprescindível analisar a convergência de indivíduos a espaços de atividades, onde potencialmente ocorrem os encontros, considerando, assim, não apenas os locais de moradia, mas também a sua mobilidade na cidade, principalmente a composição dos trajetos realizados por cada ator até os locais de interesse que frequenta.

Para Netto (2014, p. 82), “a complexidade de apropriação é associada ao grau de mobilidade e, portanto, à capacidade de gastos em atividades, transporte e modos de transporte utilizados”. Focado na geração das possibilidades da coexistência, ou de mundos sociais distintos na cidade e na formação de redes pessoais de socialização e de grupos, este autor relaciona os caminhos aos indivíduos que os percorrem, reconhecendo os diferentes atores e relacionando-os a afinidades em grupos ou classes, revelando assim sua influência na formação de redes de relações e reforçando que “a abordagem quase estática (...) das áreas segregadas não identifica os componentes da dinâmica social, tais como as situações de interação e movimentação dos atores, as quais compõem a vida social e nas quais repercute o problema de fato” (Netto, 2014, p. 45).

Por meio do cômputo dos índices de segregação, Flávia Feitosa e Flávia Lisboa (2017) reconheceram que localidades com composição populacional mais homogênea mas que recebem indivíduos de grupos ocupacionais diversos motivados pelo trabalho, apresentam segregação amenizada, reforçando assim a importância da presença de diferentes grupos sociais nas distintas localidades para a realização de suas atividades cotidianas.

Outro trabalho que é pertinente e serve de referência para esta pesquisa, a medida que estuda a mistura social de pessoas em espaços públicos, é o de Ann Legeby (2013). A autora realizou observações combinadas com questionário em nove praças importantes de uma cidade na costa oeste da Suécia, localizadas em zonas homogêneas de distintos bairros, com certo grau de integração com o entorno. Buscando traduzir o caráter essencial da copresença nesses espaços públicos, a mistura de pessoas foi avaliada a partir de seu local de moradia,

combinando tais informações geográficas e de trabalho. Os dados empíricos do estudo confirmam que na maior parte dos espaços, uma grande quantidade de indivíduos vive muito perto das praças, com baixo fluxo de pessoas que moram em outras localidades, reforçando a importância da correlação entre a configuração espacial e o movimento.

Como conclusão, o estudo demonstra que uma densa rede de espaços de alta centralidade, com capacidade de distribuir amenidades pelo espaço de forma eficiente, conectando o bairro ao seu entorno, contribui para a intensidade da copresença. No entanto, o estudo está focado fundamentalmente em análise de configuração espacial e não reconhece diferentes níveis de sociabilidade, que no nosso entendimento contribui para os estudos de segregação, visto que não basta apenas apropriar-se de um espaço, é preciso também nele interagir.

Recentemente, Laini Santos (2019) investigou a copresença e as restrições dos contatos sociais no nordeste brasileiro relacionando-os a aspectos morfológicos do ambiente urbano e às perspectivas socioeconômicas e individuais dos usuários. Considerando praças localizadas em bairros com características homogêneas no entorno, a autora realizou entrevistas estruturadas e mapeamento comportamental, a partir dos quais identificou que tanto a constituição física do território quanto o posicionamento social, econômico e cultural dos indivíduos são determinantes para o estabelecimento ou a restrição das relações sociais de contato, e sustentam as principais formas de desigualdade no espaço urbano. A pesquisa apresenta similaridade com outros estudos sobre segregação dinâmica, como o anteriormente apresentado, no que diz respeito a realidade do objeto estudado, principalmente no que se refere ao recorte espacial, contribuindo assim para as reflexões.

Neste sentido, com o intuito de entender o fenômeno por meio do estudo da coexistência nos parques urbanos, o presente trabalho destaca a importância de distanciar o olhar de abordagens estáticas, focadas na perspectiva residencial. Assim, com base na abordagem de diferentes grupos socioeconômicos para a construção de um estudo mais abrangente sobre a segregação espacial, o conceito de "espaço de atividades" será adotado como perspectiva de análise, pois remete a uma ideia de ação e de movimento cotidiano.

2.4 COPRESENÇA OU A NOÇÃO DE COEXISTÊNCIA

Termo de origem sociológica, copresença pode ser entendida como o ato de estar presente, ao mesmo tempo, em algum espaço (GOFFMAN, 2010; LEGEBY, 2013). Goffman (2010), sociólogo propulsor do assunto, considera que a copresença surge a partir do desenvolvimento da vida cotidiana e manifesta-se por meio das trocas que ocorrem no espaço social, sendo elas conscientes ou não.

Esta abordagem procura entender como o espaço interfere na maneira com que os indivíduos se movem e se relacionam com os outros, assim como investiga se o comportamento deles pode ser regulado pela presença de estranhos (HOLANDA, 2002). Sugere, ainda, pela maneira que as pessoas utilizam o espaço e como se relacionam a partir dele, que a copresença é requisito fundamental para a vitalidade urbana (GOFFMAN, 2010).

Embora a copresença ou a noção de coexistência influencie a expansão das relações sociais, ela não é, segundo Goffman (2010), garantia ou sinônimo para a interação social. É, portanto, condição indispensável para que ocorra o entendimento da espacialização das relações, qualquer tipo de interação social ou comunicação entre indivíduos (GOFFMAN, 2010; HILLIER, 1996; LEGEBY, 2013), pois o sujeito “(...) ultrapassa a individualidade que lhe é própria, expondo-o como sujeito relacional, ou seja, transformando-o em um ser no mundo com o outro” (FREITAS, 2017, p. 23).

Assim, estar no mesmo espaço ao mesmo tempo é indispensável para que os indivíduos se encontrem e para que haja coexistência (LEGEBY, 2013). Para tanto, é preciso reconhecer como acontecem as apropriações nos espaços públicos, de pessoas de diferentes grupos socioeconômicos, a fim de identificar possíveis condições nas quais elas possam estar copresentes e a partir desta oportunidade, moldarem situações de interação social, potencial estudado neste trabalho a partir da estrutura física da cidade.

2.5 SOCIABILIDADE E INTERAÇÃO SOCIAL

A sociabilidade pode ser entendida como o comportamento de quem vive em sociedade, ou seja, são as relações desenvolvidas pelos indivíduos no espaço. Estar

no mesmo espaço subentende encontrar pessoas e objetos e, neste encontro, encontram-se atrelados diferentes níveis de interação, que podem ser desde superficiais até mais profundas, as quais são capazes ainda de evoluir para outros níveis de sociabilidade. Assim, podemos dizer que a interação social é um processo voltado às relações sociais pelo qual vemos e reagimos às pessoas que estão em nossa volta (GOFFMAN, 2010).

Estar no mesmo espaço não significa necessariamente a ocorrência de interação social, podendo o espaço induzir ou não a sociabilidade e as relações de contato (TENÓRIO, 2012; NETO, 2017), mas, ainda assim, o compartilhamento de um determinado lugar apresenta-se como uma questão principal, sem a qual não existe interação (TENÓRIO, 2012). Podemos dizer, então, que o espaço é o resultado da condição da totalidade das relações sociais.

Todas as restrições de interação são formas de segregação no espaço, sejam elas relativas ao espaço físico ou não (FREEEMAN, 1978), e a proximidade espacial entre diferentes classes sociais não implica em uma maior interação entre elas (FEITOSA, 2005). No entanto, autores como Wong e Shaw (2011) sustentam que apenas a exposição entre grupos sociais já possui a capacidade de diminuir os efeitos negativos da segregação. Assim, podemos dizer que o compartilhamento de um mesmo espaço físico oportuniza a interface entre indivíduos dos mais variados grupos, moldando, eventualmente, as relações de contato.

Como base nesta afirmação, a teoria da estruturação, proposta por Giddens (1989), sugere que os múltiplos atores do espaço social são sempre reflexivos e possuem a capacidade de alterar seus comportamentos a qualquer momento, produzindo assim um fluxo constante de mudança social, além de gerar uma dualidade da estrutura, composta tanto por regras quanto por ações dos atores.

Através das interações entre os indivíduos e o próprio meio, os espaços são transformados (LEFEBVRE, 2001), ganhando novos sentidos e redesenhando as relações sociais neles estabelecidas, assim como aquelas existentes entre os próprios indivíduos.

Mehta (2019) utiliza a classificação dos relacionamentos desenvolvida por Lyn Lofland (1998)⁵, que, ao reconhecer que os espaços de uso cotidiano e coletivo

⁵ Estudo desenvolvido com base no trabalho conduzido por Fred Davis e Gregory Stone: Lofland, L. 1998. *The public realm: exploring the city's quintessential social territory*. New York: Aldine De Gruyter.

exigem uma taxonomia capaz de abordar a ampla gama de comportamentos sociais, sugere uma tipologia das relações sociais estabelecidas no espaço público, dividindo-as em sociabilidade passiva, fugaz e duradoura.

A "sociabilidade passiva" é uma forma de interação compartilhada, possuindo o importante papel de familiarizar indivíduos com pessoas que sejam diferentes entre si, fornecendo a base para o desenvolvimento do sentimento de empatia pelos outros e para a negociação de diferenças. Permite aprender vendo inúmeras pessoas, costumes, comportamentos e atividades novas, algumas até mesmo desconhecidas. Como exemplo, podemos citar a solidão pública (ato de estar só no espaço público), o espectador e a exibição, o relaxamento e a brincadeira (MEHTA, 2019).

Os encontros casuais que podem permitir oportunidades de contato de baixa intensidade e de curto prazo, como pequenos bate-papos e conversas entre estranhos ou entre estranhos que se conhecem de forma superficial, dizem respeito à "sociabilidade fugaz". Esses contatos breves constituem interações fáceis, de uma maneira relaxada e relativamente pouco exigente, podendo ser considerados possíveis começos de interações sociais mais profundas e duradouras, assim como de engajamentos entre indivíduos (MEHTA, 2019). Jacobs (2017) argumenta que, através de repetidos contatos de curto prazo, os indivíduos desenvolvem confiança nos demais habitantes da cidade que, de outra forma, poderiam ser totalmente estranhos.

Os relacionamentos relativos à "sociabilidade duradoura" são aqueles considerados íntimos, com associações significativas entre as pessoas. Por depender de um contato mais frequente e repetido entre os indivíduos, neste tipo de interação, o espaço público é considerado um lugar com capacidade de oferecer oportunidades de conectar ativamente conhecidos, amigos e a comunidade. Desta forma, ao aumentar a consciência e o compartilhamento de pensamentos e informações, a "sociabilidade duradoura" transforma-se em participação cívica, tornando-se significativa para a comunidade local e para a sociedade como um todo, emergindo assim um ambiente com capacidade de construção de capital social (MEHTA, 2019).

Por meio dessas formas de comportamento, os espaços urbanos passam a ser uma categoria operante na construção da identidade social, atuando tanto na

interação entre cidadãos quanto no processo de reconhecimento do outro. (LEGEBY, MARCUS E PONT, 2014, p. 3). Assim, a divisão desses espaços entre indivíduos de variados grupos sociais pode contribuir para um acréscimo de informações, bem como para o seu conhecimento a respeito dos outros.

2.6 SÍNTESE DOS CONCEITOS

A tabela a seguir apresenta uma síntese dos termos conceituais mais importantes apresentados no capítulo 2.

Tabela 1 - Síntese dos principais conceitos apresentados no capítulo 2.

Termo	Autor	Definição
Segregação	Freeman (1978)	Forma de restrição à interação envolvendo o espaço físico ou não
	Olsson Hort (1995)	Fenômeno estritamente espacial
	Ermínia Maricato (1996; 2010)	Apropriação desigual dos espaços
	Ann Legeby (2010)	Separação de pessoas, de funções e de atividades
	Flávio Villaça (2011)	Manifestação da desigualdade; luta por localizações na cidade
	Vinícius Netto (2014)	Forma de restrição da interação entre indivíduos
Segregação Espacial	Flávio Villaça (2001)	Localização de difícil acesso
	Maria Inês Sugai (2015)	
Segregação Social	Vinícius Netto (2010)	Restrição da interação, relacionada à mobilidade e à capacidade de desempenhar atividades na cidade
Copresença	Erving Goffman (2010)	Conjunto de diferentes pessoas que compartilham, ao mesmo tempo, um espaço comum
	Ann Legeby (2013)	
Sociabilidade	Erving Goffman (2010)	relações desenvolvidas pelos indivíduos no espaço
	Frúgoli Junior (2007)	Interação entre indivíduos diferentes ou de mesma classe social
Interação social	Erving Goffman (2010)	Diz respeito às relações sociais e a maneira como vemos e reagimos às pessoas a nossa volta

FONTE: Elaborado pela autora, 2022.

3 ESPAÇO PÚBLICO

Antes de compreender a expressão espaço público, é preciso primeiro pensar na definição da palavra público. Segundo Sennet (1988), o termo surgiu por volta de 1470, significando “bem comum na sociedade”, e somente cerca de setenta anos mais tarde a palavra adquiriu o sentido daquilo “que é manifesto e está aberto à observação geral” (1988, p. 30).

É uma expressão do espaço comum e, quando nos referimos aos espaços públicos, estamos tratando da identidade da cidade. Além disso, no espaço público também está introduzido um princípio de liberdade que o transforma em lugar de discussão e de deliberação, condição importante para o desenho de um espaço político, visto que, além da vocação e da diversidade de usos, nesses espaços se manifesta a essência da vida pública e cotidiana por meio das trocas e relações humanas, assim como dos conflitos e contradições da sociedade.

Ferrari (2004, p. 219) apresenta uma descrição generalista para espaço público em sua obra "Dicionário de Urbanismo", definindo-o como “qualquer área urbanizada inalienável, sem edificação e destinada ao uso comum ou especial dos indivíduos, como praças, parques, ruas, jardins, largos etc”. Desta forma, ao tratá-lo como sinônimo de logradouro e de espaço comum, o autor não aborda questões fundamentais que surgem quando se fala em espaço público, como as relacionadas à sua apropriação e significação.

Visto por tal ângulo, é importante estabelecer a definição teórica que adotaremos para espaço público ao longo deste trabalho. Sua definição é permeada por outros conceitos importantes, como sociabilidade, território, segregação, e podemos resumir a nossa noção de espaço público como o tipo de espaço constituído pela diferença entre os indivíduos de uma mesma sociedade, projetando relações que envolvem a igualdade de direitos através de normas e de regras de conduta. Para Gomes (2002), o espaço público é aquele em que exercemos a nossa cidadania e que tem uma condição de livre acesso a todos:

Respeitada e revivida, a despeito de todas as diferenças e discórdias entre os inúmeros segmentos sociais que aí circulam e convivem, ou seja, as regras de convívio e do debate devem ser absolutamente respeitadas (...). Por isso esse espaço é o *locus da lei*. Poderíamos dizer que o espaço público é o lugar das indiferenças, ou seja, onde as afinidades sociais, os

jogos de prestígio, as diferenças, quaisquer que sejam, devem se submeter às regras da civilidade (GOMES, 2002, p. 162).

Fundamentais para a dinâmica da vida urbana, os espaços públicos são locais de encontros, e é a qualidade dessas parcelas da cidade que irá influenciar o uso que as pessoas farão deles. Aberto a todos e possibilitando a interação entre desconhecidos, eles distinguem-se dos privados, que são restritos aos contatos familiares e entre iguais, característica que muitas vezes converge para uma imprevisibilidade das interações e até para o conflito. Ainda que os espaços públicos sejam de livre acesso a todos, emergem, no processo de interação, restrições sociais que fazem com que diferentes grupos se apropriem de distintas maneiras (Netto, 2014).

A valorização do espaço público está relacionada com a identificação com o lugar, atribuída à percepção dos diferentes indivíduos ou em virtude da presença de estímulos nele contidos. Esses estímulos, que constituem conjuntos de vida socioculturais diversos, são responsáveis pelas diferentes formas de apropriação, chamadas por Santos (2017, p. 58) de técnicas do espaço, e também ajudam na estruturação de um lugar. Segundo este autor, os lugares redefinem a maneira que cada ação ou objeto se insere em um espaço previamente estabelecido, modificando seu valor a partir do funcionamento concreto do conjunto, ao mesmo tempo em que alteram de forma significativa a sua apropriação.

Jane Jacobs (2017) considera que a constituição de um espaço público de qualidade, seja ele uma rua, uma praça ou um parque, atrativo aos usuários, ocorre fundamentalmente a partir de uma diversidade de usos com capacidade de atrair gente diferente o tempo todo. Desse modo, reforça a importância do distanciamento do olhar para as características do lugar, direcionando-o para as pessoas, à medida que um espaço urbano vazio, por mais belo e atrativo visualmente que pareça, não pode ser considerado bem sucedido.

Dessa forma, busca-se em Gehl (2006) a compreensão do espaço público como parcela da cidade onde ocorrem as práticas sociais. O autor classifica essas práticas baseado na possibilidade de escolha das pessoas para seus deslocamentos diários e para a realização de tarefas cotidianas, estabelecendo três categorias que

impõem exigências diferentes ao ambiente físico: atividades necessárias, atividades opcionais e atividades sociais.

Geralmente relacionadas a ocupações diárias, as atividades necessárias são aquelas de caráter obrigatório, como ir ao trabalho, à escola, fazer compras. São fundamentais para a sobrevivência e estão relacionadas e influenciadas por estruturas físicas na cidade, mesmo que nem sempre estejam localizadas espacialmente próximas. Outra questão fundamental diz respeito à sua realização independente da vontade, em condições climáticas que não sejam favoráveis ou em um espaço urbano que não ofereça o suporte necessário.

As atividades opcionais, por sua vez, são aquelas desempenhadas a partir de uma motivação, uma vontade. Estão atreladas a condições externas ideais, como o clima e as características espaciais atrativas do lugar. Podem ser um passeio, uma caminhada, alguma atividade que o indivíduo escolhe fazer. Podemos dizer que tais práticas são possíveis de serem desempenhadas nos parques urbanos.

Ocorrendo por necessidade ou por vontade, as atividades estabelecem relações das pessoas com os espaços públicos. A partir dessa interação, ocorre a copresença, da qual resulta a chamada atividade social. Nesse grupo são consideradas as atividades coletivas, não necessariamente físicas, podendo ser realizadas nos parques urbanos por contato passivo, como ver e ouvir as pessoas. Para o autor, quanto mais os indivíduos utilizarem os espaços públicos por vontade, maior será a recorrência de atividades sociais, e são nelas que se baseia a urbanidade.

Esses padrões de apropriação têm relação com as formas de atuar no espaço social. Estão diretamente vinculados com a possibilidade de mobilidade espacial dos indivíduos na cidade e a sua capacidade de desempenhar atividades nela, permitindo assim uma associação entre grupos de diferentes realidades socioeconômicas e distribuição espacial (NETTO, 2014).

O trabalho de Mehta (2019) também enfatiza a qualidade do espaço público para o estabelecimento dos relacionamentos sociais. Tanto o desenho do espaço quanto a sua gestão devem criar oportunidades que permitam aos indivíduos desenvolverem sua capacidade de envolvimento com outras pessoas em todos os níveis, incluindo associações significativas; e complementa que as regras e os costumes do lugar devem permitir interações fáceis, casuais e sérias.

No entanto, o espaço público como local de interação é questionado por Sennett (1988). O autor defende que as dinâmicas do cotidiano transformaram as áreas públicas em locais de passagem e não de estar, acarretando no seu apagamento como espaço de convívio, que permanece restrito aos que trabalham ou vivem na região, não havendo assim diversidade social. Afirma que as pessoas estão em público não para interagir, mas para exercer o direito de estarem sozinhos em público, reduzindo o conhecimento compartilhado de trato social ou civilidade a uma questão de observação. Neste sentido também, para Mehta (2019) a observação das pessoas é um dos comportamentos passivos mais comuns no espaço público.

Discutindo a possibilidade de gerar menores níveis de segregação ou de criar espaços de mistura entre pessoas de condições sociais opostas, o livro "*Cultura de Cohesión e Integración en Ciudades Chilenas*"⁶, a partir de um estudo empírico, apresenta resultados interessantes acerca da disposição ao contato com o outro. Os autores concluem que as interações no espaço público ficam mais evidentes em função de momentos efêmeros do que pela construção de vínculos. Consideram ainda que, embora superficiais, os contatos podem resultar em importantes efeitos simbólicos, auxiliando na exclusão ou construção de estereótipos, oportunizando também a criação de futuros vínculos: "a indiferença, que tradicionalmente foi catalogada como uma fragilização da coesão, emerge como um valor com potencial coesivo, na medida em que se torna, junto com as regras, uma base mínima para compartilhar os espaços (...)" (WORLMALD et al, 2013, p. 283). Neste sentido, o livro sugere que a disposição à convivência com o outro é relevante para a construção da copresença entre indivíduos de diferentes grupos socioeconômicos, o que seria uma estratégia de redução da segregação para além das formas urbanas e das questões sociais envolvidas.

A partir de uma análise da expansão das cidades, considerando-se desde Burgess (1925), Park (1933) e os trabalhos abordados pela Escola de Chicago [1915 - 1940], os quais foram anteriormente apresentados e discutidos, assim como observando as modificações ocasionadas pelo efeito da industrialização, manifestam-se novos fenômenos sociais que acarretam mudanças de ordem espacial e econômica, além de alterações de costumes e de formas de interação.

⁶ Livro de autoria de Guillermo Worlmal, Francisco Sabatini, Alejandra Rasse e María Paz Trebilcock.

Segundo Mendonça (2007), a partir do século XIX, a inserção de espaços públicos na malha urbana passou a ter como objetivo amenizar os aspectos impostos pela industrialização. No entanto, foi ao longo do século XX que o processo de apropriação de tais espaços tornou-se popularizado. Em meio a esse contexto, emerge um novo ambiente, marcado por desigualdades, surgimento de crimes e modificação nas formas tradicionais de controle social, outrora conduzido pela igreja, pela escola e pela família, gerando, assim, a necessidade de um controle público.

Essa mudança de paradigma de controle social é considerada por Davis (2009) como um elemento impulsionador da destruição do espaço público. Consequência de uma tentativa de segurança, o espaço público (democrático) dá lugar a espaços públicos de feição comercial, que se transformam em espaços privados voltados para consumidores de alta renda. Dessa forma, ao se retirarem dos espaços públicos, as classes mais altas os deixam para as mais pobres e para os sem-teto, diminuindo as oportunidades de encontro entre indivíduos com diferentes realidades socioeconômicas.

Ao corroborarem a questão, Andrade et. al. (2015) comparam as relações no espaço público, em geral formais e distanciadas, àsquelas de esfera privada, mais íntimas e coesas. Por meio dessa comparação, destacam que desvalorizar as interações no espaço público tendo como referência as interações que ocorrem na esfera privada apresenta-se como a fragilidade dessa indistinção.

Caldeira (2000) relaciona o processo de recolhimento das pessoas ao crescimento do crime, às questões de segurança no espaço público e à geração de novos padrões de segregação. Como consequência, a construção de muros, ao garantir o isolamento dos grupos de mais alta renda daqueles considerados perigosos, contribui para uma mudança na concepção da vida coletiva, em especial da convivência no espaço público, negando ideais de heterogeneidade, acessibilidade e igualdade.

Assim, para Souza (2008), "o espaço público é resultado de uma construção social ligada à necessidade de sociabilidade entre os homens, e nesse sentido é produto. Porém, na medida em que é construído se torna produtor de novas relações de sociabilidade (...) reconstruindo seu próprio papel como espaço". Logo, para compreendermos a sociabilidade existente no espaço público contemporâneo,

bem como a sua complexidade, é fundamental identificá-lo enquanto mercado e lugar de consumo com capacidade de produzir não só valor de troca, mas também segregação.

3.1 A CONSTRUÇÃO DA SOCIABILIDADE NO ESPAÇO PÚBLICO

O termo “Sociabilidade Urbana” foi firmado em estudos traçados inicialmente pelo sociólogo alemão Georg Simmel. Influenciado pela filosofia Kantiana⁷, Simmel tratava a realidade social dando ênfase nas interações que a constituíam ou dela provinham. Para ele, não havia relevância na análise da sociedade apenas pela perspectiva do indivíduo, mas sim nos indivíduos em interação com outros e com o meio (FRÚGOLI JUNIOR, 2007).

O conceito de sociabilidade, segundo Frúgoli Junior (2007, p. 27), passou a ter usos e significados cada vez mais abrangentes ao longo do Século XX, sendo atribuído a “relações cotidianas e familiares, costumes, festas e rituais, encontros etc”. Para este autor, a sociabilidade urbana pode ser classificada, de forma simplificada, de acordo com duas tipologias básicas: (1) interações entre diferentes e (2) interações entre iguais (de mesma classe social). Neste trabalho, estamos interessados nas relações existentes (ou possibilitadas) entre indivíduos de diferentes condições socioeconômicas.

A sociedade como uma unidade, bem como os sucessivos processos de diferenciação social, foram abordados a partir de variadas perspectivas ao longo do tempo (RASSE, 2015). Em constante interação com os inúmeros elementos dos sistemas que integra - as pessoas, os grupos, as instituições, os papéis sociais etc -, o homem estabelece relações de sociabilidade que possuem como base o conceito de rede. Estruturadas por laços específicos entre diferentes atores, as redes sociais envolvem desde a linguagem simbólica e as apropriações culturais até relações de poder capazes de estabelecer e manifestar padrões culturais, organizacionais, de pensamento e de ação, as quais acabam também por se refletir no espaço urbano.

Durkheim apresenta, em 1893, uma das primeiras e mais importantes abordagens sobre o assunto. O autor considera que, devido à solidariedade entre as partes, baseada na existência de crenças e de valores compartilhados visando um

⁷ Teoria filosófica que compreende os limites do conhecimento humano, classificando-o em conhecimento adquirido pela experiência e conhecimento pela observação.

fim comum, a sociedade desenvolveu a capacidade de trabalhar cooperativamente e de se manter como um todo, tornando a cooperação uma norma (Durkheim, 1995 *apud* RASSE, 2015).

Mauss (1999) colabora com a questão e aborda o indivíduo como parte de um grupo com valores sociais atribuídos aos bens e aos costumes, relacionando as trocas e as interações sociais ocorridas nas sociedades ocidentais por volta de 1920. O valor do bem não estava atrelado a um valor de troca, mas sim a um determinado círculo de relações, de maneira que tais bens estavam, assim como as trocas, restritos ao âmbito do espaço privado. Denominado economia do dom, buscava a acumulação do capital simbólico como reconhecimento, honra e nobreza, estabelecendo uma sociedade de mercado.

Essas trocas estão dotadas de poder simbólico, pois o “dom” simboliza o doador e o destinatário dele. Ricoeur (2006) também aborda o dom no que ele chama de percurso do reconhecimento, que, na condição de fundamento do domínio exercido pelas classes sociais, estabelece, tanto no reconhecer o outro como no desejo de ser reconhecido, o papel determinante para a vida coletiva. Para o autor, viver em sociedade exige um esforço contínuo desse processo, visando uma identificação de relevância para a sociedade, uma vez que propicia prestígio, consideração e aceitação.

Da mesma maneira, Bott (1976) aborda a constituição das redes a partir da formação das relações de vizinhança, utilizando o conceito como ferramenta para a análise de relacionamentos entre pessoas e as relações pessoais em múltiplos contextos. Como base para tal conceito, detém-se nos estudos sobre a família, âmbito no qual introduz o termo conectividade. Essa conexão das redes depende basicamente das relações familiares, embora aconteça no espaço público. Sua hipótese pretendia estabelecer uma relação entre classe social e nível de segregação dos papéis conjugais, visto que a estrutura da rede social determinava a conduta e, em especial, o lugar que seria ocupado na vida em sociedade.

William Foote Whyte (2005), na clássica obra da sociologia urbana “Sociedade de Esquina”, publicada em 1943, apresenta uma teoria para a interação social através do uso da linguagem no processo de homogeneização da dominação. No seu estudo, este autor problematiza sobre a organização de relações pessoais baseadas em um sistema de obrigações recíprocas, constituindo um elemento

fundamental para construir a mobilidade social em função de hierarquias, tanto sociais quanto simbólicas, de determinado grupo e do sentimento de pertencimento ao seu lugar de origem.

O mesmo autor analisa as relações - majoritariamente masculinas - que, ocorrendo no espaço público, surgem nas esquinas de um bairro marginalizado de Boston entre 1936 e 1940, o local da interação social, e defende a importância de observá-las para compreender as lógicas internas dos diferentes grupos e, entre eles, as relações estabelecidas a partir da figura de um líder. Tanto a hierarquia quanto a mobilidade social aconteciam em variados níveis e consolidavam-se em função da posição na estrutura do grupo e do sentimento de pertencimento ao seu local estabelecido, explicando a falta de interação entre os socialmente diferentes.

O estudo, focado em determinados tipos de indivíduos e não nas pessoas em geral, classifica-os pelas condições socioeconômicas, relacionando também características de comportamento relativas a cada grupo. Whyte (2005) apresenta uma divisão: os “rapazes de esquina”, sem expectativas de ascensão social; os “rapazes formados”, integrantes do grupo com capacidade de ascensão; os gângsters, provindos do tráfico de bebidas viabilizado pela Lei Seca que vigorou nos EUA entre 1920 e 1933; a segurança pública, mediada por práticas de suborno e extorsão, e as “figuras políticas aproximadas”, que exploravam a região como estepe para o poder.

Após quatro anos imerso no bairro e aproximando-se do cotidiano do local, o autor identificou que, embora marginalizada, a comunidade possuía uma extrema organização, com regras, formas de convivência e hierarquias próprias, características de locais esquecidos pelos poderes públicos. Os moradores que ele denominou de “rapazes de esquina” relacionavam-se apenas na escala do bairro, passavam seu tempo em esquinas movimentadas e carregavam o estigma de uma atitude deplorável. Não sendo o lugar de socialização dos “rapazes formados”, visto que estes estruturavam suas redes de relações na academia, a hierarquia social se mantinha, os contatos eram absolutamente triviais e a interação entre os diferentes grupos era limitada.

Jane Jacobs (2017), em "Morte e Vida de Grandes Cidades", também analisa as relações de contato ocorridas no espaço público e considera que a vida pública informal das calçadas tem relação direta com outras modalidades da vida

pública. Para a autora, “as cidades estão cheias de pessoas com quem certo grau de contato é proveitoso e agradável, do seu, do meu ou do ponto de vista de qualquer indivíduo” e acrescenta que:

A soma desses contatos públicos casuais no âmbito local - a maioria dos quais é fortuita, a maioria dos quais diz respeito a solicitações, a totalidade dos quais é dosada pela pessoa envolvida e não imposta a ela por ninguém - resulta na compreensão da identidade pública das pessoas, uma rede de respeito e confiança mútuos (...). A inexistência dessa confiança é um desastre para a rua. Seu cultivo não pode ser institucionalizado. E, acima de tudo, *ela implica não comprometimento pessoal* (JACOBS, 2017, p. 60).

Portanto, a existência de uma confiança pública informal é a base para a vitalidade da cidade. A sua inexistência contribui para o apagamento do espaço público como local de interação, dando lugar a um sentimento de medo e de insegurança, além de produzir impactos na vida urbana e de contribuir para o surgimento de um outro panorama socioespacial e de novas formas de sociabilidade.

A constituição de uma sociabilidade violenta e de uma menor disposição à interação social entre grupos heterogêneos de indivíduos em cidades latino-americanas tem sido um assunto recorrentemente abordado na literatura. Autores como Richard Sennet (1988), Teresa Caldeira (2000) e Mike Davis (2009), entre outros, enfatizam a restrição de sociabilidade do espaço público nas cidades contemporâneas.

Para Sennett (1988, p. 314), a transição da cidade constituída por espaços heterogêneos em direção às comunidades homogêneas fragiliza a essência da urbanidade, de maneira “que os homens podem agir juntos sem a compulsão de serem os mesmos”. O medo diante do desconhecido converte a claustrofobia em um princípio ético (SENNETT, 1988, p. 378).

A emergência de sentimentos como o medo urbano está vinculada, segundo Bauman (2009, p. 55), a um conjunto de transformações sociais e urbanas, tais como o crescimento dos índices de violência, o tráfico de drogas, a prevalência de altos índices de desigualdades sociais e a segregação socioespacial, entre outros aspectos. Essa realidade tem gerado impactos importantes sobre a vida urbana e

contribuído para o surgimento de um novo panorama socioespacial e de novas formas de sociabilidade.

3.2 PARQUE PÚBLICO URBANO

Importante componente da paisagem, os parques urbanos podem ser classificados como espaços livres por serem lugares disponíveis à população. No entanto, muitas dessas áreas que compõem as cidades são de domínio privado ou semi-privado, com ou sem edificação, como os recuos de jardim, os clubes, os terrenos vazios, por exemplo, e, assim, são melhor classificados apenas como espaços abertos. Neste trabalho, estamos interessados nas porções da cidade que são públicas, de livre acesso aos indivíduos.

Durante mais de vinte séculos, a praça foi o espaço público mais importante na vida urbana. No Século XVII, o parque emerge como demanda social e política, ao mesmo tempo em que se contrapõe ao ambiente de degradação. Com a urbanização das cidades, decorrência direta da Revolução Industrial, os espaços livres que serviam ao lazer foram reduzidos, surgindo a necessidade de criação de parques, de modo a institucionalizar o tempo livre dos trabalhadores. No Século XIX, o parque passa a ser entendido como realidade concreta, criada especificamente para o uso público (MACEDO & SAKATA, 2002; MOHR, 2003).

Sua concepção principal está ligada às questões de salubridade, à importância do contato com a natureza e ao encontro social. Desde a abertura do jardim da nobreza à população em geral, que, de acordo com Mohr (2003, p. 36 e 37) inicia-se "com o franqueamento pioneiro do Hyde Park em 1652, passando pela criação dos espaços específicos para este fim, (...) Central Park em 1858 e Volkspark em 1881, até os parques contemporâneos", podemos dizer que a funcionalidade dos parques urbanos manteve-se a mesma, somente com a introdução, no início do Século XX, de novas atividades esportivas, culturais e científicas.

No Brasil não foi diferente, mas talvez a ampliação da noção de espaço público tenha sido mais acelerada do que na Europa. Servindo principalmente à burguesia, com funções de lazer e de contemplação, de ver e ser visto, os parques e os jardins aristocráticos passaram, ao longo do tempo, por uma transformação

ideológica que os levou ao contato com o povo. A partir da metade do Século XX, ampliou-se a produção dos parques urbanos nas cidades brasileiras. Antes restritos às áreas centrais e aos bairros mais ricos, agora as suas construções passaram a se estender até as periferias (MACEDO & SAKATA, 2002; MOHR, 2003).

Localizado no tecido denso da cidade, o parque público urbano é um lugar com dimensões suficientes para abrigar diferentes atividades, lugares variados, equipamentos e pequenas edificações para usos diversos. Desta forma, a sua existência está relacionada diretamente com a dimensão da área que ocupa, visto que outros espaços vazios na cidade, por serem menores, não possuem tamanho suficiente para tais características e, portanto, não recebem tal classificação (MOHR, 2003).

Ao longo da história do urbanismo esses lugares tornaram-se importantes espaços de lazer e educação para a população, com funções estéticas e ambientais, com capacidade de contribuir para a preservação de recursos naturais (SOUZA SOUZA, 2018). Além dos aspectos ecológicos, geralmente considerados na concepção dos parques, pesquisas recentes em parques de cidades europeias e americanas consideram, além da participação dos usuários no planejamento e na gestão dos parques, aspectos sócio-culturais, do comportamento e da percepção (FRIEDRICH, 2007).

Essa relação da compreensão do espaço com a sociedade é, para Milton Santos, condição fundamental para estudar o espaço. Para esse autor, tal ligação permite conceber alguns elementos fundamentais, entender os efeitos dos processos de tempo e mudança, além de especificar as noções de forma, função e estrutura (SANTOS, 2014).

Para Jacobs (2017, p. 97), os parques urbanos são locais efêmeros. Pela possibilidade de constituírem elementos importantes para os bairros, passam por ciclos que vão desde intenso uso e valorização até o abandono, podendo ser sucesso ou fracasso, dependendo da utilidade que as pessoas fazem deles.

Com relação ao debate que pretendemos, este trabalho visa considerar o espaço público contemporâneo, a partir da cidade de Porto Alegre, por meio de um parque urbano linear margeado por um lago. A escolha por essa categoria de espaço público justifica-se pela complexidade das relações sociais nele

estabelecidas, as quais, acreditamos, possuem grande visibilidade pela amplitude e abrangência deste equipamento público no âmbito do espaço urbano.

3.2.1 Parque Urbano Linear

No século XXI surge o conceito de parque urbano linear, como alternativa ao crescente estado de degradação sócio-ambiental característico da maioria das áreas urbanas de países considerados em desenvolvimento. Conciliando aspectos urbanos e ambientais com as exigências da legislação e da realidade de cada local, o parque linear torna-se um equipamento estruturado de programas ambientais em áreas urbanas, sendo utilizado de maneira recorrente como instrumento de gestão e planejamento de áreas ribeirinhas (FRIEDRICH, 2007).

A origem do parque linear está em alguns países na Europa, em projetos inovadores como o Plano de Birkenhead Park, na Inglaterra (1843), que propunha um conceito de parque considerando aspectos ambientais vinculados a um sistema viário (GIORDANO, 2004); e o Plano para a cidade de Berlim, na Alemanha, entre 1840 e 1850, que, estabelecendo um sistema de parques e canais de comunicação com o rio Spree, visava a integração de soluções para assegurar a navegabilidade e a defesa contra as cheias (SARAIVA, 1999).

Por volta dos anos 1960, nos Estados Unidos, verifica-se a implementação de projetos urbanos em regiões ribeirinhas, voltados para a criação de áreas relacionadas ao turismo, à cultura e ao lazer, visando alimentar a economia urbana das cidades. Na América Latina, por sua vez, não encontramos uma amostragem significativa de projetos de intervenção em projetos de frente d'água de grande escala (ALVIM et. al., 2018).

No Brasil, os parques lineares surgem geralmente vinculados a áreas residuais, lineares e contínuas, degradadas, em estado de abandono ou sem uso definido, como um instrumento com capacidade de (re)valorizar a qualidade do espaço urbano. De maneira recorrente, estas áreas são frutos de intervenções viárias realizadas para a ligação de regiões centrais com áreas de expansão territorial, e muitas vezes formadas a partir de aterros oriundos de desmontes de morros (FRIEDRICH, 2007).

Ao contrário de um parque isolado, com desenho geométrico regular e limites bem definidos (GALENDER, 2005), por meio de planos urbanísticos, o parque linear tem como objetivo valorizar o desenho da paisagem urbana, estabelecendo uma continuidade espacial e relacionando os espaços abertos aos construídos da cidade.

O conceito contemporâneo de parque linear, para Magalhães (1996), propõe a preservação de estruturas fundamentais da paisagem, assumindo inúmeras e diversas formas e funções, que vão desde o espaço de lazer, à ruas ou praças, e ao enquadramento de infra-estruturas e edifícios. Essa condição apresenta-se de maneira relevante, pois agrega o uso humano em áreas naturais, até então normalmente dissociadas.

Além de privilegiar atividades de lazer como caminhadas, corridas e ciclismo, propiciando qualidade de vida e de saúde, Marcus e Francis (1998) destacam outras potencialidades da forma linear para a implantação de parques urbanos, como a conectividade com o contexto adjacente permitindo grande acessibilidade ao parque, promovendo movimento e animação; a ocupação de vazios urbanos ou áreas abandonadas; a relação do parque com os atributos ambientais que somados a forma linear permitem a concepção de caminhos com paisagem verde contínua, conseqüentemente protegidos de sol, calor e ruídos; e a solução de infraestruturas através da incorporação de modelos de drenagem para estruturar estes espaços abertos.

Corroborando, Alexander (1980) considera a conexão do projeto com o contexto urbano adjacente um dos principais condicionantes para o bom desempenho desse tipo de projeto urbano destinado, fundamentalmente, ao lazer. A ideia de conectividade do parque com seu bairro adjacente pode ser potencializada, segundo Scalise (2002), a partir da oferta de atividades adicionais a possíveis lugares de interesse, como campos, escolas, bibliotecas, quadras, centros comerciais, esportivos, médico, cultural, de lazer, profissionalizante, exposições, feiras, serviços etc.

Uma solução recorrente para esse tipo de equipamento é a organização a partir de pólos de atração ou núcleos temáticos, interligados por calçadas, ciclovias e faixas de vegetação. Rapoport (1978) sugere sistemas de movimento, como o sistema viário, um sistema de praças unidas por percursos, ou mesmo um conjunto de edifícios lineares, também unidos por percursos.

Por fim, é importante destacar que, com a capacidade de promover uma transformação física e espacial nas cidades, os projetos urbanos de requalificação de regiões ribeirinhas são instrumentos de planejamento e gestão urbana que visam à substituição ou transformação de morfologias e do solo subutilizado. Esta mudança depende da renovação da imagem urbana existente por meio da valorização da paisagem natural e sua reconciliação com o contexto urbano pressupondo um equilíbrio entre estratégias de dimensões sociais, econômicas e ecológicas.

3.2.2 Parques Urbanos de Porto Alegre (RS)

Porto Alegre é reconhecida como uma cidade com grande tradição no desenvolvimento de planos e projetos urbanos e, assim, desde o início do Século XX, tem estruturado as suas dinâmicas de crescimento com base em estudos, planos e projetos que expressem novos conceitos em termos de planejamento espacial da cidade.

Na década de 1940, em uma estratégia de expansão da cidade, o então denominado Plano Gladosh previa um plano de aterro e loteamento, área que originou o Aterro Praia de Belas (figura 6). Realizado pelo Arquiteto Carlos Maximiliano Fayet, pelo Urbanista Edvaldo Ruy Pereira Paiva e pelo Engenheiro Demétrio Ribeiro, o projeto previa ainda a implantação de um bairro residencial modelo, com edificações perimetrais, além da criação de um parque linear com traçado francês (FONSECA, 2017), local que deu espaço, entre outros, ao atual Parque Urbano da Orla do Guaíba.

Figura 6 - Aterro Praia de Belas, final da década de 1960. Ao fundo, os edifícios do bairro Centro Histórico. Direita, bairro Cidade Baixa.



Fonte: MARQUES, 2011.

Mais tarde, em 1959, o primeiro plano diretor da cidade foi instituído pela Lei n. 2046/59. Propunha um modelo urbanístico baseado em princípios da doutrina modernista, enfatizando a importância do zoneamento e o uso do solo como elementos fundamentais na organização do espaço urbano (NYGAARD, 2005). Com o passar do tempo, o resultado das premissas estabelecidas neste plano diretor acabaram por desencadear um processo de verticalização das construções, alterando significativamente a morfologia da cidade (JESUS, 2016).

Em contraponto, e visando manter as condições de higiene da cidade, o referido plano passou a exigir a doação de 2% da área total de novos loteamentos para a rede municipal de parques. Nesse período, para a gestão dos espaços públicos de áreas verdes da cidade, foi criada a Secretaria Municipal do Meio Ambiente (SMAM), a primeira deste tipo no país. Em 1977, Porto Alegre contava com 151 praças e 03 parques urbanos: Farroupilha, Moinhos de Vento (que até hoje configuram-se como os mais significativos parques da cidade) e Saint-Hilaire (SOUZA, 2008).

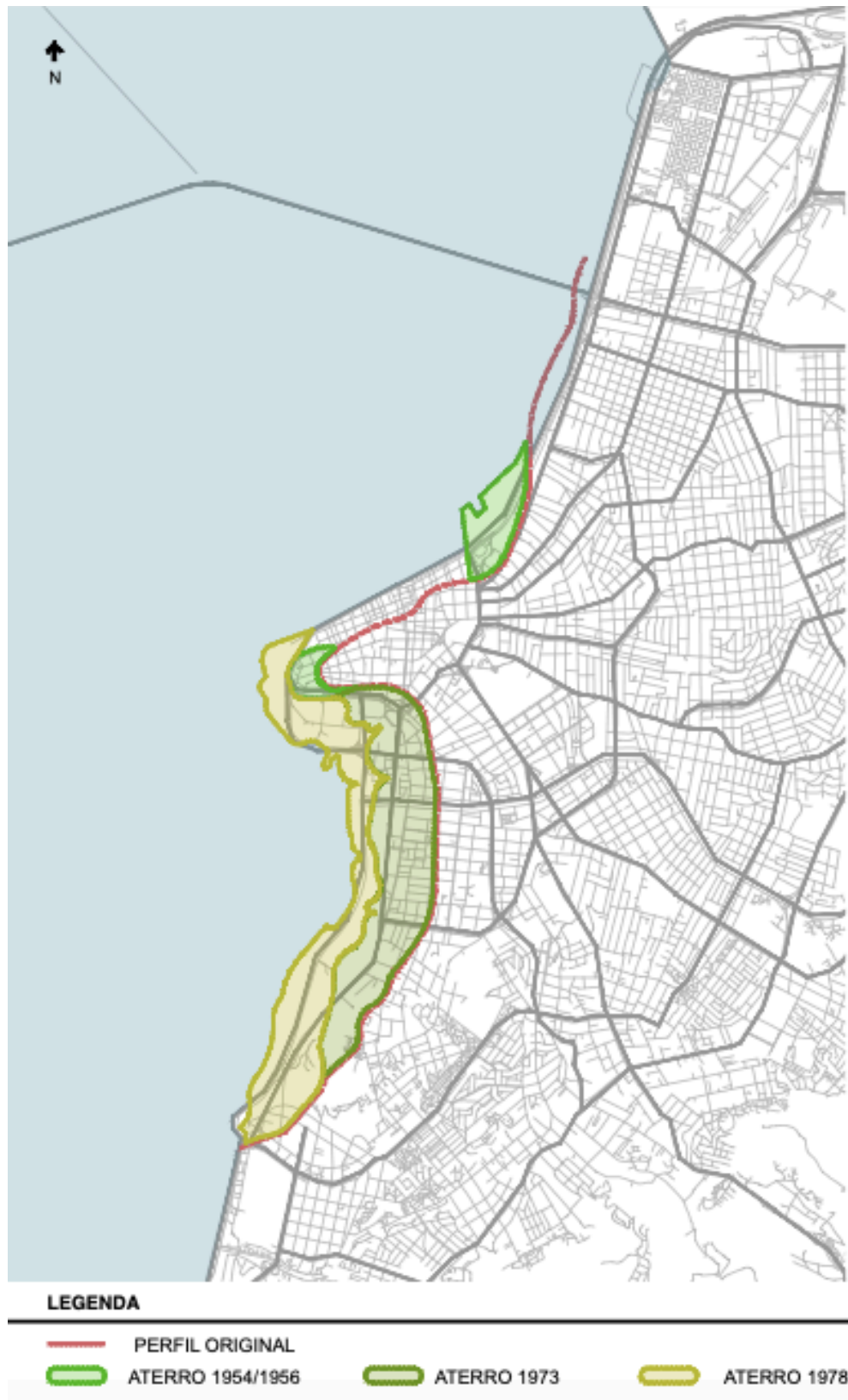
Atualmente, o Município de Porto Alegre possui, segundo a SMAM, 09 (nove) parques urbanos que, juntos, somam cerca de 255,36 ha, abrangendo desde áreas de preservação até espaços de lazer e contemplação. Dentre estes, o Parque Urbano da Orla do Guaíba possui grande relevância para a cidade, motivo pelo qual é objeto de análise dessa pesquisa. O parque selecionado para o desenvolvimento do presente estudo, nas porções que correspondem à Orla Moacyr Scliar e à Orla Jaime Lerner, é pertinente por sua localização de borda, estratégica e excepcional na cidade, além de sua recente requalificação que tem como premissa o resgate das articulações físicas e funcionais entre o território urbano e as águas do lago Guaíba.

Não suficiente, ao contrário dos parques mais tradicionais da cidade, que apresentam características que se reproduzem ao longo do tempo, o Parque Urbano da Orla do Guaíba está implantado em uma região que, apesar dos sucessivos estudos e propostas, sempre manteve um histórico de contradições e indefinições, não estabelecendo de maneira clara a relação entre o lago, a área do parque e a cidade.

3.2.3 Parque Urbano da Orla do Guaíba (Orla Moacyr Scliar e Orla Jaime Lerner)

A cidade de Porto Alegre é margeada pelo lago Guaíba, e sua orla possui aproximadamente 70 quilômetros de extensão, divididos em orla norte e orla sul. No passar do tempo, esta borda da cidade recebeu sucessivos aterros (figura 7) que modificaram não só o território, mas acabaram por afastar a cidade da paisagem natural, estabelecendo uma condição de distanciamento que fragilizou as articulações cidade x água.

Figura 7 - Os sucessivos aterros na orla de Porto Alegre.



Fonte: Elaborado pela autora com base em FONSECA, 2017 e no Sistema Cartográfico de Referência de Porto Alegre, 2020.

O presente trabalho considera a porção sul da região ribeirinha, especificamente a área de aterro idealizada na década de 40 e efetivada entre as décadas de 50 e 70, recorte exemplar pelas contradições que acompanharam o seu processo de concepção, pelo aspecto excepcional (localização, forma e paisagem) e pelo recente projeto de requalificação que constitui uma tentativa de resolver o desafio urbanístico de relacionar cidade e lago.

Seja no todo ou em partes, Porto Alegre recebeu, em vários períodos de desenvolvimento, estudos de remodelação que buscavam estabelecer diretrizes adequadas ao seu crescimento. Devido às suas características paisagísticas, desde a primeira década do século XX a área do aterro da Praia de Belas foi um dos principais focos destes estudos urbanísticos e de planos de conjunto.

A partir da revisão de normativas urbanas, o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental (PDDUA) de 1999 classificou a orla do lago Guaíba, na região da Praia de Belas, como “Área de Revitalização”, dando início a um ciclo de elaboração de estudos com o intuito de resgatar as articulações entre o território da cidade e as suas águas. Os estudos não são categorizados propriamente como planos urbanos. Trata-se de um conjunto de relatórios técnicos e diretrizes projetivas desenvolvidos pelo Grupo de Trabalho da Orla (GT Orla), formado por técnicos da prefeitura de Porto Alegre e sob a coordenação da então Secretaria de Planejamento Municipal (SPM).

Denominado “Diretrizes Urbanísticas para a Orla do Guaíba no município de Porto Alegre”, o primeiro estudo foi elaborado em 2003, dividindo os 70 quilômetros de borda compreendidos entre a Usina do Gasômetro (orla norte) até a Praia do Lami (orla sul) em setores. Além disso, indicou as peculiaridades de cada um deles, estabelecendo diretrizes gerais e específicas de uso e ocupação (PMPA, 2003).

Posteriormente, o segundo estudo, denominado “Relatório Orla: Condições Atuais, Possibilidades e Instrumentos para a Qualificação e o Resgate da Orla de Porto Alegre” e elaborado em 2006, mantém o foco em alguns setores definidos no estudo anterior. No trecho compreendido entre a Usina do Gasômetro e a Ponta do Dionísio (Figura 08), é proposto um plano estratégico de qualificação urbana, de acordo com as suas potencialidades (PMPA, 2006).

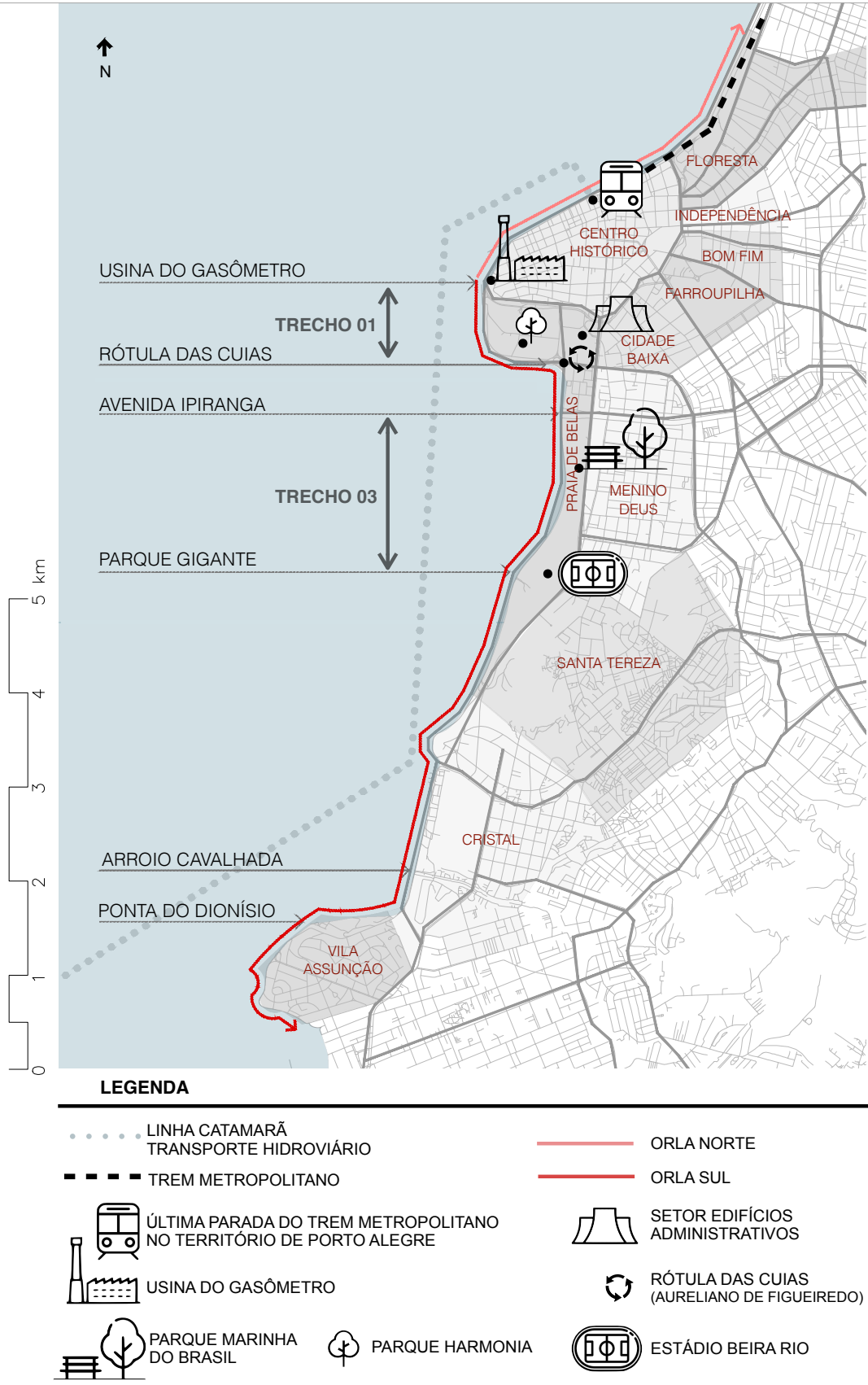
O terceiro e último estudo, “Diretrizes de Desenho Urbano para Orla Central”, foi elaborado em 2010, contendo propostas arquitetônicas com alternativas

de uso esportivo e de lazer para os setores dito “prioritários” na orla (PMPA, 2011). O documento enfatiza que todos os estudos anteriores eram pautados pela noção de “resgate” de uma relação entre a cidade e o rio, embora não seja evidente a existência dessa suposta relação para que fosse “resgatada” no presente.

Com base em tais estudos, e impulsionado pelo conjunto de intervenções de renovação dos Grandes Projetos Urbanos (GPU’s) desenvolvidos para qualificar Porto Alegre como uma das sedes dos jogos da Copa do Mundo FIFA 2014 no Brasil, deu-se início, no ano de 2011, à elaboração da proposta de Requalificação do Parque Urbano da Orla do Guaíba. O primeiro passo foi a contratação do escritório do arquiteto e urbanista curitibano Jaime Lerner por “notório saber”, sem a realização de um concurso público, modalidade preferencial de acordo com a legislação federal de licitações (Lei n. 8666/93).

A etapa inicial diz respeito a um Plano Conceitual de Ocupação que compreende o trecho entre a Usina do Gasômetro e o Arroio Cavallhada (na região da Ponta do Dionísio), totalizando cerca de 5,9 km e 56,7 hectares (figura 8). É pautado por duas premissas: a primeira é a tradução do conceito geral da proposta em elementos edificados e naturais que se repetem ao longo do parque. A segunda premissa é a introdução de elementos específicos de acordo com a vocação pertinente a cada trecho (PMPA, 2012).

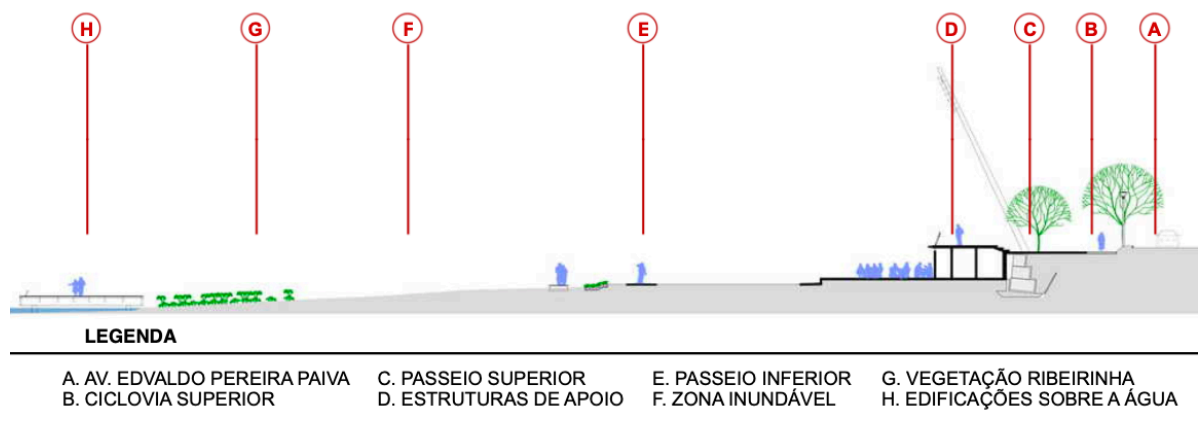
Figura 8 - Abrangência do plano estratégico de requalificação urbana da orla.



Fonte: Elaborado pela autora com base no Sistema Cartográfico de Referência de Porto Alegre, 2020.

Em termos básicos, há quatro elementos que constituem o parque como um todo (figuras 9 e 10): patamares, ciclovia superior, passeio inferior e, contíguo à avenida/dique, estão localizadas estruturas de apoio aos usuários, como bares, quiosques, sanitários, depósitos, vestiários e módulo de segurança pública (PMPA, 2012).

Figura 9 - Corte esquemático do Parque Urbano da Orla do Guaíba. Os diferentes tipos de espaços, níveis e equipamentos propostos.



Fonte: PARQUE (2018) com adaptações da autora, 2020.

Entre as porções A e D, é proposta uma faixa de vegetação, somada ao passeio público e à ciclovia. O item D corresponde à estrutura de um dique de contenção de enchentes, abrangendo os elementos construídos do parque, pontos de animação e estruturas de apoio ao público. A relação entre o topo do dique e os patamares intermediários do parque ocorre por intermédio de rampas e escadarias que contornam toda a borda. A cobertura dos elementos construídos constituem mirantes que estabelecem a conexão visual entre cidade e lago. O piso dessa porção intermediária (entre D e E) respeita uma cota de 2,50 metros, a salvo das enchentes periódicas, exceto as excepcionais. A faixa mais baixa, na região ribeirinha (F, G e H), forma a área definida como espaço de encontro, contemplação e lazer. Entre esta faixa e a anterior (E), identifica-se um passeio que se estende longitudinalmente por todo o parque (PMPA, 2012).

Figura 10 - Vista aérea da Orla Moacyr Scliar. Esquerda, a recente intervenção do parque e as diferentes faixas de uso da Av. Edvaldo Pereira Paiva. Direita, os edifícios do bairro Centro histórico. Ao fundo, a Usina do Gasômetro.



Fonte: PARQUE, 2018.

Figura 11- Vista da orla, na região da Usina do Gasômetro, antes da revitalização. Primeiro plano, faixa de areia da orla e a Av. Edvaldo Pereira Paiva. Ao centro, Praça Júlio Mesquita e a estrutura desativada do aeromóvel. Direita, Usina do Gasômetro e os armazéns do Cais Mauá. Esquerda, os edifícios do bairro Centro Histórico.



Fonte: PREFEITURA, 2015.

Visando indicar medidas que reduzam e compensem impactos negativos, em 2012 foi aprovado o Estudo de Viabilidade Urbanística (EVU) para os 1,3 km de orla correspondentes ao primeiro trecho, denominado Orla Moacyr Scliar, localizado entre a Usina do Gasômetro e as imediações da Rótula das Cuias (figura 8), com 8,64 hectares de área.

Os relatórios elaborados pela Secretaria de Planejamento Municipal, assim como os estudos e diagnósticos preliminares, não apresentam registros de participação do público, o que permite afirmar que as percepções da população sobre este espaço de relevância para a cidade e significativo para os moradores não foram considerados. As diversas manifestações da população, as repercussões polêmicas sobre o projeto de revitalização (REVITALIZAÇÃO, 2013) e as duras críticas durante a audiência pública de apresentação do projeto realizada em 2013 (MUITO, 2013; EM, 2013), feitas justamente pela falta de diálogo, demonstram o desejo de participação popular na elaboração das propostas para a área. Dentre as principais críticas, podem ser listadas a excessiva quantidade de concreto que conformam as arquibancadas e os espaços comerciais, a pequena presença de bancos e de arborização no setor e a falta de proposição de alternativas para o comércio informal de alimentos, bastante consolidado no local.

No entanto, a despeito de tudo isso, as obras do primeiro trecho foram finalizadas em junho de 2018 e o parque restou inaugurado. Apesar das duras críticas prévias, a intensa presença de usuários nos primeiros finais de semana após a sua abertura (figura 12) permanece constante e demonstra a relevância do espaço e a urgência de estabelecer uma conexão entre cidade e borda.

Figura 12 - A Orla Moacyr Scliar e o movimento de visitantes no primeiro final de semana após a inauguração. Ao fundo, a Usina do Gasômetro. Direita, as arquibancadas e os postes inclinados que formam a imagem icônica do parque.



Fonte: ORLA, 2018

Figura 13 - Vista da orla antes da revitalização. Frente, área inundável do parque. Direita, bancas de vendedores ambulantes. Fundo, Usina do Gasômetro.



Fonte: USINA, 2013.

A revitalização do trecho 3, compreendido entre a área da foz do Arroio Dilúvio, na Avenida Ipiranga, até o início do Parque Gigante - área privada do Sport Club Internacional (figura 8), mantém a mesma solução e implantação de elementos que constituem o parque no trecho 01. No entanto, assume caráter esportivo, e contempla quadras esportivas e a maior pista de skate da América Latina. Este trecho, denominado Orla Jaime Lerner, foi inaugurado em outubro de 2021 (figura 14). Os demais trechos encontram-se em etapa de desenvolvimento⁸.

Figura 14 - Orla Jaime Lerner no primeiro final de semana após a inauguração. Esquerda, as faixas de rolamento da Av. Edvaldo Pereira Paiva. Centro, o passeio público, os mirantes e as quadras esportivas. Fundo, o estádio do Esporte Club Internacional (Estádio Beira Rio). Direita, o Lago Guaíba.



Fonte: TRECHO, 2021.

⁸ O trecho 2, compreendido entre as imediações da Rótula das Cuias e o Anfiteatro Pôr-do-Sol, não possui projeto definido e mantém-se com a infraestrutura existente, sem intervenções. A proposta em andamento leva em consideração exigências que contemplam a identidade de gênero, propostas pelo Instituto Semeia na cartilha “Parques para Todas e Todos - Sugestões para a implantação de parques urbanos com perspectivas de gênero” (A ORLA, 2020; IDEOLOGIA, 2020).

Figura 15 - Vista da orla, na região das quadras esportivas, antes da revitalização. Esquerda, o Lago Guaíba e as quadras poliesportivas. Direita, passeio público e a Av. Edvaldo Pereira Paiva.



Fonte: MEIO AMBIENTE, 2008.

A Orla Moacyr Scliar e a Orla Jaime Lerner fazem parte de um todo maior, o Parque Urbano da Orla do Guaíba, com trechos indefinidos e outros em fase de projetos. As porções recentemente inauguradas apresentam todos os atributos e subsídios relevantes para a análise que pretendemos fazer no presente trabalho. Desde a questão histórica dos aterros e a posição privilegiada na cidade, até as características morfológicas e a estruturação das funções do parque, além dos processos desencadeados desde a resolução de sua implantação, todos estes elementos apresentam-se fortes o suficiente para justificar a escolha da área do Parque Urbano da Orla do Guaíba para análise. Resta, assim, avaliar as interações sociais possibilitadas em tal espaço urbano a partir de sua requalificação.

3.3. SÍNTESE DOS CONCEITOS

A tabela a seguir apresenta uma síntese dos termos conceituais mais importantes apresentados no capítulo 3.

Tabela 2 - Síntese dos principais conceitos apresentados no capítulo 3.

Termo	Autor	Definição
Espaço Público	Vinícius Netto (2014)	Locais de encontro, de livre acesso a todos e possibilitando afinidades sociais e a interação entre desconhecidos
	Paulo Cesar da Costa Gomes (2002)	
Parque Público Urbano	Definição nossa	Áreas públicas, espaço de livre acesso aos indivíduos
	Udo Mohr (2003)	Lugar com dimensões suficientes para abrigar diferentes atividades, lugares variados, equipamentos e pequenas edificações para usos diversos.
	Jane Jacobs (2017)	Locais efêmeros que acompanham os importantes ciclos de desenvolvimento dos bairros em que estão implantados
	Flávia Souza Souza (2018)	Espaços de lazer e educação para a população, com funções estéticas e ambientais
Parque Urbano Linear	Daniela Friedrich (2007)	Equipamento estruturado de programas ambientais em áreas urbanas; instrumento de gestão e planejamento de áreas ribeirinhas

FONTE: Elaborado pela autora, 2022.

4 MÉTODO

Após as discussões propostas ao longo desta dissertação, destacamos a importância de uma interpretação da segregação por uma visão dinâmica e a relevância da interação entre indivíduos de diferentes condições socioeconômicas, além da necessidade de distanciarmos o olhar de abordagens estáticas, focadas no prisma residencial.

Com o objetivo de identificar os inúmeros grupos socioeconômicos, optamos por considerar os dados que remetessem à presença da população no local e, para tanto, foram seguidas as orientações de Lisboa (2017), que considera dois fatores: as pessoas que moram na área e aquelas que efetivamente a frequentam, realizando atividades de lazer, saúde, estudo, entre outras.

Para a construção da amostragem de indivíduos a serem considerados, utilizamos a pesquisa de grupo focal. Os grupos foram constituídos com base nas principais atividades observadas e realizadas no parque em estudo. Após a determinação dos grupos de foco, realizamos conversas mediadas por computador com grupos pequenos, reunidos por afinidade ou interesses em comum. A interpretação dos resultados foi feita a partir da análise específica de cada grupo e da análise comparativa do conjunto de grupos e dados, permitindo uma categorização das informações, além de identificar a segregação e os níveis de sociabilidade possibilitados ou não entre os distintos grupos socioeconômicos.

Este capítulo divide-se em cinco itens, reunindo as principais definições para a estruturação da metodologia adotada. Inicialmente é feita uma apresentação das definições teórico-metodológicas, seguida de uma rápida explicação sobre a principal ferramenta empregada. O item seguinte expõe a construção da amostragem e de como foram definidos os diferentes grupos de atores considerados, seguidos da análise dos dados. A quinta e última parte apresenta um quadro resumo de toda a metodologia.

4.1 DEFINIÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

O panorama apresentado sugere uma metodologia baseada na abordagem de diferentes grupos socioeconômicos para a construção de um estudo mais

abrangente sobre a segregação espacial, fazendo isto com o intuito de entender o fenômeno por meio do estudo da coexistência nos parques urbanos. Para tanto, utilizamos como perspectiva de análise o conceito de "espaço de atividades" adotado por Feitosa e Lisboa (2017), que considera todos os locais em que o indivíduo realiza suas atividades cotidianas e remete a uma ideia de ação e de movimento. Adotamos tal critério por entendermos a importância de observar a segregação não apenas sob o ponto de vista do local de residência, mas também para incluir a presença de distintos grupos socioeconômicos em diferentes localidades para a realização de suas atividades cotidianas, incorporando novas perspectivas analíticas e possibilitando assim leituras diferenciadas acerca do fenômeno no território.

Não existe na literatura consenso sobre um método específico para operacionalizar "espaços de atividades". As mais diversas análises são parcialmente dependentes de diferentes conceituações, além de serem determinadas pelas ferramentas analíticas ou especificidades adotadas (WONG e SHAW, 2011).

Para o reconhecimento do universo de frequentadores do parque, adotamos a amostragem não probabilística (GIL, 1999) por acessibilidade ou conveniência. Amplamente utilizada em estudos qualitativos que não exigem um elevado rigor estatístico, nessa amostragem o pesquisador seleciona os elementos aos quais tem acesso e admite que sejam representativos do universo pesquisado. Adotamos tal critério visto que a pesquisa qualitativa, de maneira geral, considera uma quantidade pequena de amostragem, concentrando-se em reconhecer novos conceitos e pressupostos ao invés de generalizar resultados (TURATO, 2003). A tabela 3 a seguir resume as ferramentas para cada objetivo específico proposto.

Tabela 3 - Relação dos objetivos específicos e estratégia utilizada.

Objetivos Específicos	Ferramenta utilizada
Identificar os atributos morfológicos de um parque urbano com potencial de atratividade para cada grupo socioeconômico	Reconhecer e localizar, em mapas, os espaços com maior potencial de segregação ou sociabilidade no parque estudado
Identificar e analisar o potencial de sociabilidade e interação social entre diferentes grupos socioeconômicos neste parque urbano	Localizar, em visitas ao local e através de redes sociais, os diferentes indivíduos a serem entrevistados
	Identificar, a partir de visitas ao local, as atividades a serem consideradas para cada grupo
	Realizar conversas estruturadas, por meio de webconferência, com cada grupo considerado
Analisar se e como a sociabilidade entre indivíduos de diferentes grupos socioeconômicos manifesta-se no parque estudado, investigando as condições por meio das quais tal interação pode emergir	Comparar, por meio do cruzamento de dados, os resultados apresentados por cada grupo entrevistado
	Espacializar, em mapas, os padrões de dados coletados

Fonte: Elaborado pela autora, 2021

Como recorte espacial, utilizamos um estudo de caso que tem como objeto empírico o Parque Urbano da Orla do Guaíba, nos trechos revitalizados correspondentes à Orla Moacyr Scliar (2018) e à Orla Jaime Lerner (2021), parque este localizado na cidade de Porto Alegre (RS). O lugar aqui estudado sugere expressividade enquanto espaço público de lazer, não apenas pelo aspecto excepcional em virtude da sua localização, forma e paisagem circundante, mas igualmente pelas contradições e situações de conflito de uso e ocupação que acompanharam o seu processo de concepção e também por estabelecer uma conexão, tão desejada, entre cidade e borda.

Tratando-se de um espaço público e do interesse deste trabalho em verificar a maneira como os usuários usufruem do parque a partir da relação direta entre sujeito e lugar, seria imprescindível a pesquisa de campo. No entanto, os métodos de coletas de dados que envolvam interação humana e trabalho de campo estão propensos a serem afetados pelo atual contexto imposto pela pandemia de COVID-19. Desta maneira, e assumindo que as restrições de contato e mobilidade podem desencadear limitações para os levantamentos ou ao menos fornecerem uma análise distorcida da realidade, as pesquisas qualitativas - que normalmente envolveriam saídas de campo e a realização de entrevistas para coletas de dados -

demandam a necessidade de modificação de instrumentos e a consideração de outras alternativas, tais como o emprego de mídias sociais ou de plataformas online, caminho adotado para o andamento deste trabalho e explicado a seguir.

4.2 PESQUISA NETNOGRÁFICA

Estudos recentes sobre o uso da internet e de outras tecnologias de informação e comunicação (TIC) têm demonstrado relevância para a literatura de estudos culturais, econômicos, sociológicos, entre outros, e para a compreensão adequada das tantas facetas que incorporam a vida social e cultural dos indivíduos. Para tanto, uma série de termos vem sendo empregada para definir a etnografia online, entre os quais netnografia, etnografia virtual ou etnografia digital. Neste trabalho, utilizaremos o termo netnografia, cunhado por Robert Kozinets (2014), e que, como o próprio nome sugere, é uma adaptação da pesquisa etnográfica.

Podemos dizer que a netnografia é uma forma especializada de etnografia que emprega comunicações mediadas por computador como fonte de dados para a compreensão de um fenômeno cultural. Desenvolvida na área de pesquisa de *marketing* e consumo, a netnografia é um campo interdisciplinar que incorpora visões de diversas áreas, entre elas a antropologia, a sociologia e os estudos culturais, estando aberta ao rápido desenvolvimento e à adoção de novas técnicas. Devido à própria dinâmica da internet, principal ferramenta desta abordagem na qual os diferentes grupos sociais estão dispostos em rede, as distâncias entre tempo e espaço são encurtadas (KOZINETS, 2014).

O início das atividades demanda preparação do pesquisador, que deve considerar a abordagem de questões teóricas e dos objetivos de pesquisa, além de questões práticas e oportunidades de participação, assim como a identificação da comunidade online ou grupo a ser pesquisado (KOZINETS, 2014), ou seja, o grupo focal. Podemos considerar, portanto, que existe um conjunto de indivíduos que formam uma rede social, e a análise a ser desenvolvida é a relação entre esses membros a fim de descobrir seus padrões.

Também é fundamental o preparo antecipado do material para conduzir a sessão, que deve incluir como documentação (a) uma carta de convite aos participantes (anexo A), contendo um breve esboço da pesquisa e o que eles podem

esperar da sessão, além de (b) diretrizes para o pesquisador (ou facilitador da sessão), delineando algumas questões que podem ser abordadas com o grupo (Anexo B).

Como forma de aplicação da netnografia, neste trabalho adotamos a webconferência. Os encontros foram realizados separadamente, através de plataforma online, com duração aproximada de 50 minutos cada, contando com grupos definidos de forma antecipada, em número e quantidade de integrantes estabelecidos conforme o sugerido pela bibliografia, apresentados e justificados na próxima sessão.

4.3 CONSTRUÇÃO DA AMOSTRAGEM E DEFINIÇÃO DOS GRUPOS FOCAIS

Empregado para reunir rapidamente opiniões e perspectivas, o grupo focal é uma forma popular de pesquisa qualitativa, cujas discussões são organizadas para explorar um determinado conjunto de questões e refletir sobre experiências comuns. Uma característica definidora da pesquisa de grupo focal é, além de gerar dados, explorar a interação entre os participantes como parte da análise. Deste modo, o grupo focal é geralmente convocado pelo pesquisador (embora muitas vezes envolva grupos que ocorrem naturalmente em seu território de origem), o qual solicita e focaliza a discussão em torno de uma questão específica.

Segundo Kitzinger (2005), a pesquisa de grupo focal é diferente das entrevistas individuais porque os participantes conversam com o pesquisador como um grupo, e o mais importante, discutem as questões uns com os outros, enriquecendo o diálogo e muitas vezes direcionando a pesquisa. A mesma autora inclusive reforça que as pessoas podem estar mais dispostas a falar abertamente sobre os problemas quando se encontram em um grupo de pessoas com experiências semelhantes do que estariam em uma entrevista individual.

Embora seja possível trabalhar com uma parcela representativa de uma pequena população, a maioria dos estudos de grupos focais usa um modelo teórico de amostragem em que os participantes são selecionados para refletir uma faixa da população total do estudo ou para testar hipóteses específicas. No entanto, não há na bibliografia consenso sobre a quantidade de participantes, bem como de grupos a serem trabalhados, havendo apenas a concordância no que diz respeito à

homogeneidade dos entrevistados, em termos de características demográficas e socioeconômicas das pessoas que irão participar das sessões, por exemplo.

Com relação ao número de participantes nos grupos focais, encontramos, na literatura, a recomendação de que varie entre quatro e quinze pessoas. Nesse sentido, Pizzol (2004) parece flexibilizar a constituição dos grupos a partir da argumentação de que o tamanho ideal dos grupos é aquele que permite tanto a participação efetiva de cada um dos entrevistados quanto a discussão adequada do tema proposto.

Desta forma, buscando a abrangência de um determinado contexto cultural em torno de tópicos específicos, para Kitzinger (2005) a pesquisa deve envolver entre seis e quinze grupos. Com relação à composição de cada grupo, a autora diz que a maioria dos pesquisadores recomenda manter certa homogeneidade, a fim de capitalizar as experiências compartilhadas das pessoas. Afirma também que a quantidade ideal de integrantes deve permanecer entre quatro e oito, permitindo fluidez nos diálogos e espaços de fala para todos os participantes.

Kitzinger (2005) também considera relevante o fato de que muitos pesquisadores de ciências sociais preferem trabalhar com grupos pré-existentes, como, por exemplo, pessoas que já são conhecidas por viverem, trabalharem ou socializarem entre si. Ao utilizar grupos pré-existentes, é possível observar fragmentos de interações que se aproximam de dados de ocorrência natural. Além disso, amigos e colegas podem relacionar os comentários uns dos outros a incidentes reais em seu cotidiano compartilhado.

Malhotra (2006) enfatiza que a visão dos diferentes autores acerca do número de membros a participarem das sessões é relativa, mas aponta que um grupo de foco ideal têm entre oito e doze membros. Para Morgan (1997), no entanto, a quantidade de integrantes de cada grupo de foco deve permanecer entre seis e dez pessoas distribuídas entre três a cinco grupos.

Neste trabalho, para a identificação dos diferentes perfis de usuários do parque e atividades de interesse e para a posterior composição do grupo focal, adotamos um conjunto de estratégias, conforme demonstrado na Tabela 4. Cabe ressaltar que não é intenção da presente pesquisa realizar um levantamento exaustivo. No entanto, tais critérios foram empregados visando garantir que a seleção dos indivíduos seja feita de maneira que todos os casos da população

tenham possibilidades iguais de serem representados na amostra, buscando trabalhar a validade, a credibilidade e a confiabilidade da pesquisa qualitativa para que ela seja reconhecida e seus resultados relevantes.

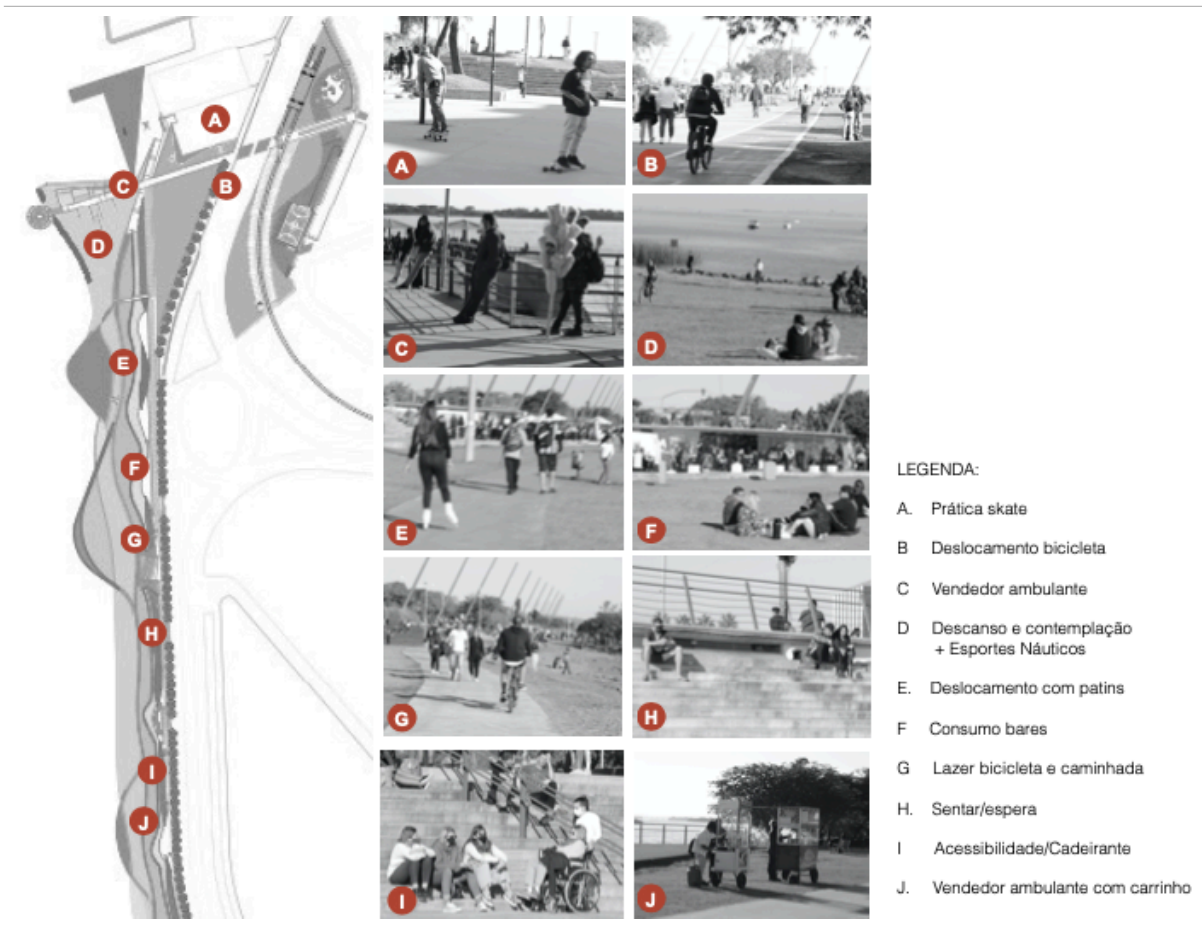
Tabela 4 - Etapas da pesquisa científica para a coleta de dados.

Tipos de Pesquisa	Descrição	Dados consultados
Pesquisa bibliográfica	Reconhecer o que já se produziu e registrou a respeito do estudo de caso investigado na pesquisa	Artigos recentes sobre o Parque da Orla apresentados em eventos acadêmicos
Pesquisa de campo	Coleta de informações no local de pesquisa (estudo de caso); definição das técnicas de registros dos dados e de análise das informações obtidas	Visita ao local para identificação de atividades e composição dos grupos de foco por interesse
Pesquisa na internet	Consultas em redes sociais, com o objetivo de identificar quem são os frequentadores do parque em estudo	Pesquisa por palavras-chave relacionadas ao tema de pesquisa (análise semântica) visando identificar frequentadores a serem entrevistados e posterior composição dos grupos de foco

Fonte: Elaborado pela autora (2021) com base em Marconi e Lakatos (2003), Pádua (2002), Severino (2000).

Para o reconhecimento dos grupos sociais e dos diferentes atores a serem considerados, realizamos visitas ao local de estudo para a identificação das principais atividades realizadas no parque, tomando por referência dois momentos distintos: dia de semana e final de semana. As visitas foram realizadas nos dias 02 e 03 de julho de 2021. A figura 16 exemplifica e localiza os focos de interesse na Orla Moacyr Scliar.

Figura 16 - Orla Moacyr Scliar. Esquerda, implantação do parque e localização das principais atividades realizadas pelos usuários. Direita, fotografias ilustrativas das atividades.



Fonte: Elaborado pela autora com base em Jaime Lerner Arquitetos Associados (2018), 2021.

Com base nas atividades observadas, utilizamos pesquisas online para o reconhecimento dos diferentes atores. As mídias sociais ou plataformas online, além de serem empregadas como estratégia de pesquisa nesse trabalho, são atualmente uma realidade. Através de uma rede social, o indivíduo pode interagir com outras pessoas, gerando comunicação e informação e, como consequência, significados são criados e compartilhados. Em tal contexto, as buscas semânticas podem permitir o acesso à informação de maneira natural e integrada. Assim, visando reconhecer os usuários do parque, utilizamos um conjunto de palavras unidas pelo sentido, com busca focada no espaço pesquisado: Parque da Orla, Orla Moacyr Scliar, Parque Jaime Lerner, Orla Poa, Gasômetro Poa, Orla Skate Park.

Com a identificação dos usuários, foi estabelecido um contato inicial através de redes sociais, explicando a atividade e convidando para a entrevista. Havendo interesse, solicitávamos um endereço eletrônico rastreável, como e-mail, por

exemplo, e enviávamos o convite formal da atividade, contendo uma apresentação da pesquisa e uma explicação sobre os termos de participação, assim como algumas sugestões de horários para a realização da entrevista. A oferta de horários foi organizada a partir de alguma semelhança observada entre os participantes.

Além destas aproximações por meio virtual, alguns contatos com possíveis entrevistados foram iniciados presencialmente no local de estudo, ocorrendo primeiramente a apresentação da pesquisadora, seguida do objetivo do contato, o interesse da pesquisa e o convite para participar da atividade. Por fim, caso fosse manifestado interesse, solicitávamos um endereço virtual para posterior agendamento da entrevista.

Ao todo, foram realizados 114 contatos com diferentes frequentadores do parque. Destes, foram excluídos os indivíduos que não fazem parte do perfil desejado para esta pesquisa, como moradores da Região Metropolitana ou pessoas visitando o parque pela primeira vez e que não utilizam o equipamento público com frequência. Além destas questões, alguns não demonstraram interesse em participar da pesquisa por motivos particulares de tempo, questões profissionais ou sem justificativa aparente. Além destes fatores, outras pessoas demonstraram resistência a partir da solicitação de gravação da conversa.

Dos indivíduos convidados a realizar a entrevista, 50 confirmaram, mas apenas 37 pessoas efetivamente participaram. As entrevistas em formato de webconferência foram realizadas nos dias 11, 13, 14, 18, 25 e 26 de janeiro de 2022, em horários previamente estabelecidos e escolhidos pelos participantes, tendo duração entre 50 e 90 minutos cada. Apesar do baixo número de participantes, observou-se um padrão de saturação das informações. É o que Alves-Mazzotti (1999) chama de "ponto de redundância", quando as informações obtidas são repetidamente confirmadas de maneira que a adição de novos fatos não acrescenta mais contribuições relevantes ao tema em estudo, não justificando, assim, a inclusão de novos elementos.

Os participantes foram divididos em grupos de foco por dois critérios de separação: localização geográfica (bairro de residência), compreendendo os grupos (1) moradores do bairro Centro Histórico, (2) trabalhadores do bairro Centro Histórico, e (3) moradores de bairros próximos ao parque; e os grupos feitos por atividade e afinidade de interesse, sendo os grupos (4) passeio e contemplação, (5)

atividades artísticas e culturais, (6) atividades esportivas, (7) ciclistas, (8) patinadores e (9) skatistas.

A proposta da atividade, conforme sugerido pela bibliografia (MORGAN, 1997; PIZZOL, 2004; KITZINGER, 2005), previa a realização de webconferências com grupos pequenos, entre 04 e 06 integrantes, reunidos por afinidade ou interesse em comum. Optou-se pela composição de grupos menores em virtude das conversas serem realizadas por computador.

No entanto, algumas situações que escapam do controle por parte dos pesquisadores aconteceram, como problemas de conexão com a internet, inviabilizando a escuta e a interação do participante, cancelamentos por perda de familiares ou devido à contaminação por Covid-19, e não comparecimento sem justificativa. Tais situações fizeram com que algumas salas de webconferência não alcançassem o número mínimo de integrantes sugeridos pela bibliografia e algumas conversas acontecessem em pares (três grupos) ou até mesmo de forma individual (duas pessoas). Embora este formato não tenha sido delineado para a pesquisa e não favoreça o compartilhamento de experiências, necessidades ou valores em torno de uma mesma temática, respeitando a disponibilidade e o interesse dos participantes, as entrevistas foram mantidas e realizadas no dia e horário previsto, da mesma forma que seus resultados foram reunidos aos demais grupos, caracterizando-se assim como uma amostra intencional.

Como conclusão, os grupos considerados para a realização deste trabalho, bem como a quantidade de participantes, seguindo as recomendações e categorias anteriormente relacionadas, estão apresentados a seguir (Tabela 5).

Tabela 5 - Grupos focais por área de interesse considerada e a quantidade de participantes.

	Área de interesse / Atividade	Quantidade de entrevistados
1.	Moradores do bairro Centro Histórico	6
2.	Trabalhadores do Centro Histórico	4
3.	Moradores de bairros próximos ao parque (Região de Gestão do Planejamento - Centro)	4
4.	Passeio e contemplação	5
5.	Atividades artísticas e culturais	4

6.	Atividades esportivas (corrida e skate)	4
7.	Ciclistas	4
8.	Patinadores	3
9.	Skatistas	3
	Total de entrevistados	37

Fonte: Elaborado pela autora, 2022

Por se tratar de uma atividade que impõe consequências éticas, o presente trabalho foi submetido à aprovação do Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (CEPSH-UFSC), tendo recebido parecer favorável através do Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) n. 51538921.4.0000.0121 (Anexo G). Após o consentimento em participar da pesquisa, cada participante recebeu o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) aprovado (Anexo C). Quando enviado, solicitávamos que cada integrante assinasse virtualmente o termo através de uma resposta, sinalizando assim o seu aceite.

Além do referido documento, cada participante recebeu também um Termo de Autorização para Gravação de Áudio e Vídeo, exigidos pelos requisitos da pesquisa (Anexo D), também assinado virtualmente. As sessões foram realizadas por meio do aplicativo JitsiMeet, escolhido por ser gratuito e não estabelecer um limite de tempo para as reuniões. As gravações foram realizadas no próprio aplicativo. Com o intuito de garantir o salvamento das informações e antecipando quaisquer imprevistos técnicos, foi realizada, complementarmente, a gravação através de equipamento de celular.

Todas as webconferências foram mediadas pela pesquisadora desse trabalho. Cada sessão respeitou o seguinte protocolo:

- envio do link de acesso à sessão faltando uma hora para o evento e de um aviso de “sala aberta” dez minutos antes do início da atividade. Tal medida foi adotada visando ser um lembrete e também como forma de despertar o sentimento de valorização em cada participante;
- tempo de espera estabelecido em cinco minutos de tolerância para o início da sessão, respeitando o comprometimento e a pontualidade dos presentes;
- agradecimento pela participação de todos;

- apresentação da pesquisadora, seguida de uma explicação sobre o objeto da pesquisa e o objetivo do encontro;
- solicitação para a gravação da entrevista, explicando sobre o sigilo das informações, a forma de utilização dos dados coletados (através da compilação de resultados, não havendo no corpo do trabalho a transcrição, na íntegra, das considerações) e a manutenção do anonimato dos participantes;
- esclarecimento sobre as questões, realçando a liberdade de responder abertamente sobre cada tópico, a opção de não se posicionar em relação a qualquer abordagem da entrevista ou até mesmo a possibilidade de encerrar a sua participação a qualquer momento, sem aviso prévio;
- apresentação rápida de cada participante, informando seu nome, idade, nível escolar e bairro de residência;
- buscando a configuração de um ambiente descontraído e um espaço de fala amigável, optamos por começar as discussões a partir de uma questão genérica: uma consideração sobre o parque em estudo, podendo ser uma sensação, opinião, memória ou qualquer outra questão relevante para cada respondente;
- iniciada a sessão, a ordem de introdução das questões previstas (Anexo B) e o tempo de duração de cada uma delas não seguiu um padrão, passando por ajustes de acordo com o perfil de cada grupo entrevistado, bem como obedecendo ao andamento das conversas. Decidimos dar controle ao grupo, permitindo uma discussão livre, ao invés de tomar o controle da situação e correr o risco de perder a fluidez e a espontaneidade do encontro;
- encerramento do encontro, agradecimento pela participação e pela colaboração de cada um, informando sobre a importância de preencher o questionário estruturado.

Após a finalização de cada webconferência, enviamos aos participantes o link para o preenchimento do questionário estruturado, seguido de um agradecimento individual pela contribuição.

Por fim, cabe destacar que a técnica de Grupo Focal permitiu uma aproximação empática com os entrevistados, fazendo emergir semelhanças e não desigualdades, além de possibilitar o acesso a diferentes experiências, vivências e sentimentos a partir do debate de questões mais complexas do que poderiam ter sido alcançadas com a simples aplicação de uma entrevista individual.

4.3.1 Combinando grupos de foco com outros métodos de pesquisa

A atividade em grupo pode ser complementada com dados coletados por meio de outros métodos, alterando significativamente a maneira como tais dados são interpretados. Desta forma, os grupos focais acabam sendo combinados com trabalho etnográfico aprofundado, utilizando ainda entrevistas ou questionários. Tal estratégia é importante, visto que os participantes do grupo focal podem completar questionários antes e/ou depois da sessão, possibilitando a apresentação de informações básicas, além de oferecer aos participantes oportunidades de dizer coisas que eles preferiram não revelar em grupo ou até mesmo de refletir posteriormente sobre a experiência de participar do grupo. O questionário não precisa ser estritamente um método "quantitativo" se incluir perguntas abertas e a análise das respostas for qualitativa.

No presente trabalho investigativo, ao final de cada sessão de webconferência, solicitamos aos participantes o preenchimento de um questionário de múltipla escolha, modelo apresentado no Anexo C. Os resultados obtidos a partir deste documento não foram considerados satisfatórios, haja vista a baixa participação. Dos 37 participantes das webconferências, apenas 18 pessoas preencheram o questionário, correspondendo a 50% da população entrevistada. Neste caso, optamos por dar ênfase, na análise dos resultados, aos conteúdos obtidos a partir das webconferências.

4.4 ANÁLISE DOS DADOS, ORGANIZAÇÃO E CATEGORIZAÇÃO

Após a realização das webconferências, procedeu-se ao exame dos dados, organização e categorização a partir de temas ou padrões recorrentes, de acordo com as recomendações para pesquisas com abordagem qualitativa que utilizam grupos de foco. Sob este viés, optamos pela tabulação de dados com base na Análise de Conteúdo pela técnica de Análise Categorial desenvolvida por Bardin (2011). A obra de Laurence Bardin possui grande destaque no campo da Análise de Conteúdo por apresentar um roteiro sobre a operacionalização do método qualitativo, assim como seus princípios e conceitos fundamentais. Muito mais do que uma leitura comum, a ferramenta proposta por essa autora permite analisar dados

provenientes das comunicações, buscando a compreensão dos significados e dos sentidos das mensagens.

A partir de uma ordem sistemática, Bardin (2011) valoriza o rigor metodológico da Análise de Conteúdo dividido em três fases: (1) Pré-análise; (2) Exploração do material, categorização ou codificação; (3) Tratamento dos resultados, inferências e interpretações. Elas possuem as seguintes características:

1) Pré-análise: trata-se da ordenação do material. Esta fase, que Bardin (2011) denomina o *corpus* da investigação, diz respeito ao conjunto de documentos ou produtos a serem aproveitados na coleta de dados e posterior análise sistemática, visando a especificação do campo em que o pesquisador deve focar sua atenção.

No presente trabalho, iniciamos a pré-análise do material através da transcrição integral das entrevistas. Embora a apresentação integral dos diálogos não seja uma premissa do estudo, esta etapa permitiu a estruturação de um documento visando o rastreamento de palavras, assuntos ou posicionamentos mais recorrentes, de maneira que não houvesse indução ou interferência por parte da pesquisadora. A etapa de transcrição das entrevistas foi realizada através de editor de texto por meio de leitura de vozes, sem nenhum corte, correções ou interpretações, preservando assim a fala dos participantes.

Apesar da baixa participação, os dados obtidos mediante o preenchimento do questionário também foram analisados, com ênfase principalmente nas perguntas abertas, que permitiam considerações específicas, e naquelas referentes à renda dos participantes.

2) Exploração do material, categorização ou codificação: é a etapa da descrição analítica. Esta fase tem como objetivo a organização de quadros de referências, buscando sínteses coincidentes e divergências de ideias, estabelecendo o material principal que compõe a pesquisa, a princípio, pelas possibilidades identificadas e relacionadas ao referencial teórico.

Assim, na tentativa de verificar tendências e padrões de respostas associadas ao tema, recorreremos ao procedimento de análise em dois momentos complementares: análise específica de cada grupo e análise cumulativa e comparativa do conjunto de grupos e dados. Esta etapa exigiu a leitura e a retomada

dos dados inúmeras vezes, em um processo minucioso que permitiu o aprofundamento de questões que talvez não teriam sido consideradas.

Partimos então para o tratamento do material coletado, transformando-o em dados possíveis de serem rapidamente identificados e analisados através de uma codificação. Este código pode ser constituído por números, letras ou qualquer outra forma de representação desejada. Bauer (2008) sugere uma codificação dos dados brutos do texto através de decomposição, classificação, agrupamento e enumeração, os quais devem permitir a representação do conteúdo e possam, sobretudo, servir de índices. Este autor sugere a adoção de um código por letra, sendo a primeira letra da palavra codificada seguida de um número, que corresponderia à quantidade de vezes em que surge o mesmo tema.

Utilizando a análise temática, que envolve uma compreensão dos significados a partir do reconhecimento de algumas ideias centrais dos textos transcritos, realizamos o enquadramento em determinadas categorias, parte delas definidas previamente e abordadas através das questões propostas para as webconferências, assim como outras foram derivadas de questões surgidas a partir das conversas realizadas. Desta forma, a análise de conteúdo teve uma grade de leitura reunindo 10 grandes temas, reagrupados em 04 categorias, a maioria delas previamente construídas. As categorias, que serão aprofundadas no capítulo de resultados, estão apresentadas no quadro a seguir:

Tabela 6 - Categorias de Análise.

Acessibilidade
Diferentes públicos
Interação e encontro
Setorização

Fonte: Elaborado pela autora, 2022

Cabe destacar que a análise de dados de um grupo focal não envolve apenas o somatório do número de pessoas que externaram uma determinada opinião ou utilizaram certa expressão, mas preocupa-se em enfatizar tópicos, opiniões fortes ou tendências empregadas de maneira recorrente durante os encontros.

3) Tratamento dos resultados, inferências e interpretações: diz respeito à etapa de análise propriamente dita e, como resultado, produz um texto síntese explicativo de cada categoria, que será apresentado no capítulo seguinte, de aplicação do método e resultados.

Após o cruzamento das categorias com o referencial teórico utilizado, a análise dos dados foi baseada nos dois conceitos principais que fundamentam a presente pesquisa: segregação, compreendendo as questões relativas ao espaço, e sociabilidade e suas diferentes classificações adotadas por Mehta (2019), como sociabilidade passiva, fugaz e duradoura.

4.5 RESUMO DA METODOLOGIA

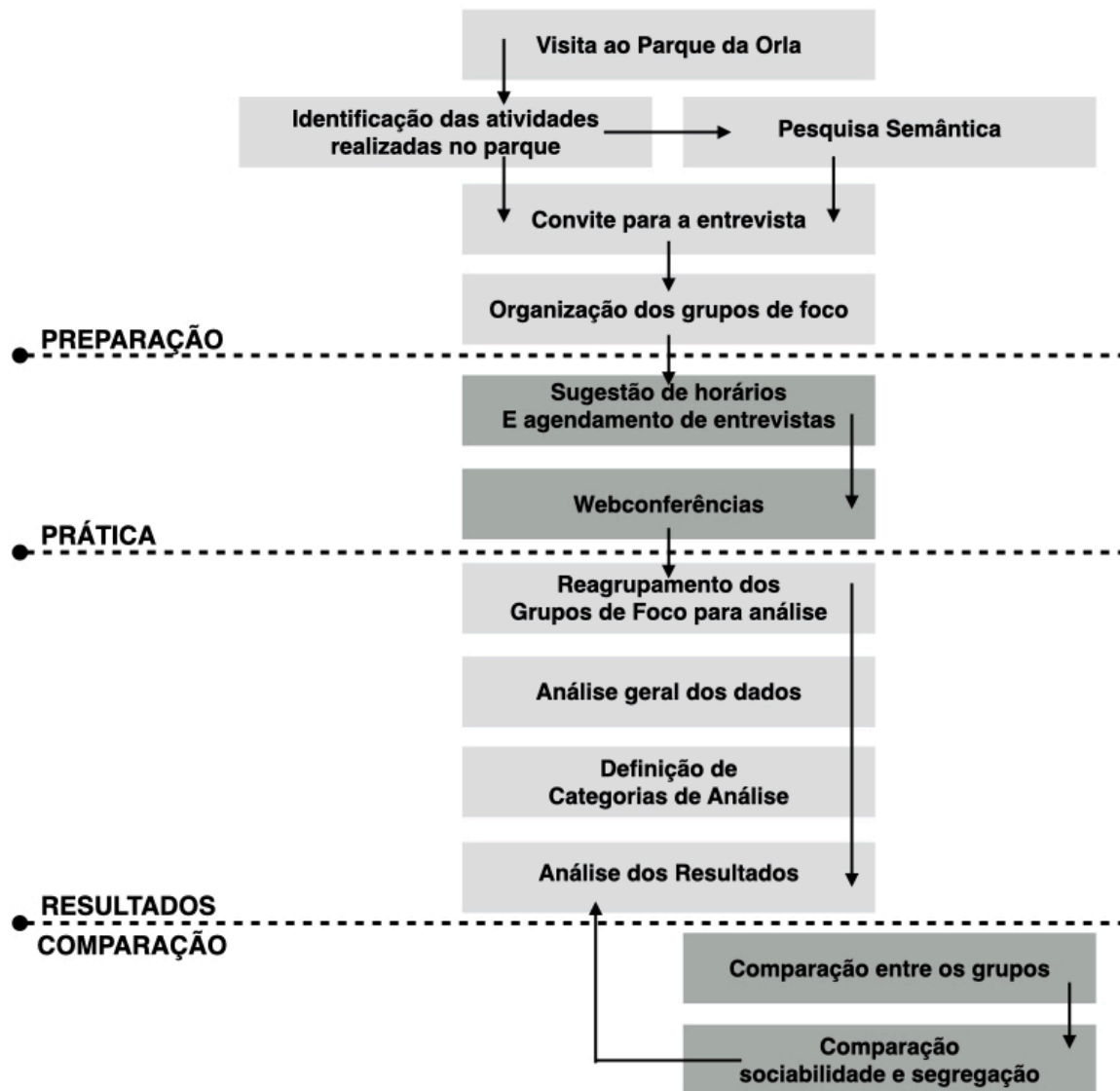
De forma a simplificar a compreensão da metodologia, apresentamos aqui um quadro resumo explicando as etapas do método. Primeiramente, buscamos reconhecer as principais atividades desempenhadas no parque, a partir de visitas de observação e registros fotográficos. Reconhecidas as diferentes áreas de interesse, deu-se início à etapa seguinte, que foi encontrar usuários e frequentadores do parque, tanto no que diz respeito à atividade praticada como em relação à idade, sexo, raça, local de moradia na cidade etc. Em virtude do cenário desenhado pela pandemia de Covid-19, a busca por pessoas deu-se basicamente por indicações e através de redes sociais, mediante o agrupamento de palavras relacionadas ao local de estudo.

A partir do reconhecimento dos usuários, realizamos uma classificação por semelhança de atividades realizadas no parque. Esta organização deu origem aos grupos de foco que compuseram as webconferências, salas virtuais de conversa sobre o parque. A estrutura dos encontros seguiu um roteiro de questões previamente estabelecidas.

O passo seguinte foi a transcrição das conversas realizadas e a identificação de um padrão de palavras e posicionamentos, as quais foram agrupadas como categorias importantes a serem aprofundadas. Os resultados são expostos de forma textual, mesclando as percepções constantes nos diversos grupos. Além disso, organizamos uma tabela com os principais achados da pesquisa, relacionados aos

objetivos aqui propostos, além de um mapa do parque relacionando setorização de usos e frequentadores.

Figura 17 - Quadro resumo da metodologia.



Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

5 PARQUE DA ORLA: APLICAÇÃO DO MÉTODO E RESULTADOS

O presente capítulo foi dividido em sete itens: o primeiro traz uma breve contextualização do caso empírico (o Parque Urbano da Orla do Guaíba, em Porto Alegre), desde a sua concepção espacial a partir da criação de área de aterro, passando pela sua evolução histórica até chegar à condição atualmente estabelecida, aprofundando aspectos que não foram tratados no Capítulo 3; o segundo item apresenta os dados de renda da população e dos grupos socioeconômicos da cidade; a seguir, no terceiro item, são identificados os grupos de foco por atividade realizada no parque, considerando não apenas a sua composição numérica, mas trazendo uma rápida apresentação do contexto em que cada webconferência ocorreu; os itens quatro, cinco e seis detalham os resultados obtidos através das conversas, relacionando-os ao referencial teórico empregado neste estudo; ao final, o sétimo item do capítulo apresenta os resultados e a espacialização das análises.

5.1 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DO CASO EMPÍRICO

O município de Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul, ocupa uma área de planície circundada por morros e limitada pela orla fluvial do lago Guaíba, com aproximadamente 70 km de extensão. A cidade surgiu dessa relação com o lago, e seu povoamento teve início a partir de 1752, com a chegada de 60 casais Portugueses Açorianos. Mas, apesar das atividades portuárias, a cidade nunca desenvolveu, ao longo de sua história, uma relação direta com o lago (MARQUES, 2011).

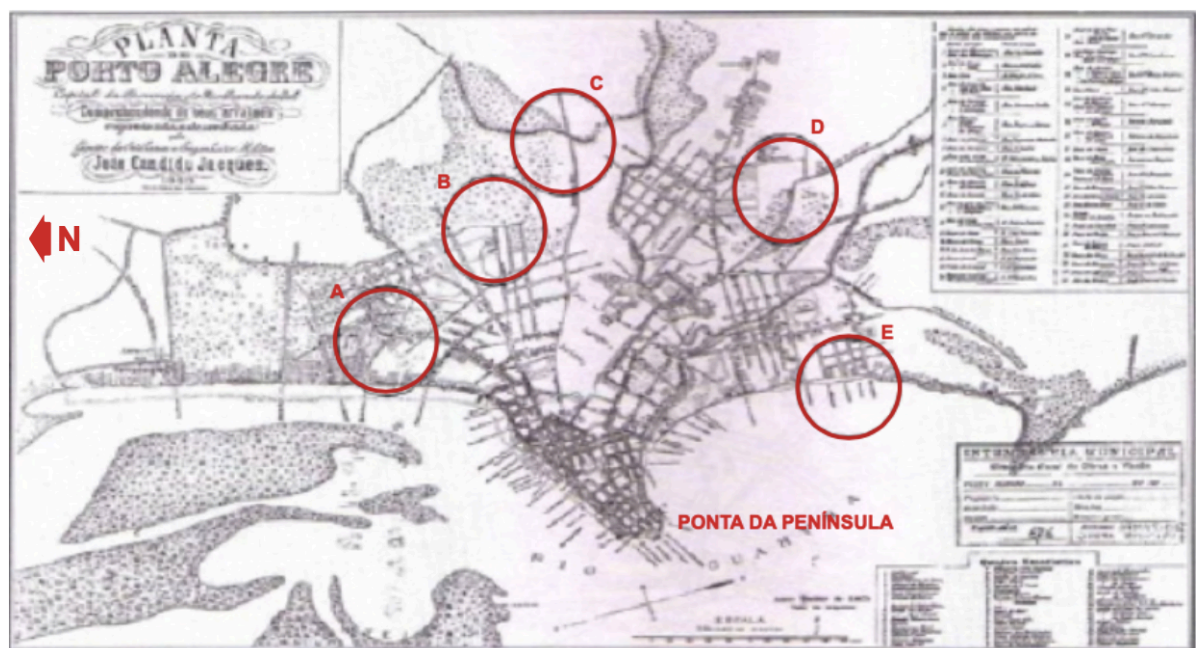
O núcleo histórico de Porto Alegre tem origem relacionada à sua acessibilidade fluvial, através de uma estreita ponta, chamada de península⁹, que avança sobre o lago Guaíba. De maneira geral, o terreno tem a topografia de um espigão, cuja cumeeira desenvolve-se no sentido longitudinal desta península, dividindo o território em partes norte e sul (BOHRER, 2001; VILLAÇA, 2001).

⁹ A extremidade da península, ocupada hoje pela Usina do Gasômetro, é popularmente conhecida como Ponta da Cadeia. Em 1855, localizava-se nesta região a Casa de Correção, principal estabelecimento penal da cidade, originando assim tal nomenclatura.

Tais características topográficas acarretaram em um desenvolvimento diferente para cada uma das margens. Na porção norte, a cidade desenvolveu-se a partir da atividade portuária, em torno do qual se localizava o grande centro urbano. No final do século XIX, foram realizados aterros nessa margem, em virtude da implantação de equipamentos funcionais, tais como o mercado, o porto, a cadeia civil etc (BOHRER, 2001).

Com as limitações impostas pelo sítio a partir da ponta da península, até então porta de entrada da cidade, a área de expansão cresceu sob a forma de um leque, como um prolongamento da Rua da Praia pela rua Independência, tornando-se assim o eixo dos bairros residenciais das camadas de mais alta renda de Porto Alegre (BOHRER, 2001; FRANCO, 2008).

Figura 18 - O desenvolvimento de Porto Alegre a partir da península, em forma de leque, e os antigos arrabaldes Floresta (A), Moinhos de Vento (B), Petrópolis (C), Azenha (D) e Menino Deus (E).



Fonte: FRANCO, 2008, com adaptações da autora, 2022.

Os aspectos físicos da península, impostos pelo espigão separador dos vales, fez com que o litoral da porção sul permanecesse isolado. Com o desenvolvimento da cidade, surgiu o interesse de ocupação nessa direção, visando a produção de áreas habitáveis, obras de saneamento e a implantação de uma via de ligação entre a zona sul e o centro, a partir da criação de terras por aterro (Aterro da Praia de

Belas). Esses estudos de remodelação acompanharam vários períodos de desenvolvimento da cidade de Porto Alegre, tendo sido executados na década de 1950.

Por suas características paisagísticas, a área da Praia de Belas, região onde se encontra o Parque da Orla, manteve-se no foco desses estudos. Destacamos que todas as propostas de ordenação territorial desenvolvidas para Porto Alegre apresentavam uma preocupação em tirar proveito de sua implantação e estabelecer uma conexão junto ao lago (BOHRER, 2001). Além disso, com a modernidade da cidade, o parque passa a ser o principal local de interação social, adquirindo funções de espaço de lazer ao ar livre, como caminhar, praticar esportes e se encontrar.

O Plano Gladosch, na década de 1940, apresentava uma solução urbanística a partir da implantação de uma avenida na beira do rio, a qual se iniciava logo após a ponta da cadeia, acompanhada continuamente por um parque linear, retificando o *water front* gerado pelo aterro proposto (BOHRER, 2001; MARQUES, 2011).

Em 1941, ocorreu a maior enchente da história de Porto Alegre, quando as águas do lago Guaíba atingiram 4,76 metros. Esta cheia, somada às recorrentes enchentes anteriores, condicionou a idealização de um plano de defesa para a cidade por meio de um dique de contenção que contornaria toda a península. Assim, o Plano Paiva, em 1951, propôs um aterro para a região da Praia de Belas, com terras oriundas do desmonte do morro Santa Teresa, sendo que o limite do aterro coincidiria com um dique de proteção contra as cheias, por onde passaria a avenida na beira do rio, respeitando a altura de 6,00 metros, contornando a ponta da península e estendendo-se até a ponta do Dionísio (BOHRER, 2001).

Em 1953, foi elaborada uma proposta que também previa a implantação de uma avenida na beira do rio projetada sobre o dique de contenção. No entanto, aqui ocorreu o deslocamento do parque central da proposta anterior para a parte externa do dique, compreendendo, no trecho entre a Ponta da Cadeia e o riacho Ipiranga, uma área de aterro paralela ao dique com maiores proporções, conformando-se como uma enseada. Nesta área de aterro, há ainda a proposição, na inflexão da avenida de contorno, de um centro cívico esportivo e, seguindo na direção sul, uma área verde linear intercalada por trechos pavimentados, permitindo a conexão com decks de atracação de barcos junto ao Guaíba (BOHRER, 2001).

Em 1955, foi aprovado o Projeto Definitivo para a Urbanização da Praia de Belas, posteriormente incorporado ao Plano Diretor de 1959 (Lei n. 2046/59), ano de início das obras do aterro.

No ano de 1961, a capital gaúcha conheceu o chamado Novo Projeto Praia de Belas, que reduziu o tamanho do aterro, com o traçado da avenida na beira do rio mais próximo do limite natural da enseada, modificando sua forma, e cuja concepção de projeto global acabou substituída por um zoneamento de parque urbano. Seu acesso era deficiente, não se articulando com nenhuma parte significativa do tecido urbano existente (BOHRER, 2001).

A partir de 1964, com a implantação da ditadura, essa margem sul da cidade não conseguiu se constituir como um lugar de legibilidade reconhecida no contexto urbano. Segundo Bohrer (2001, p. 103), neste momento,

(...) o processo desenvolvimentista estruturado no capitalismo e na industrialização, responsável pela modernização dos cenários urbanos brasileiros nos anos 30, começa a falir. Os grandes projetos globais cedem lugar aos projetos parciais, que iniciam um processo descaracterizador da identidade dos lugares, o que é claramente identificado na orla da Praia de Belas.

Tais questões, somadas ao processo de poluição decorrente da industrialização, à falta de infraestrutura de apoio e à configuração da avenida na beira do rio como uma pista de grande fluxo, tornando-se uma barreira de difícil transposição para os pedestres, contribuíram para que a cidade de Porto Alegre pautasse o seu desenvolvimento, de certa forma, de costas para essa região ribeirinha.

Na década de 80, ocorreu a privatização de uma parcela da orla da Praia de Belas para a implantação da Sede Recreativa do Sport Club Internacional. O projeto paisagístico desenvolvido para a área previa a urbanização da orla, com a instalação de marinas, piscinas, atividades esportivas e praia particular, tendo sido parcialmente executado (BOHRER, 2001).

No ano de 1989, foi estabelecido, por meio do Decreto n. 9.372/89, o fechamento da Avenida Beira-Rio, Av. Edvaldo Pereira Paiva, aos sábados, domingos e feriados para uso *peatonal* como espaço de lazer, esporte e convivência, incentivando a presença já recorrente de práticas esportivas na Orla.

Em 1991, Porto Alegre começou a voltar novamente a atenção para o seu lago. Neste ano, a Usina do Gasômetro foi transformada em Centro Cultural, com a proposição de eventos para vários segmentos sociais, assim como a possibilidade de realização de festas populares. A recuperação do edifício (com obras de reciclagem realizadas a partir de 1988) possui um papel simbólico de ligação entre as águas do lago e o tecido urbano da cidade (CASTELLO, 2007; SMC) tornando-se, juntamente com o seu entorno, um local de apropriação pela população.

Mais adiante, no ano de 1999, foi realizada outra intervenção com o objetivo de estabelecer uma aproximação da população com a sua orla, a construção do Anfiteatro Pôr do Sol, em área do Parque Maurício Sirotsky Sobrinho (BOHRER, 2001), nas imediações do Arroio Dilúvio e Avenida Ipiranga. Trata-se de um espaço de eventos gratuitos a céu aberto, situado na Orla do lago Guaíba.

Figura 19 - Principais equipamentos e infraestruturas na Orla da Praia de Belas.



Fonte: Elaborado pela autora com base em Google Earth, 2022.

O histórico de propostas e intervenções aqui expostas dizem respeito à região onde hoje está implantado o projeto de revitalização do Parque Urbano da Orla do Guaíba. No entanto, conforme já mencionado anteriormente, a borda da cidade possui uma longa extensão, com outras ocupações e equipamentos relevantes, não apresentados por questões de contexto.

A escolha de Porto Alegre como uma das subseles dos jogos da Copa do Mundo FIFA 2014 no Brasil impulsionou um cenário de oportunidades de transformação para a cidade, dando visibilidade para a sua região de borda e destinando diversos recursos municipais para a melhoria da infraestrutura urbana através de GPU's, sendo quatorze projetos de mobilidade urbana, dois estádios de futebol e dois projetos às margens do lago Guaíba. Uma destas intervenções refere-se ao Parque Urbano da Orla do Guaíba, que teve início em 2011.

Figura 20 - Parque Urbano da Orla do Guaíba, Orla Moacyr Scliar. Direita, Lago Guaíba e a estrutura do parque. Centro, avenida de contorno - Edvaldo Pereira Paiva e Parque Harmonia. Fundo, edificações dos bairros Praia de Belas e Menino Deus.



Fonte: ORLA, 2018.

Dividido em setores que reforçam as vocações do lugar, o primeiro trecho do Parque da Orla, a Orla Moacyr Scliar, tem início na Usina do Gasômetro e estende-se até a Rótula Aureliano de Figueiredo (Rótula das Cuias). Este trecho é composto por duas partes: a Praça Julio Mesquita, em frente à Usina do Gasômetro, com área de 1,5 hectare, e a faixa de orla em formato linear, compreendendo 1,3km de extensão. Inaugurada em 2018, a Orla Moacyr Scliar estabelece uma nova relação imagética entre a cidade e o lago, oferecendo espaços de contemplação e lazer por meio de arquibancadas, mirantes e diques construídos sobre as águas, quadras esportivas (04), bares (04), bares para ambulantes cadastrados (02), restaurante (01), módulo de segurança (01), vestiário (01) e terminal para os barcos de passeios turísticos.

Figura 21 - Parque da Orla - Trecho 01: Orla Moacyr Scliar.



Fonte: Elaborado pela autora com base em Google Earth, 2022.

Além dos elementos antes listados, a área configura-se como um espaço de lazer importante tanto para os moradores da cidade, fato reforçado pelo seu prestígio ao longo do tempo e pela proximidade com o Centro Histórico, como para aqueles que moram na região metropolitana, pela fácil conexão com a via de acesso à cidade e com o trem metropolitano.

A primeira parte revitalizada da Orla Moacyr Scliar, a Praça Julio Mesquita, localiza-se em frente à Usina do Gasômetro. Constituindo-se como a maior área verde de lazer do bairro Centro Histórico, a praça tem como principal característica abrigar uma grande diversidade de atividades culturais. Essa forma de apropriação mantém-se mesmo após o processo de requalificação, como por meio da realização de feira que ocorre aos sábados, uma vez por mês, com expositores de marcas locais, pequenos empreendedores e bancas de gastronomia. A figura 22 ilustra a praça durante essa atividade.

Figura 22 - Praça Julio Mesquita durante a feira popular que ocorre aos sábados. Esquerda, estrutura desativada do aeromóvel.



Fonte: FEIRA, 2018

A primeira porção do parque linear, contígua à Usina do Gasômetro (ao fundo na figura 23), parece também manter a sua vocação como espaço de manifestação cultural. Percebe-se, nesse ponto, uma grande concentração de pessoas portando caixa de som, tambores e outros equipamentos musicais. Por ser uma região com larga margem de terra, configura-se como um espaço procurado para a

contemplação do pôr do sol, cujos usuários costumam sentar na grama e interagir com outras pessoas. Em contraponto, na mesma região está implantado um restaurante panorâmico (à esquerda na figura 23), construído dentro d'água, que mantém o acesso controlado por segurança.

Figura 23 - Grande presença de público na Orla Moacyr Scliar durante os finais de semana. Ao fundo, a Usina do Gasômetro. Esquerda, dentro d'água, o restaurante panorâmico.



Fonte: PREFEITURA, 2018.

Nessa extremidade, o projeto original previa a conexão com o antigo porto da cidade por meio da retificação da borda por estruturas de decks propostas no Projeto de Revitalização do Cais Mauá, não executado. Recentemente (2021), neste ponto foi inaugurado o chamado Cais Embarcadero, um conjunto de restaurantes a céu aberto, instalados em estruturas metálicas sobrepostas aos antigos armazéns do cais. Essas opções gastronômicas, que podem ser frequentadas mediante reserva e algumas inclusive com a exigência de pagamento antecipado, têm se convertido em um espaço de divergências e de especulações por parte da população.

A venda informal de alimentos era prática estabelecida na antiga orla. Durante a execução das obras de revitalização, os vendedores ambulantes que ali atuavam foram cadastrados e transferidos para o trecho seguinte, nas proximidades do Anfiteatro Pôr do Sol, situação que se estendeu até tempos recentes (2021), quando

retornaram ao parque e passaram a ocupar as instalações previstas para tal fim (Figura 21, ambulantes 1 e 2). Além desses vendedores originais, é comum a comercialização de produtos alimentícios popularmente consumidos em parques e praças, como pipoca, churros, água de coco etc. No entanto, segundo Misoczky (2020), ocorre uma certa resistência neste sentido, havendo autuação de vendedores ambulantes pela Guarda Municipal, agora proibidos de trabalhar no perímetro do parque. Além disso, a Guarda Municipal também tem garantido a expulsão de moradores de rua e pessoas pobres do local.

Neste sentido, a Secretaria Municipal do Meio Ambiente e da Sustentabilidade (SMAMS) desenvolveu um manual de boas práticas para os usuários do parque, no qual consta algumas regras como: “são proibidos vendedores, ambulantes, camelôs ou qualquer outra prática de comércio” (CZARNOBAY, 2018). Em conversa informal com os vendedores ambulantes no parque, confirmamos a hipótese exposta por Misoczky (2020). Os vendedores parecem trabalhar em sinal de alerta, estando já bastante acostumados com os pedidos diários de retirada feitos pelo policiamento local.

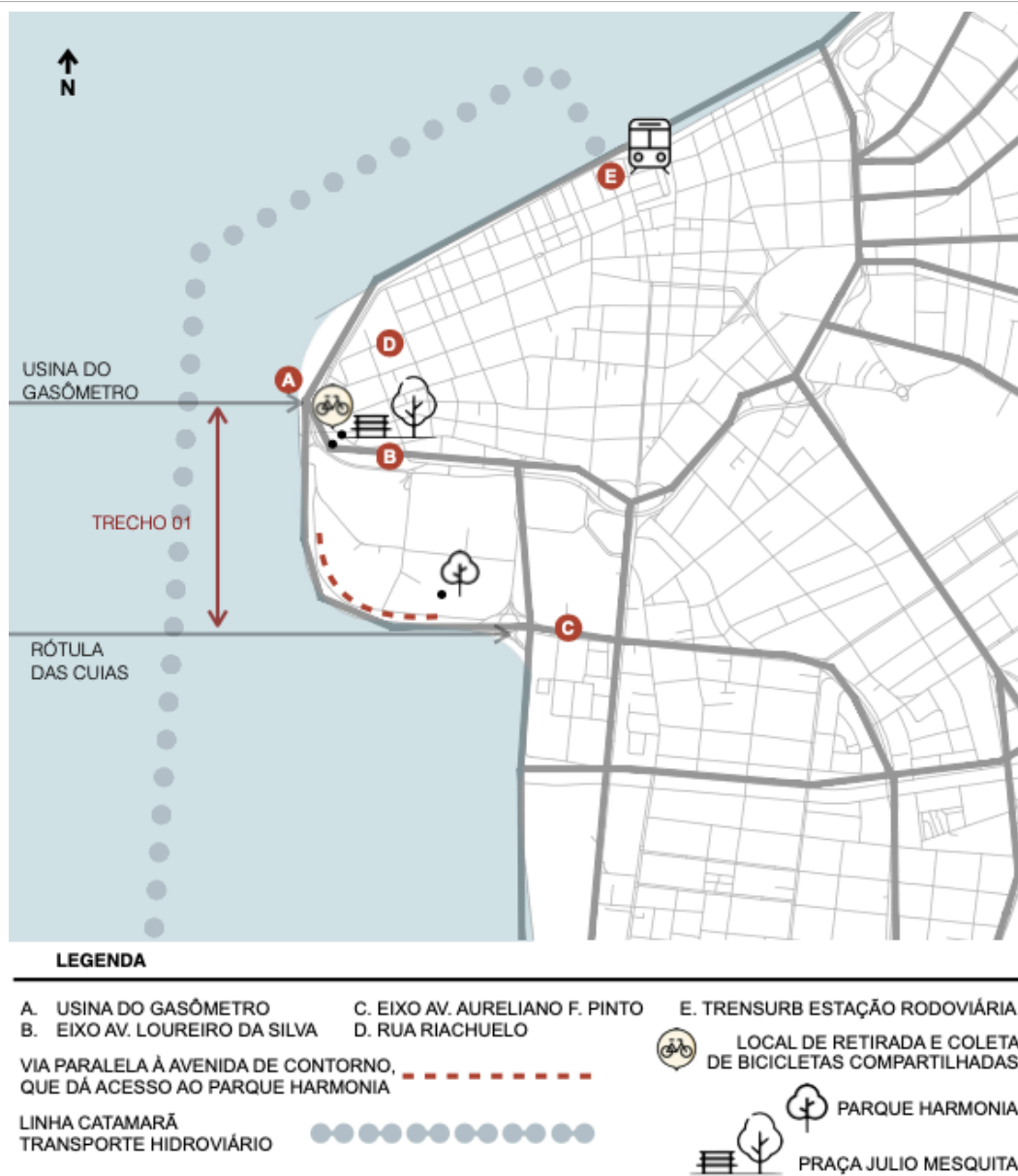
Figura 24 - Venda informal de alimentos. Vendedor com carrinho de bebidas.



Fonte: CONCESSIONÁRIA, 2021.

Em relação à acessibilidade, é importante destacar a existência de apenas um ponto de ônibus (figura 25, ponto A) ao longo de toda a extensão da Orla Moacyr Scliar, localizado em frente à Usina do Gasômetro, no início do trecho revitalizado. Este ponto é conectado por 36 linhas que partem do bairro Centro Histórico, conforme Relatório Fluxo de Passageiros x Linhas x Mês de 2020 produzidos pela Empresa Pública de Transporte e Circulação de Porto Alegre (EPTC). Perpendicularmente, os pontos B e C (figura 25) são as únicas vias no entorno da Orla Moacyr Scliar que possuem ligação com a avenida de contorno do parque (Av. Edvaldo Pereira Paiva) e recebem linhas oriundas de outros bairros. O ponto D permite conexão peatonal, possuindo ligação direta com a Praça Julio Mesquita, primeira etapa da revitalização da Orla do Guaíba, ao passo que o ponto E diz respeito à Estação Mercado da Trensurb, última estação do trem metropolitano no território de Porto Alegre.

Figura 25 - Eixos de acesso - Orla Moacyr Scliar.



Fonte: Elaborado pela autora com base no Sistema Cartográfico de Referência de Porto Alegre, 2020.

Outra alternativa ao transporte não motorizado é o aluguel de bicicletas compartilhadas. Na Rótula do Gasômetro, localizada no encontro da Av. Loureiro da Silva com a Av. Edvaldo Pereira Paiva (figura 25, nas proximidades do ponto B), há um local de retirada e coleta de bicicletas. Segundo o Relatório Fluxo de Usuários BikePoa x Estações x Mês de 2020 da EPTC, no período compreendido entre os meses de janeiro e março de 2020, anterior ao uso restritivo em virtude da pandemia

de Covid-19, essa estação teve 17.980 usuários, representando assim um importante ponto de deslocamento e acesso à Orla.

Por se tratar de uma via arterial, a avenida de contorno ao parque, Av. Edvaldo Pereira Paiva, não possui faixa destinada ao estacionamento de veículos automotores. No entanto, recentemente, a via paralela que dá acesso ao Parque Harmonia (em tracejado, na figura 25) foi transformada em um estacionamento rotativo, pago, como evidenciado na figura 26, algo que, de certa forma, tem gerado polêmica e irritabilidade entre os porto-alegrenses (POR QUE, 2021).

Figura 26 - Av. Edvaldo Pereira Paiva (via da esquerda) e o pórtico de acesso ao estacionamento fechado, em via pública. Esquerda, cercamento e vegetação do Parque Harmonia.



Fonte: POR QUE, 2021.

O trecho 2 diz respeito ao setor compreendido entre a Rótula Aureliano de Figueiredo (Rótula das Cuias) e o Anfiteatro Pôr do Sol, sem projeto definido.

O trecho 3 é a sequência do processo de Revitalização da Orla do Guaíba. Também chamada de Setor Esportivo, a Orla Jaime Lerner é limitada entre a Avenida Edvaldo Pereira Paiva e o lago Guaíba, possui área de 15 hectares e extensão de aproximadamente 1800 metros, estando situada entre a foz do Arroio Dilúvio e o Canal de Descarga da Casa de Bomba 12 - início da área (privada) do Parque Gigante do Sport Club Internacional.

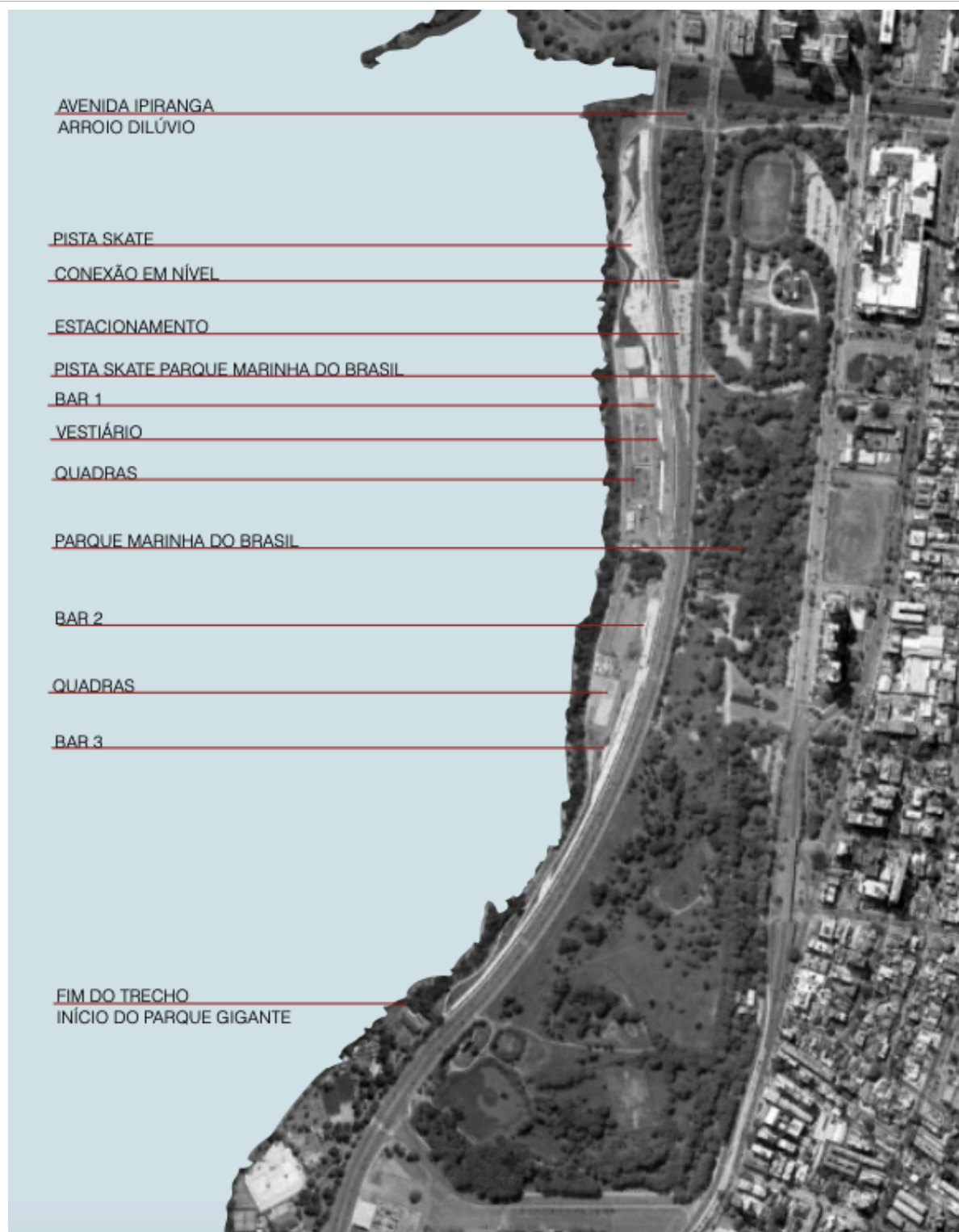
Figura 27 - Trecho esportivo - Orla Jaime Lerner. Esquerda, infraestrutura para prática de skate. Direita, passeio público e os postes inclinados que formam a imagem icônica do parque. Fundo, ao centro, a estrutura do Anfiteatro Pôr-do-Sol.



Fonte: TRECHO 3, 2021.

O programa consagra a vocação do local como área esportiva, implantando 29 quadras esportivas e uma estrutura de apoio à prática de esportes, como vestiários e chuveiros externos, por exemplo, além de arquibancadas, pista de caminhada, ciclovia, estacionamento para 150 veículos, bares (03) e a maior pista de skate da América Latina (Skate Park - Megapista da Orla). Nesse ponto, a orla conecta-se com a pista de skate do Parque Marinha do Brasil, do outro lado da avenida de contorno, onde a via de trânsito rápido assume o mesmo nível da calçada, gerando uma conexão. As quadras esportivas são abertas gratuitamente ao público. No entanto, o seu uso está condicionado ao agendamento prévio de horário em um site disponibilizado pela prefeitura municipal.

Figura 28 - Parque da Orla - Trecho 03: Orla Jaime Lerner.

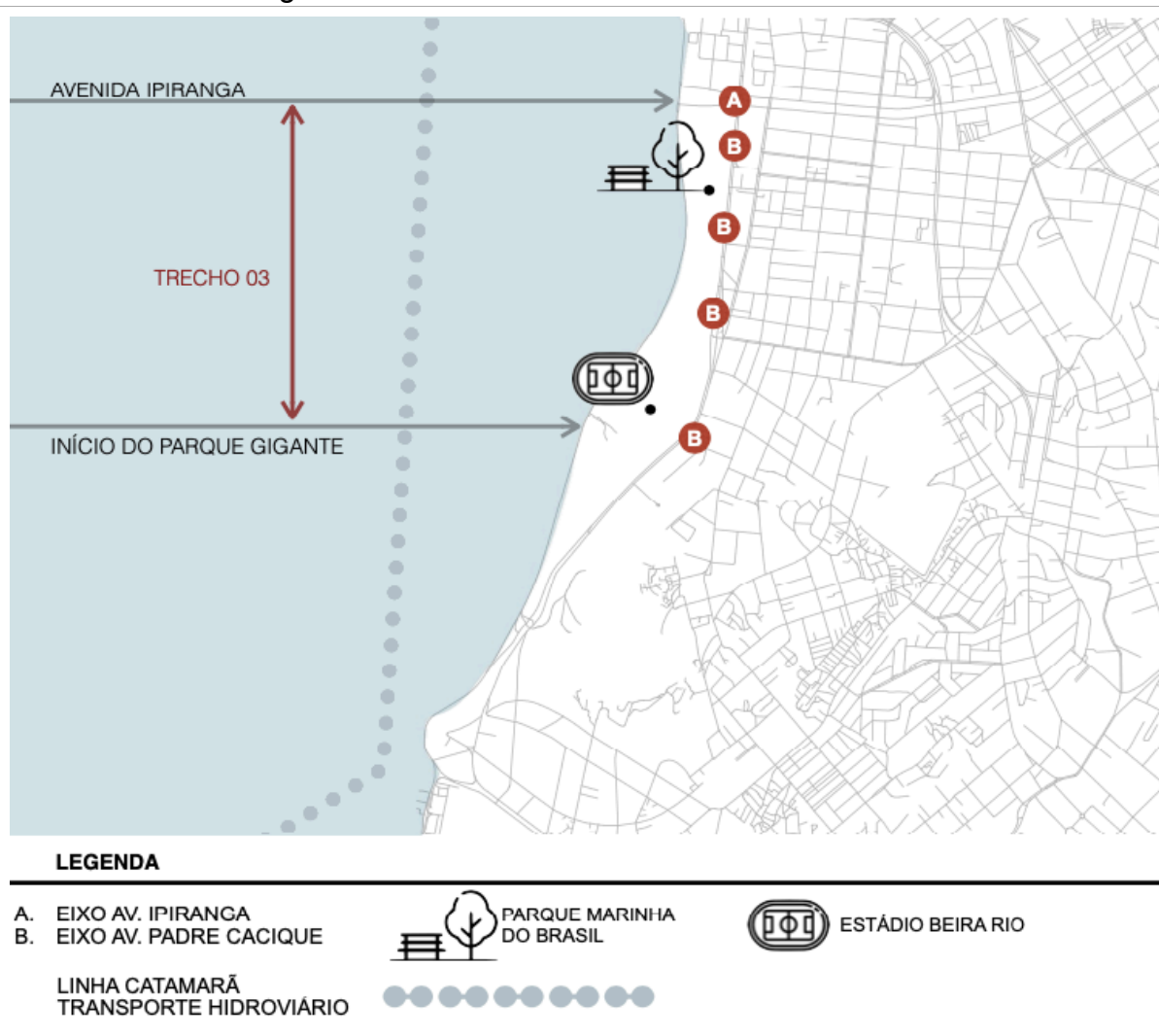


Fonte: Elaborado pela autora com base em Google Earth, 2022.

Em relação à acessibilidade, além do estacionamento para veículos individuais implantado junto à avenida de contorno, a infraestrutura de transporte público conecta a Orla nessa porção apenas pelas vias que delimitam o Parque

Marinha do Brasil, oferecendo pouco mais de 20 linhas de ônibus que atendem a região (pontos A e B na figura 29). A via posterior ao Parque Marinha é bem servida de ônibus (ponto B), e é condição estabelecida a travessia pelo interior do parque para a chegada até a Orla, o que acontecia inclusive em períodos anteriores à revitalização.

Figura 29 - Eixos de acesso - Orla Jaime Lerner.



Fonte: Elaborado pela autora com base no Sistema Cartográfico de Referência de Porto Alegre, 2022.

5.2 CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO ENTREVISTADA

Em 2010, segundo dados do Censo IBGE (IBGE, 2010), Porto Alegre possuía uma população de 1.409.351 habitantes, correspondendo a uma densidade demográfica de 2.837,53 hab/km². A cidade apresentou um aumento da população

entre os anos 2000 e 2010 (período do último censo realizado¹⁰) de apenas 48.935 habitantes, a menor taxa de crescimento entre as capitais brasileiras, correspondendo a 0,35% ao ano.

Aliado a este baixo crescimento, existe, segundo Kiefer (2003), uma migração interna em Porto Alegre, em que as densidades variam tanto positiva quanto negativamente nos diversos bairros da cidade. Nesse contexto, as classes mais altas apresentam um padrão de deslocamento na direção leste que se repete há mais de 70 anos, percorrendo o espigão central formado pelas ruas Duque de Caxias, Independência, Moinhos de Vento e Bela Vista. Consequentemente, os comércios e serviços da cidade também acompanham a mesma lógica.

Embora seja identificada essa migração interna pelos bairros, a população de mais alta renda permanece ocupando as áreas centrais da cidade, ou seja, aquelas porções com melhor acessibilidade e infra-estrutura, como escolas, comércio, serviços e empregos abundantes, vias de acesso fácil e com amplo sistema de transporte etc. Neste sentido, bairros como Higienópolis, Menino Deus, Petrópolis e Rio Branco, entre outros, devem ser considerados áreas centrais. Por outro lado, bairros como Lomba do Pinheiro, Mário Quintana e Restinga são periféricos.

O parque em estudo, por sua vez, está localizado nessa região central da cidade, onde a renda média dos habitantes é mais alta.

De acordo com o PDDUA, Porto Alegre está dividida em regiões de planejamento agrupadas por bairros com características semelhantes. Dos bairros apresentados, em que residem alguns dos entrevistados, Bom Fim (1), Centro Histórico (10), Cidade Baixa (4), Floresta (1), Menino Deus (1), Rio Branco (1) e Santana (2) fazem parte da Região Centro, que representa cerca de 19,64% da população do Município, com densidade demográfica de 10.646,12 habitantes por km². A taxa de analfabetismo é de 0,51%, e o rendimento médio dos responsáveis por domicílio é de 8,81 salários mínimos (FERREIRA e MENEZES, 2017).

O bairro Teresópolis está na Região de Planejamento Centro-Sul, que possui cerca de 7,87% da população do Município, com densidade demográfica de 3.847,64 habitantes por km². A taxa de analfabetismo é de 2,08%, e o rendimento médio dos responsáveis por domicílio é de 4,09 salários mínimos.

¹⁰ A periodicidade da pesquisa é decenal. No entanto, no ano de 2020, a pesquisa foi suspensa por conta da pandemia de COVID-19, estando a coleta de dados do próximo Censo Demográfico prevista para ser realizada entre os meses de junho a agosto de 2022. Fonte: IBGE

A Região Extremo Sul é composta, entre outros, pelo bairro Belém Novo. A Região tem 2,47% da população do Município, com densidade demográfica de 300,60 habitantes por km². A taxa de analfabetismo é de 3,29%, e o rendimento médio dos responsáveis por domicílio é de 2,92 salários mínimos.

O bairro Navegantes integra a Região Humaitá-Navegantes. A Região tem 3,10% da população do Município, com densidade demográfica de 2.891,40 habitantes por Km². A taxa de analfabetismo é de 2,56%, e o rendimento médio dos responsáveis por domicílio é de 3,22 salários mínimos.

A Região Leste é composta pelos bairro Jardim Carvalho e Morro Santana e representa 8,11% da população do Município, com densidade demográfica de 7.417,85 habitantes por Km². A taxa de analfabetismo é de 2,62%, e o rendimento médio dos responsáveis por domicílio é de 4,77 salários mínimos.

A Região Lomba do Pinheiro é composta pelo bairro de mesmo nome e possui 4,42% da população do Município, com densidade demográfica de 1.230,31 habitantes por km². A taxa de analfabetismo é de 4,03%, e o rendimento médio dos responsáveis por domicílio é de 2,07 salários mínimos.

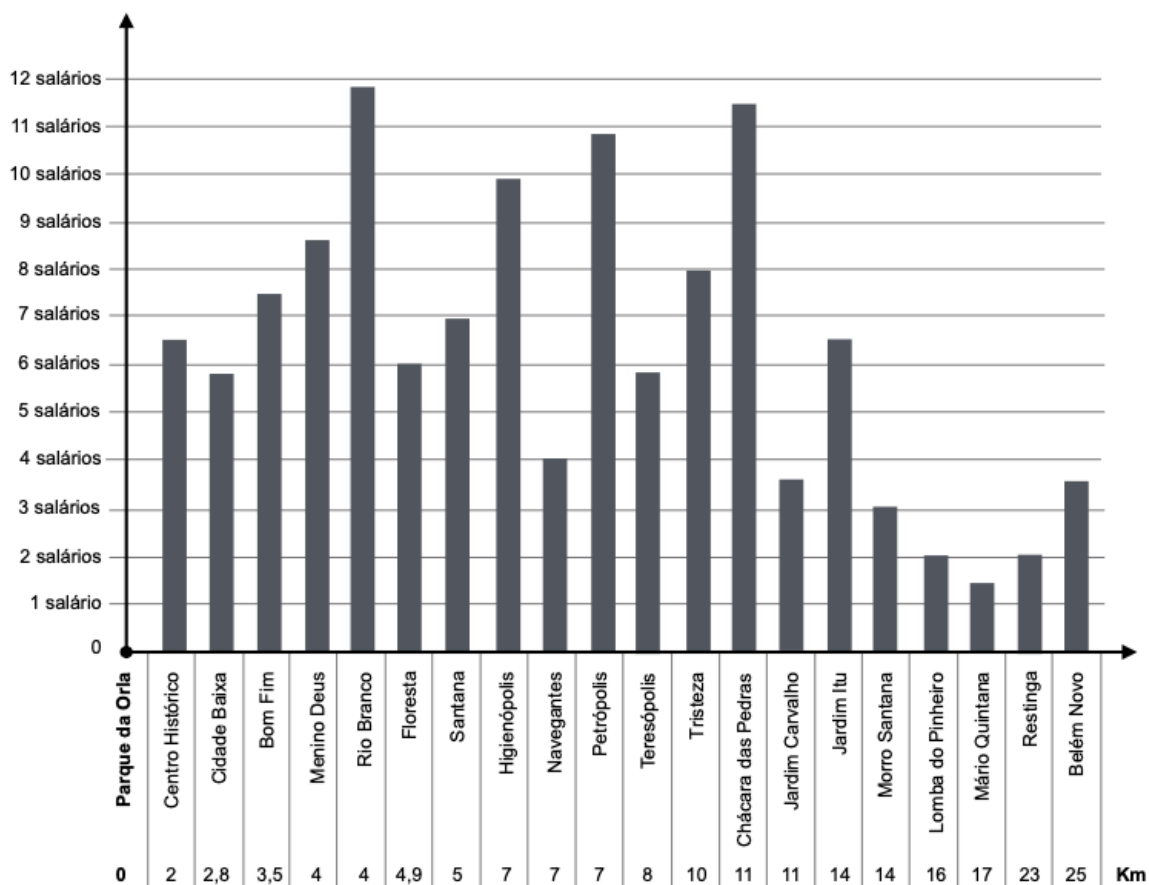
O bairro Mário Quintana, por sua vez, faz parte da Região Nordeste, que representa 2,64% da população do Município, com densidade demográfica de 5.491,74 habitantes por km². A taxa de analfabetismo é de 5,8%, e o rendimento médio dos responsáveis por domicílio é de 1,68 salário mínimo.

Higienópolis e Jardim Itu são bairros que compõem a Região de Planejamento Noroeste, que corresponde a 9,28% da população do Município, com densidade demográfica de 6.310,17 habitantes por Km². A taxa de analfabetismo é de 0,86%, e o rendimento médio dos responsáveis por domicílio é de 6,81 salários mínimos.

A Região Restinga é composta pelo bairro homônimo e possui 4,31% da população do Município, com densidade demográfica de 1.574,92 habitantes por km², e cuja taxa de analfabetismo representa 4,03%. O rendimento médio dos responsáveis por domicílio é de 2,10 salários mínimos.

A tabela 7 apresenta uma comparação com a renda média da população nestes locais e a distância do parque.

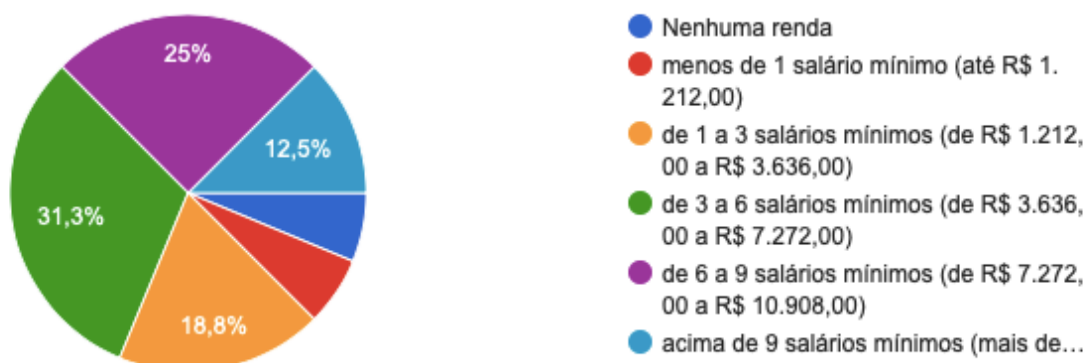
Tabela 7 - Distância do parque e nível de renda de cada bairro considerado na pesquisa.



Fonte: Prefeitura Municipal de Porto Alegre e IBGE- Censo 2010.

O gráfico a seguir permite visualizar melhor as questões de renda dos entrevistados. De acordo com os dados dos respondentes, confirmamos a relação do bairro de moradia com a renda, visto que a maioria dos entrevistados possui residência em bairros centrais da cidade e apresenta renda média mensal a partir de 3 salários mínimos.

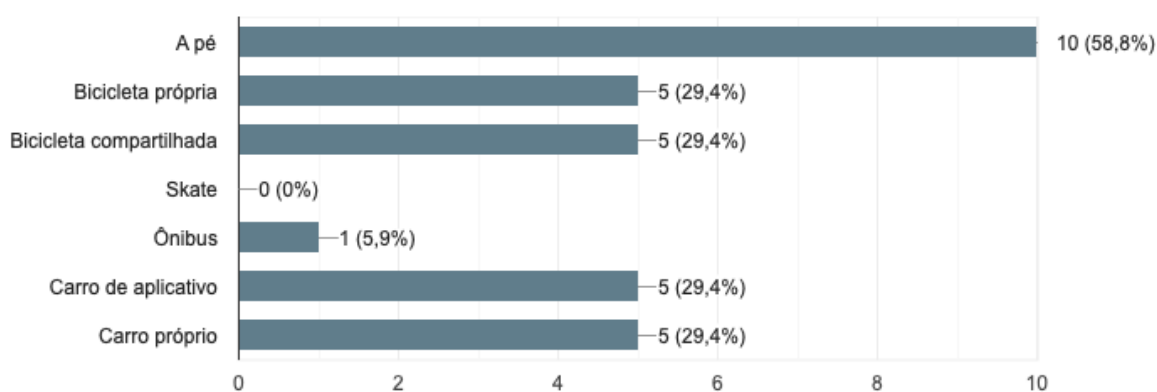
Gráfico 1 - Renda dos entrevistados.



Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Da mesma maneira, a proximidade da residência dos entrevistados em relação ao parque fica confirmada na escolha do meio de transporte utilizado para deslocamento, sendo majoritariamente a pé, seguidos de bicicleta e carro.

Gráfico 2 - Meio de transporte utilizado para acessar o parque.



Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Das 37 pessoas entrevistadas, 30% do público corresponde a mulheres e 70% são homens. Não houve intencionalidade que determinasse o fato de a amostra ser composta majoritariamente pelo sexo masculino. Importante destacar que não se pode interpretar, a partir dessa composição, que existam mais homens

frequentadores do parque do que mulheres. Tendo em vista que os contatos e convites para a participação nas webconferências foram realizados por computador, a partir de postagens em redes sociais, os perfis acessados foram aqueles que possuíam informações abertas ao público. Relacionamos, assim, o acesso a essas pessoas a questões de privacidade e segurança, o que talvez possa explicar o menor número de participantes mulheres. Em relação à idade dos entrevistados, identificamos um padrão médio, também não intencional, entre 30 e 50 anos.

Tabela 8 - Distribuição dos entrevistados por idade e sexo.

	M	F	Total
De 18 a 19 anos	2	1	3
De 20 a 29 anos	6	1	7
De 30 a 39 anos	9	4	13
De 40 a 49 anos	4	3	7
De 50 a 59 anos	5	2	7
Total	26	11	37

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Tendo em vista esse perfil, cabe agora uma definição mais específica de cada entrevistado, bem como da composição dos grupos de foco.

5.3 GRUPOS DE FOCO POR ATIVIDADE REALIZADA NO PARQUE

Conforme apresentado no capítulo da metodologia, esse trabalho propõe analisar as interações sociais possibilitadas no espaço público, evidenciando a abordagem do grupo focal ao mesmo tempo em que visa uma abrangência tanto de público quanto de atividades realizadas no espaço. Baseado na comunicação e na interação, o grupo focal permite reunir informações detalhadas sobre um tópico específico, além de fomentar a percepção de perspectivas e concepções dos diferentes participantes.

Considerando que a formação do grupo de foco não deve ser feita de maneira aleatória, mas respeitando certos aspectos que dizem respeito à homogeneidade de interesses ou condições sociais (MINAYO, 2000), utilizamos alguns critérios para a

sua definição. Grande parte dos participantes foram selecionados a partir de pesquisa semântica através de suas postagens pessoais em redes sociais, permitindo uma organização dos grupos de foco por semelhança de atividades praticadas no parque. No entanto, a partir da realização das webconferências, alguns desencontros de opiniões ficaram evidentes, principalmente oriundos da diferença de condição socioeconômica e do local de residência no tecido da cidade.

A tabela a seguir apresenta os principais termos relacionados ao tema de pesquisa, expostos de maneira recorrente em cada webconferência realizada.

Tabela 9 - Apresentação dos principais termos identificados por webconferência.

Webconferência	Qtde Pessoas	Área de interesse/agrupamento	Convergência de ideias	Pontos divergentes
Grupo 1	2	Morador do bairro Centro Histórico	Setorização (s1), mistura (m1), diferença (d1), interação setorizada (i1), encontro (e1), diferentes públicos (dp1) acessibilidade (a1)	
Grupo 2	4	Atividades artísticas e culturais	Encontro (e2), diferença (d2), setorização (s2), elitização (el1) repressão (r1) Acessibilidade (a2)	Raramente encontra pessoas conhecidas
Grupo 3	4	Morador do Centro Histórico	Mistura (m2), contato (c1), gentrificação (g1), diferentes públicos (dp2) repressão (r2)	
Grupo 4	3	Patins	Diferentes públicos (dp3), elitização (el2)	
Grupo 5	1	Bicicleta	Interação (i2), encontro (e3), grupos distintos (gd1), segregação (sg1).	
Grupo 6	3	Atividades esportivas	gentrificação (g2) elitização (el3) encontro (e4) diferentes públicos (dp4) repressão (r3) acessibilidade (a3)	
Grupo 7	2	Corrida	Setorização (s3), espaço funcional (ef1), interação (i3), encontro (e5)	

Webconferência	Qtde Pessoas	Área de interesse/ agrupamento	Convergência de ideias	Pontos divergentes
Grupo 8	4	Morador da região central	Segregação (sg2), diferentes públicos (dp5), encontro (e6) acessibilidade (a4) elitização (el4)	
Grupo 9	1	Morador de bairro distante da Orla/ passeio	Diferentes públicos (dp6), setorização do espaço por usos (s4)	
Grupo 10	3	Skate	Diferentes públicos (dp7), encontro/ encontrar conhecidos (e7)	
Grupo 11	4	Passeio	Diferentes públicos (dp8), mistura (m3), encontro (e8), remete a família (f1), fazer amigos (fa1) setorização (s5) acessibilidade (a5)	faz amizade x não faz amizade, bares com valores acessíveis
Grupo 12	2	Bicicleta	Encontrar conhecidos (e9), fazer amigos (fa2), diferentes públicos (dp9), setorização do espaço (s6)	
Grupo 13	4	Atividade profissional no bairro Centro Histórico	Diferentes públicos (dp10), mistura (m4), encontro (e10), remete a família (f2), fazer amigos (fa3) acessibilidade (a6)	

Fonte: Elaborado pela autora, 2022

Quatro importantes categorias de análise emergiram a partir das principais palavras e termos recorrentes nas webconferências, identificadas como: **acessibilidade, diferentes públicos, interação e contato, e setorização.**

Acessibilidade está ligada à possibilidade de acessar ou de utilizar o parque em questão. Além das questões relacionadas à mobilidade, incorporamos neste grupo aspectos sobre elitização e repressão, os quais foram mencionados nas webconferências.

Por **diferentes públicos** podemos entender os variados grupos de indivíduos ou perfis socioeconômicos que frequentam o parque. Nesta categoria, encontram-se ideias recorrentes apresentadas, tais como diferentes públicos, pessoas diferentes e mistura.

Na categoria **interação e contato** estão inseridas as múltiplas formas de sociabilidade e as trocas possibilitadas no ou pelo espaço público, como encontro, fazer amigos, remete à família.

Setorização significa divisão em partes, segmentação. Além da divisão do parque em setores por usos, nesta categoria também incluímos as palavras gentrificação e segregação, recorrentes nas webconferências.

Com a realização das webconferências, também percebemos uma aproximação maior de parcela significativa dos participantes com outras atividades do que aquelas consideradas inicialmente, aqui chamadas de atividades secundárias. Tal estratégia permitiu um cruzamento de percepções entre os diversos grupos, não estabelecendo um padrão restrito a cada conversa realizada.

Ao todo, foram realizadas 13 webconferências. Algumas salas de conversa tiveram um baixo número de participantes, e desta forma seus resultados foram agrupados de acordo com as atividades de interesse, originando os grupos de foco a serem analisados. Como resultado, obtivemos nove grupos distintos. As características dos participantes e as percepções gerais de cada grupo está apresentada a seguir.

O grupo 1 é formado na sua maioria por moradores do bairro Centro Histórico, compreendendo também pessoas que residiam no local e recentemente mudaram-se de bairro.

Tabela 10 - Grupo 1 - Moradores do bairro Centro Histórico.

	Idade	Escolaridade	Bairro	Quando frequenta
Entrevistado n.1	57 anos	Estudante Pós-Graduação	Centro Histórico	Dias de semana
Entrevistado n.2	54 anos	Ensino Médio	Centro Histórico	Dias de semana
Entrevistado n.3	52 anos	Superior completo	Centro Histórico	Dias de semana / Fins de semana
Entrevistado n.4	31 anos	Superior completo	Cidade Baixa	Dias de semana / Fins de semana
Entrevistado n.5	29 anos	Superior Completo	Petrópolis (ex-morador do bairro)	Dias de semana / Fins de semana
Entrevistado n.6	42 anos	Superior Completo	Jardim Itu (ex-morador do bairro)	-

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Na sua maioria, os moradores do bairro Centro Histórico frequentam o parque durante os dias de semana, principalmente a Orla Moacyr Scliar (trecho 1), como se fosse uma praça de bairro. Podemos perceber essa proximidade na fala poética e detalhada do Entrevistado n. 1:

O parque tem um desenho cenográfico, essa coisa dessas formas curvas e dessas diferentes ambiências que foram colocadas no parque, eu acho que formam diferentes núcleos e fazem os diferentes lugares.

Por terem a percepção local e utilizarem o espaço diariamente, descrevem uma setorização do parque no que diz respeito aos locais de ocupação pelos variados públicos. A proximidade com o lugar também permite uma avaliação sobre as diferentes maneiras de ocupar o espaço antes e depois da revitalização e ao longo dos dias da semana. Os entrevistados descrevem a existência de uma vida intensa e própria do parque, como podemos perceber neste diálogo entre os entrevistados:

Entrevistado n. 5: O fato de ser um espaço novo e de ser bom, todos os públicos acabam gostando, todo mundo quer ir.

Entrevistado n. 1: E no fim de semana sempre vira uma área de lazer metropolitana, de pessoas fora de Porto Alegre.

Entrevistado n. 4: Conforme o dia e o jeito está o parque, falando de pessoas. De segunda a quinta tem um jeito, a partir de sexta, principalmente à tarde, depois que os bares começaram a funcionar, ficou ainda mais intensiva a presença de vários tipos de música, e aí eu consigo mentalmente descrever assim: no primeiro trecho, da Usina do Gasômetro até a parte que tem os bares, parece que tem um tipo de movimento e aí na outra parte, entre os bares e a parte de esportes, parece que é uma região que às vezes tem um pouquinho menos de pessoas. Mas realmente, no fim de semana, principalmente no domingo, que também tem o fechamento da Edvaldo [*avenida de contorno*], aquilo ali ferve muito mais e realmente vem pessoas diferentes, eu acho que se conecta mais com a Região Metropolitana em si. Durante a semana é mais com as pessoas que estão ali de passagem ou quem mora mais próximo, até pela questão do horário de trabalho.

Entrevistado n. 3: Eu acho que essa liberdade é importante. Cada público, cada classe social se sentir bem. Eu acho que naquela região da pista de skate tem muita descontração e tem muito diálogo e tem muita gente da minha idade, eu fiz 52, querendo frequentar, indo andar de skate, desde o jovem até as pessoas mais velhas. Acho que é importante isso, as idades se permearem.

Os entrevistados do grupo dois, por sua vez, trabalham no bairro Centro Histórico e, após o horário de expediente, praticam atividade física nas quadras de

vôlei de areia implantadas no final do trecho 01 - Orla Moacyr Scliar. Os participantes deste grupo são os mais jovens de toda a amostra. Talvez atrelado ao fato de trabalharem juntos, ou por ser uma característica da sua pouca idade, fica evidente uma forte interação entre eles, visto que, através de sentimentos de solidariedade e de união, típicos de um grupo, constituíram laços de amizade, experimentando relações sociais concretas e duradouras.

Tabela 11 - Grupo 2 - Trabalhadores no bairro Centro Histórico.

	Idade	Escolaridade	Bairro	Quando frequenta
Entrevistado n.7	19 anos	Ensino Médio	RMPA	Dias de semana
Entrevistado n.8	20 anos	Ensino Médio	RMPA	Dias de semana
Entrevistado n.9	-	Ensino Fundamental Incompleto	Jardim Carvalho	Todos os dias
Entrevistado n.10	19 anos	Ensino Médio	RMPA	Dias de semana

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Suas falas, percepções e atitudes de coleguismo corroboram o dito por Kitzingler (2005) sobre a relevância de considerar grupos pré-existentes. Os entrevistados relacionaram suas respostas e comentários a fatos reais do cotidiano compartilhado, fortalecendo o sentido de comunidade, convivência e amizade. Como exemplo, citam a construção de um sentimento de familiaridade com o local e com as pessoas que o frequentam (nas imediações das quadras), assim como a criação de laços de amizade que extrapolam os limites das quadras esportivas, estendendo-se a momentos de confraternização nos bares do parque, tanto após os jogos como em outros momentos da semana, como podemos confirmar na fala do Entrevistado n.10

Nós temos os amigos que falamos todos os dias nas quadras, que a gente joga junto e que conhecemos na Orla. E, depois do jogo, a gente sai para beber, a gente faz alguma coisa, inventa alguma coisa para fazer. A gente sai para jantar, beber, sempre estamos juntos.

O grupo 3 é composto por moradores dos bairros da Região de Planejamento Centro, configurando um rápido acesso ao parque, seja a pé, de bicicleta ou por

transporte motorizado. Outra característica comum entre os integrantes é uma certa frequência de uso durante a semana.

Tabela 12 - Grupo 3 - Moradores de bairros próximos ao parque.

	Idade	Escolaridade	Bairro	Quando frequenta
Entrevistado n.11	43 anos	Superior Completo	Floresta	-
Entrevistado n.12	42 anos	Pós-Graduação	Santana	-
Entrevistado n.13	51 anos	Superior Completo	Centro Histórico	-
Entrevistado n.14	33 anos	Ensino Médio	Cidade Baixa	-

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Pelo fato de residirem próximo ao parque, os integrantes costumavam frequentar o espaço antes mesmo do processo de revitalização. De maneira geral, perceberam uma mudança de público tanto no que diz respeito à quantidade de pessoas como em relação ao perfil dos usuários. Para esses entrevistados, há um público que frequenta a Orla durante os dias de semana (moradores locais) que difere daquele que frequenta nos finais de semana, identificados pelos entrevistados como de origem da Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA). Essa percepção está exposta na conversa a seguir.

Entrevistado n. 14: Fim de semana tem muitas famílias, muita criança. Tem muita gente e por tudo que é lugar, mesmo. E é bem isso, fim de semana tem muita gente que vem de carro, com cadeira, com tudo, para passar o dia. E automaticamente o público de outros parques, como o da Redenção [*parque vizinho*], por exemplo, tem diminuído muito. Então é isso, as pessoas que iam para outros parques da cidade agora vem para a Orla. E nunca diminui. Pelo menos eu tenho essa sensação, de que cada vez eu tenho menos espaço.

Entrevistado n. 12: Eu notei bastante uma mudança de público. Outra coisa que antes tinha era uma galera bem mais nova que ia para fumar e tal. Eles iam e ficavam mais relaxados, mais à vontade, como eles queriam. Agora não, como está bem misturado [*o público*], eu não percebo mais assim. Pelo menos nos lugares onde era mais comum isso, hoje já não é mais. Eu acho que houve uma modificação bem grande nesse sentido, de quem estava onde, de horários.

No grupo 4, estão reunidas as pessoas que frequentam o parque apenas a passeio e, assim, não se apropriam da infraestrutura esportiva existente.

Tabela 13 - Grupo 4 - Passeio e contemplação.

	Idade	Escolaridade	Bairro	Quando frequenta
Entrevistado n.15	18 anos	Ensino Médio Incompleto	Santana	Dias de semana e Fins de semana
Entrevistado n.16	36 anos	Ensino Médio	Santana	Dias de semana e Fins de semana
Entrevistado n.17	29 anos	Superior Completo	Centro Histórico	-
Entrevistado n.18	26 anos	Ensino Médio	Centro Histórico	-
Entrevistado n.19	37 anos	Estudante pós-graduação	Belém Novo	Fins de semana

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Nesse grupo, as considerações sobre interações sociais, espaços explorados do parque e custos dos produtos e serviços foram bastante divergentes. Duas pessoas frequentam apenas a região da Usina do Gasômetro e consideram acessíveis os valores praticados nos bares. Esse casal tem o hábito de visitar o parque com amigos, e ambos declararam que nunca estabeleceram contato com pessoas estranhas no local. Outros dois entrevistados ocupam vários lugares do parque, sem restrições, e costumam consumir produtos dos vendedores informais, devido aos altos preços dos produtos locais. Em relação às interações sociais, revelaram que fazem muitas amizades no parque, as quais inclusive se estendem para outros aspectos da vida. O Entrevistado n. 15 fala um pouco sobre esse aspecto das relações.

Aqui tem todos os grupos que você imagina, as pessoas que fazem algum esporte, quem frequenta só pra conversar, outras que vão só pra olhar, pra paquerar. Então tem de tudo. Mas, enfim, a gente se relaciona com todo mundo porque às vezes tu está ali e tem uma pessoa idosa ou passa até uma pessoa que precisa de alguma coisa, a gente ajuda, às vezes paga um lanche. Dinheiro a gente não dá, mas a gente paga um lanche, alguma coisa assim.

O Grupo 5 caracteriza-se por participantes que têm uma maior aproximação com atividades profissionais ou de lazer vinculadas à arte.

Tabela 14 - Grupo 5 - Atividades artísticas e culturais.

	Idade	Escolaridade	Bairro	Quando frequenta
Entrevistado n.20	39 anos	Superior Completo	Rio Branco	Dias de semana
Entrevistado n.21	39 anos	Superior Completo	Menino Deus	Dias de semana
Entrevistado n.22	36 anos	Estudante - Ensino Médio	Lomba do Pinheiro	Fins de semana
Entrevistado n.23	37 anos	-	Restinga	Fins de semana

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

No entanto, nesse grupo, apesar dos interesses comuns, as diferenças ficaram evidentes, principalmente aquelas que dizem respeito às condições socioeconômicas e de local de moradia na cidade. O trecho da conversa incluído abaixo permite uma aproximação com as diferentes realidades e demandas da população:

Entrevistado n. 22: Nós, do movimento HipHop, a gente tentou fazer uma reunião com a Secretaria de Cultura na época, pra gente intervir junto e poder dar uma ideia de infraestrutura, para que o parque também tivesse a nossa cara, a nossa ideia do jovem negro periférico, tentamos implantar algo do HipHop ali e tal para que ficasse legal. Fomos vetados na época, pois os engenheiros já estavam com tudo pronto. Então, aquele parque, aquela Orla ali poderia ter uma outra cara diferente se eles tentassem dialogar com os movimentos sociais, com as classes trabalhadoras, porque, quando tu vai fazer um parque desse, que representa toda uma questão de povo, de cultura, era para sentar com as pessoas que fazem a coisa, até pra gente ter uma cara.

Entrevistado n. 20 Porto Alegre passou mais de 50 anos sem olhar para o Guaíba. Então eu acho que qualquer coisa que venha para agregar para essa coisa linda que a gente tem ali tem que ser contemplado, tem que ter discussão, as pessoas tem que participar, mas as coisas precisam funcionar. Não é pensar: "- ah, porque a minha ideia é essa e não foi contemplada". Mas tem muito estudo nisso, que às vezes a gente não sabe. Por exemplo, teve muita gente envolvida na construção da primeira pista [*Pista de Skate do Parque Marinha do Brasil*], envolvida na construção da segunda pista [*Pista de Skate da Orla*]. Então tem um histórico que é retratado nisso.

O Grupo 6 foi pensado inicialmente como uma categoria de frequentadores que participam de atividades esportivas de movimento ao longo do parque. No entanto, não de maneira intencional, a configuração deu-se basicamente por pessoas que utilizam a infraestrutura da Orla para realizar corridas e apenas um integrante é praticante de skate. Impactando ainda mais nas percepções, este único

entrevistado é morador de região periférica da cidade, enquanto os outros residem em bairros mais próximos ao parque.

Tabela 15 - Grupo 6 - Atividades esportivas¹¹.

	Idade	Escolaridade	Bairro	Quando frequenta
Entrevistado n.24	28 anos	Estudante - Ensino Superior	Mário Quintana	-
Entrevistado n.25	43 anos	Ensino Médio	Cidade Baixa	Dias de semana
Entrevistado n.26	51 anos	Superior Completo	Jardim Itu	-
Entrevistado n.27	37 anos	Superior Completo	Centro Histórico	-

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Assim, as divergências de opiniões e percepções sobre o parque ficam evidentes a partir dos diferentes lugares de fala dos entrevistados, como mostra o percebido a seguir, nos recortes de fala durante a webconferência.

Entrevistado n. 24 Lá é um lugar bem longe do meu convívio. E, para quem anda de Skate, é diferente ir pra lá. Porto Alegre conseguiu unir dois mundos bastante diferentes, que é o pessoal que quer frequentar um lugar para se divertir na rua, que em Porto Alegre não tem, não pode, e o pessoal que quer fazer um esporte, em um lugar bonito e seguro como está a Orla atualmente. Então esses dois públicos completamente distintos estão ocupando o mesmo espaço na Orla nesse momento.

Entrevistado n. 26: Eu acho que é um espaço funcional. É pra ti ir e usar sempre quando tu não passa dos limites de respeito e da convivência com as outras pessoas. [...] Então eu acho que é um espaço para usar e algumas pessoas usam dentro do limite do respeito, da convivência, e outras não. Mas que tem preconceito, isto tem. No grupo de pessoas que eu estava, vários disseram - que são locais, porque eu não sou daqui mas moro aqui, e tu vê que tem preconceito quanto a isso. Essa é a minha opinião.

Os entrevistados do grupo 7 possuem o ciclismo como atividade em comum e se caracterizam por reconhecerem o lazer e o esporte como os principais focos do parque. Além disso, outra característica comum é que preferem, fundamentalmente, as partes mais distantes da Usina do Gasômetro e mais próximas do fim do trecho 1 - Orla Moacyr Scliar.

¹¹ Como a escolha de participação foi definida pelos próprios entrevistados de acordo com o seu foco de interesse e disponibilidade, neste grupo tivemos uma mistura de atividades. Embora exista um grupo específico para skatistas, a configuração original foi mantida, preservando a constância e pertinência dos diálogos realizados.

Tabela 16 - Grupo 7 - Ciclistas.

	Idade	Escolaridade	Bairro	Quando frequenta
Entrevistado n.28	24 anos	Estudante - Ensino Superior	Navegantes	Dias de semana e Fins de semana
Entrevistado n.29	39 anos	Superior Completo	Higienópolis	Dias de semana e Fins de semana
Entrevistado n.30	56 anos	Ensino Médio	Bom Fim	-
Entrevistado n.31	24 anos	Estudante - Ensino Superior	Santana	Dias de semana

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

O entrevistado n. 29 enfatiza a sua preferência de local no parque:

Sempre frequentei o parque, desde antes da revitalização, mas, após as melhorias no espaço, comecei a ocupar mais frequentemente. Eu não sou muito frequentador da região do Gasômetro, eu prefiro uma região mais afastada. Eu gosto daquela coisa aberta, daquela vista maravilhosa que tu tens do rio [*Lago Guaíba*]. Então sempre uma coisa que me chama a atenção e eu gosto daquilo ali é essa liberdade, é uma sensação livre. E ela [*Orla*] ficou muito bonita depois de revitalizada, dá mais vontade de ir pra lá, a infraestrutura ficou melhor.

Outra característica recorrente deste grupo é a utilização do parque em outros momentos além da atividade de pedalar, como destaca o entrevistado n. 28:

Durante a semana, eu uso o parque para pedalar. Costumo ir muito no bar 3 [*substituído pelo nome do estabelecimento*] nos finais de semana, com os meus amigos, que aí a gente está com o tempo livre e a gente vai ali beber alguma coisa.

Os entrevistados reunidos no grupo 8 são patinadores. Utilizam tanto uma quadra esportiva no fim do trecho 1 - Orla Moacyr Scliar para patinar como a pista de skate do trecho 3 - Orla Jaime Lerner.

Tabela 17 - Grupo 8 - Patinadores.

	Idade	Escolaridade	Bairro	Quando frequenta
Entrevistado n.32	40 anos	Estudante - Ensino Superior	Restinga	-
Entrevistado n.33	39 anos	Superior Completo	Cidade Baixa	-
Entrevistado n.34	30 anos	Estudante - Ensino Superior	Teresópolis	-

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Embora focados na patinação, os diálogos desse grupo tangenciaram questões relevantes, como a segurança pública, conforme podemos verificar na sequência da conversa abaixo:

Entrevistado n. 33: Eu moro em Porto Alegre há 20 anos e há 20 anos a Orla faz parte da minha vida. Em relação à segurança, efetivamente aumentou, mas, como tu bem sabes, nós, mulheres, enfrentamos outros problemas além dessa segurança. E isso vem mais, eu acho, do comportamento do ser humano e nesse sentido eu não noto tanta diferença assim, infelizmente. Eu costumo patinar de roupa curta e coisa do tipo, então continuo sofrendo os mesmos constrangimentos.

Entrevistado n. 32: Como ela falou, é uma questão de segurança pública que está sanada pelo fato de hoje nós termos ali uma condição, um aparato muito maior do que antes dessa revitalização. Mas, para nós, mulheres, ainda é um local inseguro em determinados horários. A violência para nós, mulheres, ela é diferente [...], dependendo do horário, dependendo do público. E também a gente tem que ver que o público mudou. Ali existia um público veterano [...] e hoje o que me chama atenção na Orla e das pessoas é a questão do esporte, é ver todo o tipo de gente fazendo uma atividade física. Então virou um ambiente de Porto Alegre que leva a gente a ter essa importância do preparo físico, de melhorar o cuidado com a saúde física.

Os entrevistados do grupo 9, de maneira geral, mantêm a sua presença no parque restrita à pista de skate, com exceção do Entrevistado n. 36, que frequenta também a região da Praça Julio Mesquita.

Tabela 18 - Grupo 9 - Skatistas.

	Idade	Escolaridade	Bairro	Quando frequenta
Entrevistado n.35	39 anos	Superior Completo	Teresópolis	Dias de semana/ Fins de semana
Entrevistado n.36	41 anos	Ensino Médio	Chácara das Pedras	-
Entrevistado n.37	44 anos	Ensino Médio	Tristeza	Todos os dias

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

De maneira recorrente, os entrevistados deste grupo apresentaram dificuldade em estabelecer um diálogo sobre as interações e percepções enquanto usuários do parque, mantendo o foco das discussões no equipamento em si, na importância de um espaço público desta magnitude para o esporte em questão ou

na representatividade desta modalidade esportiva. Podemos perceber tal posicionamento na fala do entrevistado n. 35:

Eu sou de classe média alta, mas ser skatista me ajudou a ter uma visão social do mundo muito melhor. Eu me considero, por ser skatista, que tenho uma visão social do mundo muito melhor e mais real hoje em dia, e com mais empatia do que se eu não tivesse experienciado e conhecido as pessoas que conheci no skate desde adolescente.

Por meio dos dados apresentados na configuração dos grupos considerados, fica evidente a vitalidade do espaço e as diferentes sociabilidades surgidas em decorrência da diversidade de atividades disponíveis, além da atratividade por sua característica excepcional na cidade. Nesse momento, cabe avaliarmos os tipos de sociabilidade ou as restrições de interação possibilitadas no espaço público, destacando em quais condições elas podem emergir.

5.4 A SOCIABILIDADE EM RELAÇÃO AO ESPAÇO

Segregação e sociabilidade são os dois principais conceitos, aparentemente opostos, que fornecem embasamento para o presente estudo. Segregação indica separação e diferença, enquanto sociabilidade pressupõe contatos, identificação, comunicação.

Podemos dizer que a sociabilidade é um termo que denomina o indivíduo na sociedade, ou seja, as relações que cada um mantém com os outros. O que observamos, no entanto, é que as diferentes interações sociais estabelecidas entre as pessoas guardam certa associação com o meio em que acontecem, respeitando, de certa forma, algumas regras e valores por ele impostas. Assim, é preciso que o indivíduo aprenda a viver em sociedade, a relacionar-se e a compreender tais regras e valores. Esse processo permite uma integração efetiva à vida social e, sobretudo, o reconhecimento e a necessidade de respeitar as diferenças.

Desse modo, faremos aqui um aprofundamento da Categoria de Análise Diferentes Públicos estabelecida a partir da análise temática realizada na metodologia.

Conforme apresentado na revisão bibliográfica, autores como Jane Jacobs (2017), Richard Sennet (1988) e Ann Legeby (2010; 2013) enfatizam a importância de compartilhar o espaço público para fazer parte da sociedade ou como forma de

aprender suas regras. Estar situado em um determinado espaço social implica possuir um modo de vida característico. Além disso, exige um comportamento específico, em conformidade com o modo de vida de seu grupo social, com o objetivo de ter valores e regras de convivência capazes de buscar a harmonia e o bem-estar. O entrevistado n. 22 enfatiza em sua fala essa diferença de valores, presente no Parque da Orla.

Entrevistado n. 22: Eu vejo a questão da Orla de um olhar diferente, mas não vai muito na contramão do que todo mundo já disse. Eu vejo uma situação que é a seguinte, vejo um parque, uma orla criada com o imposto do povo, principalmente o povo da comunidade, o povo de periferia, que é um espaço público e que, na verdade, praticamente, tu vai ali e tu vê que ele não é um espaço público. Ele já foi privatizado. Tudo isso é com a nossa verba, com o nosso imposto, e sempre quando o jovem da comunidade, da favela, vai lá pra ter acesso a esse espaço, os policiais já vão para tentar nos tirar dali, **os olhares de quem frequenta ali é sempre um peso para cima de nós**, a maioria [*da periferia*] que vai para frequentar ali são negros, são negras, então eu penso pela questão, é uma orla, é parque construído, reformado com o nosso dinheiro de impostos, da comunidade, a gente vai pra usar esse espaço, eles querem nos tirar o direito de usar o espaço, querem nos escorraçar e nos tirar dali [...].

Nesse sentido, podemos nos apropriar da expressão utilizada por Netto (2014), de que "o espaço urbano separa". Resgatando Lefebvre (2001), o direito à cidade carrega a ideia fundamental de que as desigualdades e opressões são determinantes na produção do espaço e por ele são determinadas. O atual modelo de urbanização das cidades impõe padrões de segregação e de violência a determinados segmentos sociais, conforme relatado no trecho acima, o qual foi extraído das webconferências. A criação de constrangimentos e fragmentações do espaço apresenta-se, assim, como um fator impeditivo para ocupar os espaços da cidade e para a construção de interações sociais.

Esse processo de formação e de organização dos espaços urbanos a partir de uma homogeneidade pode ser relacionado com aquilo que Harvey (2011) chama de "sedução pelo embelezamento". Para este autor, espaços criados com uma estética específica, em parcelas fragmentadas da cidade, configuram-se como polos de atração de uma determinada classe social, tornando-se símbolo de distinção social, causando estranheza e constrangimento aos demais e interferindo não apenas na dinâmica urbana como também no poder do próprio espaço. A esse respeito, é ilustrativa a fala do entrevistado n. 22 quando se refere ao parque revitalizado:

Entrevistado n. 22: A minha filha gosta de frequentar ali. Eu, a princípio, frequento quando a gente vai fazer show de rap, não gosto de frequentar muito. Eu vejo que é um espaço muito hostil para quem é de periferia, ainda mais para quem é negro como nós, para quem não se enquadra aos padrões deles, porque a gente é da periferia, a gente é da cultura, a gente tem toda uma outra visão, todo um outro jeito de se vestir.

A análise que Bourdieu (1997; 2010) faz a respeito da distinção permite uma compreensão sobre a tradução do estilo de vida dos indivíduos na busca de um determinado enquadramento. Para este autor, visando não perder aquilo que os distingue, os indivíduos buscam a realização de estratégias objetivamente orquestradas. A continuação da fala do entrevistado n. 22 proporciona uma melhor compreensão sobre essa distinção social a partir do gosto e do estilo:

Entrevistado n. 22: Aquilo ali é um espaço 100% da elite. Não é à toa que, quando a gente faz os nossos eventos de rap ali [*no Anfiteatro Pôr-do-Sol*], é mais o povo periférico que "cola" ali, porque o povo da elite olha para o pôr-do-sol quando tem aqueles eventos da Nívea¹², eles acham que se encaixam naquela parada.

A percepção de distinção do público que frequenta o parque não fica restrita apenas a si próprio, como podemos verificar nas considerações do entrevistado n. 29, que explica a setorização ocorrida naturalmente no espaço revitalizado:

Entrevistado n. 29: Tu consegues perceber claramente que o público vai aumentando o grau de classe social, digamos o ganho mensal, conforme tu te distancia mais da Usina do Gasômetro. Quanto mais próximo da Usina, é um público mais pobre, um público mais socialista. Se tu vais para o outro lado, tu começa a ver pessoas de um poder aquisitivo maior, mais capitalista. Então tem uma diferença sim, e é bem razoável. Tu não vais ver quase ciclista ali perto da Usina. Diferente do que tu vê lá perto do monumento das cuias [*Rótula das Cuias*], que tu vais ver aquele ciclista com uma bike de 5, 10 mil reais andando. Então tu percebe essa diferença, tu consegue ver que existe claramente uma mudança de perfil do público que frequenta e vai aumentando a questão de renda, de ganho das pessoas.

O progresso identificado a partir de melhorias urbanas, como no caso do projeto de requalificação do Parque Urbano da Orla do Guaíba, altera não só a paisagem local, mas também transforma significativamente a vida de seus moradores, interferindo muito nas relações de interação social. Nesse sentido, o consumo, proporcionado pelo dinheiro, impõe uma ênfase na individualidade e uma consequente impessoalidade nas relações humanas (SIMMEL, 1998). Assim, as

¹² Projeto Nívea Viva, que promove shows de grandes artistas, gratuitos, em diversas capitais do Brasil, organizado pela empresa multinacional alemã Nívea.

relações sociais, influenciadas diretamente pela estrutura econômica, estabelecem uma ruptura ou um certo desequilíbrio entre os aspectos sociais e materiais da vida. A sequência da conversa a seguir corrobora tal questão:

Entrevistado n. 12: Eu noto que houve uma gentrificação¹³ grande. Essa melhora do nível das coisas que estão ali, tipo restaurantes melhores, pavimentação melhor, tudo melhor, acaba afastando e assustando outras pessoas que antes iam e, agora, não tem mais um lugar. Acabam se sentindo indesejadas, vamos dizer assim. **Então, o normal que acontece nas cidades, quando há uma mudança como essa, é que, sim, algumas pessoas vão ter que dar lugar para outras.** Então eu notei bastante uma mudança de público. Outra coisa é que, antes, tinha uma galera bem mais nova que ia para fumar e tal, eles iam e ficavam mais relaxados, mais à vontade, como eles queriam. Agora não, como está bem misturado [*o público*], eu não percebo mais assim. Pelo menos nos lugares onde era mais comum isso, hoje já não é mais. Eu acho que houve uma modificação bem grande nesse sentido, de quem estava onde, de horários.

Entrevistado n. 11: Então é desse jeito que acontece uma gentrificação. **A pessoa pode ir e ela pode entrar, mas ela não consegue, entendeu?** [...] Acho, sim, que tem um lado muito legal de aproximar e trazer restaurantes na beira do rio, eu acho o máximo! Mas o público frequenta, quem não tem muito dinheiro? Como é que chega, como é que sai? Tem uma parada de ônibus na frente? Até tem, mas fica um pouco complicado.

Ainda nesse sentido, alguns autores apresentados na revisão bibliográfica (GIDDENS, 1975; GOFFMAN, 2010, JACOBS, 2017, PURCELL, 1997) estabelecem uma relação entre os processos de formação e de transformação dos espaços públicos e a presença simultânea de indivíduos diferentes, de condições e realidades socioeconômicas distintas. As falas apresentadas a seguir demonstram a percepção dos entrevistados sobre essa mistura de público:

Entrevistado n. 25: Eu não sei qual foi a estrutura, de tudo o que foi esse processo, mas o skate agora está no foco [...] De qual pessoa foi a ideia de colocar a maior pista de skate da América Latina no meio de um lugar meio elitizado? Porque a pista está ali, digamos que da classe média baixa, e tu vais ver ao redor, o restaurante um pouco mais caro, os bares mais caros, e se tu puxar um pouquinho antes da primeira etapa da Orla, que agora no Cais [*Mauá*] tem o Embarcadero - eu já fui, tu gasta muito! Então é a associação de uma pista para uma classe média baixa e no entorno tem restaurantes extremamente caros. É só tu ir no Embarcadero uma noite, tu vais ver as pessoas que frequentam, e vai naquele outro restaurante de vidro [*restaurante panorâmico, dentro d'água*], que é o mais caro, que tem que agendar para ir e tudo o mais. Às vezes alguma coisa "não bate", né!? Para quem foi feita a pista? Por que foi feita a pista? [...] Então é exatamente o que eu quero dizer, a pista que não é elitizada está em um lugar um pouco mais elitizado. Não que o bairro seja nobre, mas é um ponto da Orla muito bom. Então

¹³ Termo utilizado para descrever o fluxo de pessoas de classe média que desloca moradores de classes mais baixas de bairros urbanos, geralmente em áreas centrais (DAUDÉN, 2019).

seria esse projeto para juntar as classes? Acredito que não, acho que é uma questão de governo, até porque "eles" tem que fazer alguma coisa, então fazem alguma coisa cara e bonita. **Mas eu tenho certeza de que não é para juntar classe social.**

Entrevistado n. 26: Tem pessoas que não pisam na Orla por questões sociais, socioeconômicas. Tem uma parcela de Porto Alegre, como colegas de trabalho meus, amigos de determinados tempos da minha vida, que, de todos os anos que eu conheço, nunca foram na Orla. E não saem do que é o shopping, o [bairro] Moinhos e o [bairro] Bela Vista. E não frequentam a Orla porque não sentem segurança. Acho que esses barzinhos novos que tem, tem o objetivo de captar esse público que está um pouco longe. Não sei se funciona realmente, mas acho que tem um pouco disso. Principalmente essa parte dos galpões [Cais Embarcadero], cumpre com esse papel. É uma bolha.

A diferenciação é um princípio de estruturação da sociedade, uma vez que as percepções, os gostos, os interesses e as preferências dependem, de certa forma, da posição que se ocupa na hierarquia social (BOURDIEU, 1997; 2010). Fazer um juízo classificatório de outra pessoa equivale a supor que o indivíduo tem a capacidade de perceber a sua posição no espaço social. Destacamos, neste sentido, a fala do entrevistado n. 2:

Entrevistado n. 2: Eu gosto de visitar [o parque] principalmente durante a semana, que é "tranquilinho". No final de semana, eu tenho reparado que vem pessoal de tudo que é lado. E aí eu vou dizer o seguinte, até comentei sobre isso neste final de semana: "- bom, agora está mais parecido com o Rio de Janeiro". Por quê? Eu morei no Rio de Janeiro e sei como é. **Lá tu vê uma população jovem muito presente. E esse jovem que eu falo lá, é da favela, é molecagem.** E aqui, no final de semana, está vindo essa molecagem. E óh, assim, óh [sinal de muitos]. E não quer dizer que eles são baderneiros nem nada, não sei, não dá para ver. Mas, passeando, eu tenho notado que eles estão ocupando muito esse espaço.

Entrevistado n. 14: Eu já ouvi muita coisa, é muito diverso, a impressão que cada um tem da Orla é muito específica [...]. Eu notei que ficou muito mais democrático, no sentido assim que tem todo o tipo de público e estou falando de classe mesmo, tem todos os tipos de classe. **Mas eu concordo que tem, e vou colocar entre aspas aqui, uma elite, e isso é do Brasil mesmo, é cultural, tem a cultura de não gostar desse tipo de manifestação, de mistura de classes no mesmo lugar.** Então eu ouço muito isso, que eles acabam tornando pejorativo: "- é rafuagem, é gente não sei de onde, é perigoso, eu tenho medo". E na verdade não é assim, eu não ouço muitos relatos, mais do que em outros lugares de Porto Alegre, de que tenha acontecido alguma coisa lá.

Percebemos, a partir dos fragmentos de entrevistas acima, que as questões socioeconômicas dos indivíduos são fatores relevantes na ocupação do espaço, reforçando a homogeneidade das redes de relações e evidenciando as distâncias.

Desta forma, existe um reconhecimento dos diferentes indivíduos ou de grupos sociais distintos no Parque da Orla. No entanto, não há, conforme sugerido por Legeby, Marcus, Pont (2014) e Maciel, Zampieri (2018), a construção de uma solidariedade urbana.

Entrevistado n. 5: Eu acho que tem os nichos e as pessoas não tem interação deles com outros nichos. No caso, o Cais Embarcardero não vai estar conversando com o pessoal que fica na saída da [Rua dos] Andradas, por exemplo. Tem questão de classe, não adianta, separa. Não só condição de classe. Classe interfere, sim, mas as pessoas tem as tribos delas. Tu vais ver pessoas mais hippies, pessoas mais do skate, então elas sempre acabam interagindo com quem elas se sentem mais confortáveis porque acham que vão ser aceitas. Eu acho que ter tua própria tribo é uma coisa que facilita. Essa questão da tribo, uma pessoa que está curtindo um som, que coloca uma caixa de som alto, está curtindo a festa, tomando alguma bebida, então é fácil de interagir. A pessoa que está treinando, correndo, também vai passar e vai interagir com aquele mesmo público, do mesmo esporte, então acho que é bem "nichado" mesmo.

De maneira geral, os entrevistados reconhecem diferentes públicos, que alguns chamam de tribos. Quando questionados sobre interação social, todos parecem opinar a partir de uma visão de observador, enquanto poucos se posicionaram e relataram as suas interações ou restrições no espaço. Os entrevistados concordam que a interação existe, mas acreditam que seja entre iguais, principalmente aquelas relações possibilitadas por atividades esportivas ou práticas semelhantes.

Outro fator importante a ser considerado, apresentado de maneira recorrente nas webconferências e em consonância com o exposto na revisão bibliográfica, diz respeito à questão da localização (VILLAÇA, 2001; NETTO, 2014) como fator para o entendimento das dinâmicas que podem ser encadeadas na cidade, sobretudo na ocupação dos espaços públicos. Além disso, a estrutura e a configuração do espaço urbano influenciam diretamente a distribuição e o acesso aos recursos humanos e materiais, tanto os públicos quanto os privados.

Entrevistado n. 24: Mas tem uma coisa interessante. **Eu acho que não é uma questão geográfica.** Por que, pela geografia, a pista [de skate] do IAPI fica no bairro Higienópolis, um dos metros quadrados mais caros de Porto Alegre, e a pista do IAPI nunca foi elitizada e nunca vai ser. Então é uma questão da política [pública] mesmo, e de estar tendo repressão. Até a questão dos ambulantes, que é muito restrita, dos restaurantes, das pessoas que frequentam, essa questão de ter muito policiamento para passar essa sensação de segurança, abordagens constantes, e quem não se veste de um certo padrão, quem não está de acordo.

Apresentamos a seguir as considerações relativas à Categoria de Análise Acessibilidade. Intimamente relacionada com a localização, a acessibilidade é um fator fundamental para a apropriação do espaço. Neste sentido, torna-se relevante analisar questões relativas aos diferentes modais de transporte. Considerando que a renda afeta a forma como nos deslocamos no tecido da cidade, podemos afirmar que grupos de maior renda possuem maior mobilidade, enquanto indivíduos que pertencem aos grupos de menor renda são mais dependentes do transporte público. As falas a seguir ilustram um pouco da realidade local e da percepção dos usuários:

Entrevistado n. 12: É a privatização das áreas públicas. Antes todo mundo ia e vinha, agora tem estacionamento pago em todo o entorno. Criaram um estacionamento pago próximo à Rótula das Cuias, o entorno do [Shopping] Praia de Belas agora está com Área Azul¹⁴, a rua em frente ao Parque Harmonia também fecharam e transformaram em um estacionamento pago. Então, a minha ideia é que, como tudo isso foi bastante por parte da iniciativa privada, de alguma maneira essas pessoas vão ganhar. E, quando fizerem aquela parte central do parque [trecho 02 - Anfiteatro Pôr-do-Sol], onde vai ter aquela roda gigante, se é que vai ter ainda roda gigante, talvez não tenha ainda no projeto, mas eu não duvido que tenha um shopping, entendeu? E que mais ainda esse espaço seja privatizado e que mais difícil ainda seja de acessar. É o que eu tenho medo que aconteça. Então eu não sei o que vai acontecer no futuro dessa Orla.

Entrevistado n. 14: Tirando a parada que tem na frente da Usina, não tem nenhuma outra ao longo do percurso, justamente porque eu acho que o maior interesse é quem vai de outras formas e **não há um interesse em largar esse pessoal que vai de transporte público ali.**

Entrevistado n. 5: Eu fui agora no domingo e é meio constrangedor chegar na parada de ônibus e ter quase 100 pessoas na parada e não ter ônibus. Tem um ônibus, todo mundo pega aquele ônibus lotado pra depois largar em outra região da cidade ou ir pelo centro de Porto Alegre até chegar nos terminais. São poucas vias de acesso ao parque, então acho que teria que dar um jeito de melhorar isso, mas não sei como é que poderia ser feito. [...] Hoje eu vou de Uber. Mas o que eu faço, geralmente eu não vou de Uber para a Orla. Normalmente eu desço no centro, um pouco antes, porque, se você vai direto para a Orla, não consegue chegar, demora muito mais tempo e é muito mais caro. Então eu desço um pouquinho antes e vou caminhando. Eu desço na [rua] Riachuelo, naquela região, e vou a pé. Mas também não é uma coisa simples de fazer. Pra mim é, mas tem que dar um jogo de cintura pra poder chegar ali tranquilamente.

O entrevistado n. 24 conta um pouco sobre a realidade do jovem periférico que utiliza o transporte público para chegar até a Orla:

¹⁴ Sistema de estacionamento rotativo adotado em vias públicas das cidades brasileiras, mediante pagamento, por limite de tempo.

Entrevistado n. 24: A questão do deslocamento na cidade com certeza é um fator muito importante no uso da pista [*de skate*], porque ela fica em uma zona muito privilegiada da cidade, uma zona central que atrai todo o tipo de público, de todos os lugares, de todas as cidades [*da RMPA*] também. Mas, para ir diariamente, é bem complicado. Daqui de onde eu moro, demora quase 1h para chegar lá, tem que pegar um ônibus, descer no centro, caminhar até lá ou pegar mais de um ônibus para chegar. Então tem essa questão do deslocamento não ser tão facilitado.

O entrevistado n. 12 concorda com esse ponto de vista e complementa:

Entrevistado n. 12: Eu acho que ele [*o parque*] é fácil de acessar, eu acho que é bem permeável, pois dá para acessar de vários lugares, mas fielmente planejado para acessar diretamente por pessoas com modais diferentes eu acho que não, porque não tem ônibus que desemboca ali.

Tendo em vista as questões de acessibilidade e de distinção social percebidas pelos usuários do parque, podemos, então, tecer algumas considerações sobre outra Categoria de Análise, a Setorização do espaço. Fica evidente nas falas dos entrevistados, conforme já verificado por Legeby (2013), Mera (2014) e Rasse (2015), que a configuração do espaço urbano tem a capacidade de criar proximidade ou distância entre os indivíduos. O entrevistado n. 27 descreve as diferentes ambiências e os variados espaços que o parque possui, evidenciando as práticas sociais estabelecidas na área:

Entrevistado n. 27: Na verdade, com a reforma, a primeira parte do Gasômetro é a parte onde tem mais música, tem mais bares. E tem aquele lado anterior, do outro lado da rua, que foi o primeiro a ser revitalizado, que fizeram os decks [*Praça Julio Mesquita*]. Geralmente ali o pessoal fica, vai fazer um churrasco, vai sentar para tomar um chimarrão e usam as quadras, são só duas quadras. Então ali o pessoal vai mais para ficar em família, jogar bola, assistem as crianças jogando bola, andam de bicicleta e fazem churrasco. No outro lado [*Setor Gasômetro*], já é mais movimentado, em virtude dos restaurantes, o pessoal que vai lá com música, então eu acabo ocupando em virtude disso. Aí tu vais ver a parte nova agora [*Trecho 03*], não tem tantos bares, é mais esportivo, as quadras, e aí não tem tanto bar quanto o outro. Na verdade a Orla agora ficou dividida em três, porque tem a primeira parte [*Praça Julio Mesquita*], a segunda, que tem a quadra de patins, a quadra que o pessoal utiliza para patinar e tem duas quadras de areia [*Trecho 01*], e agora as quadras da parte nova [*Trecho 03*]. E acho que cada uma tem um tipo de movimento diferente.

O entrevistado n. 29 compara usuário e espaço, assumindo uma preferência espacial atrelada ao público que frequenta o parque.

Entrevistado n. 29: Não é querer ser chato, mas um pouco é o perfil do usuário, daquele pessoal que está ali, que é aquele pessoal mais baderneiro, que está ali querendo mais uma farra. Esses dias eu saí com um rapaz pra gente conversar e a gente estava ali conversando

perto da Usina [*do Gasômetro*] mesmo. Nós estávamos observando o pessoal encrocando com o segurança do restaurante [*panorâmico, dentro d'água*]. Então eu digo que prefiro ficar mais afastado, em uma área com um pessoal mais educado, sem esse incômodo, sabe? E também porque acabo me sentindo um pouco mais seguro. Por que, quando tem muita gente em volta, fica mais difícil de tu controlar o teu celular, tu tens que cuidar do teu chimarrão, da tua carteira. Então, por essas questões, eu acabo saindo um pouco daquilo ali. Não que não goste. Eu antes da pandemia frequentava, inclusive eu ia na Usina [*do Gasômetro*] antes da reforma¹⁵, eu ia nas exposições de arte, já fui em peças de teatro ali, então eu gosto daquilo ali, eu acho que tem uma vocação cultural muito boa aquela região, mas acabo evitando. Pelo menos assim, na questão de fim de semana, principalmente sábados e domingos à tarde, é um lugar que dificilmente vou frequentar aquela região (...) eu acabo evitando um pouco aquela ponta.

O entrevistado n. 3 apresenta o seu ponto de vista sobre o mesmo local e também considera que, nessa região do entorno da Usina do Gasômetro, há um público bastante diferente do que frequenta as outras porções do parque.

Entrevistado n. 3: Eu fui no último domingo e sentei para ver o pôr do sol bem em frente ao 360 [*restaurante panorâmico, dentro d'água*], e aí, se tu olha pra trás, tu vê um grupo de pessoas batendo tambor, cantando, e tudo muito próximo. Tu percebe que aquele pessoal vem de longe e se encontra ali. E é diferente do público que frequenta o parque mais para lá [*na região dos bares*]. E eu acho que a polícia, por exemplo, costuma chegar a cavalo e meio que dispersá-los. Até aí a gente fica se perguntando se é a classe social ou o que é. Mas tem uma diferença muito grande de público.

Embora o Cais Embarcadero não faça parte do Parque da Orla, pela proximidade espacial e coincidência do período de inauguração, o equipamento esteve presente na fala de muitos entrevistados, tecendo comparações, principalmente em relação ao público que ocupa a região da Usina do Gasômetro, situada ao lado do Cais Embarcadero, conforme podemos verificar na fala a seguir:

Entrevistado n. 21: Mas nessa questão de público é bem notável a diferença do público da Orla, que é do lado ali do Gasômetro, para quem vai no Embarcadero. O Embarcadero é um empreendimento que é fechado, primeiro de tudo. Tem segurança, tem um número máximo de pessoas que podem entrar, tu não pode entrar de bicicleta, se tu for entrar de bicicleta tu tens que descer da bicicleta e tem que andar com a bicicleta na mão, enfim, é um outro mundo, tem uma regra toda para entrar ali dentro. Então ali acaba entrando só um determinado tipo de pessoa e as outras pessoas, meio que deu uma separada no público de Porto Alegre a partir do Embarcadero. No Gasômetro cabe todo mundo, eu acho que é diferente.

¹⁵ A Usina do Gasômetro está fechada para reforma desde janeiro de 2020. Fonte: Secretaria Municipal da Cultura (SMC). Disponível em: <https://www2.portoalegre.rs.gov.br/smc/default.php?p_secao=257>. Acesso em 19 fev 2022.

Com isso, através dos fragmentos das entrevistas acima apresentados, confirmamos que a região do entorno da Usina do Gasômetro consagra o seu uso como palco de manifestações culturais e populares. O fato de a única parada de ônibus no trecho 01 - Orla Moacyr Scliar estar localizada nas suas imediações também reforça e justifica a presença de um público mais periférico. A fala dos entrevistados, bem como de outros não citados, valida a escolha pelos diferentes lugares atrelada às práticas de lazer ofertadas no espaço e ao perfil dos frequentadores de cada região, permitindo estabelecer uma relação entre o espaço e os fatores socioeconômicos dos usuários.

Conforme apresentado na contextualização do caso empírico, o Parque Urbano da Orla do Guaíba não tem um entorno característico e é fracamente integrado na morfologia geral da cidade, algo que, de certa forma, contribui para que os frequentadores demonstrem possuir uma maior relação com as atividades praticadas do que com o desenho do parque, o que foi confirmado nas webconferências pelos entrevistados. Neste sentido, acrescentamos, a esta abordagem física e morfológica, também questões sociais, que se tornam, no nosso entendimento, de extrema relevância para as diferentes sociabilidades no espaço público, questão que será melhor apresentada na próxima seção.

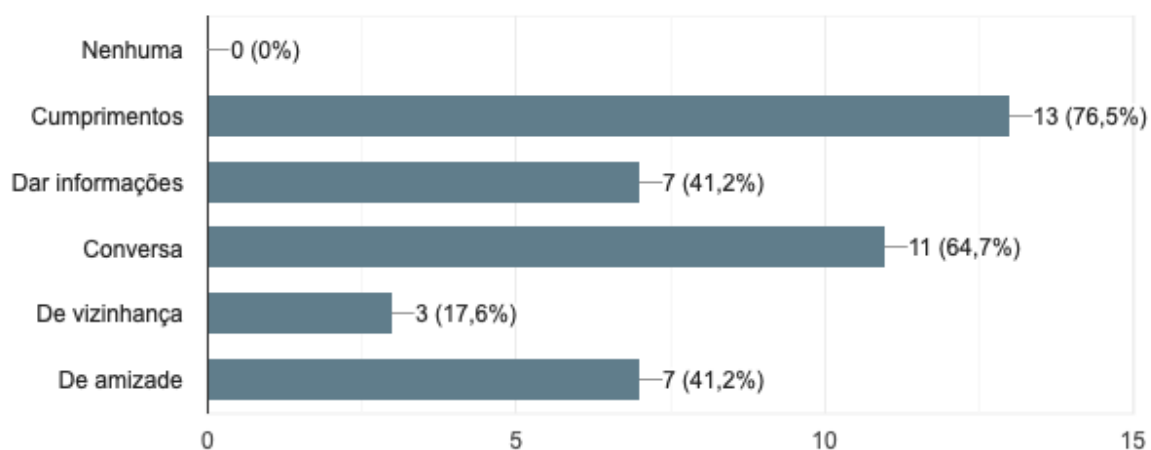
5.5 A SOCIABILIDADE NO ESPAÇO DE ATIVIDADES

No contexto desse estudo, é pertinente destacar a relação que as atividades cotidianas e as práticas de lazer têm com os valores sociais, inclusive representando um fator chave para combater a segregação urbana, visto que são elementos centrais da interação social. Para ilustrar os múltiplos tipos de sociabilidade ocorridas no caso específico do parque urbano em estudo, e na tentativa de aprofundar a Categoria de Análise Interação e Encontro, retomamos a classificação das relações e dos comportamentos sociais possíveis de serem identificados no espaço público, utilizadas por Mehta (2019): sociabilidade passiva, fugaz e duradoura.

O gráfico a seguir apresenta, de maneira geral, as interações praticadas pelos usuários do Parque Urbano da Orla do Guaíba com pessoas conhecidas. Os dados foram extraídos das informações contidas nos questionários e nas

webconferências, e dizem respeito aos encontros casuais ocorridos no espaço, ou seja, aqueles encontros que ocorreram sem uma combinação prévia. Podemos perceber que a maior parte das interações foram relativas a cumprimentos e conversa.

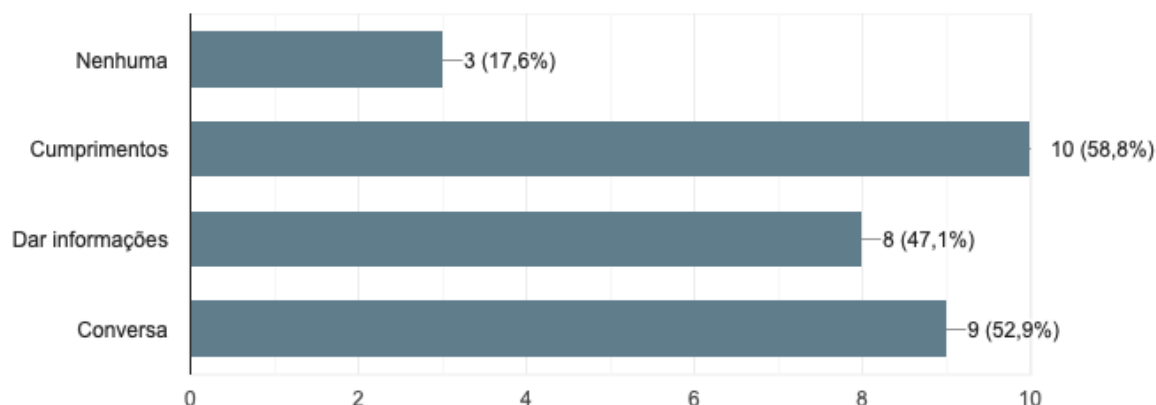
Gráfico 3 - As relações estabelecidas com pessoas conhecidas no parque.



Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Quando questionados se estabelecem relações de contato e interação com pessoas desconhecidas nas dependências do parque, 70,6% dos respondentes afirmaram interagir com estranhos, enquanto os 29,4% restantes declararam que preferem não realizar contatos com desconhecidos. O gráfico a seguir classifica as interações. Podemos perceber que a maior parte dos entrevistados demonstra estar aberta para conversar e prestar informações.

Gráfico 4 - As relações estabelecidas com pessoas desconhecidas no parque



Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Verificamos que a maioria dos frequentadores estabelece algum tipo de contato no parque, seja com pessoas conhecidas ou não. No entanto, como foi possível validar através dos relatos extraídos das webconferências, a profundidade das relações vincula-se às atividades realizadas no espaço e estão limitadas por uma questão de renda. Constatamos que a facilidade de interações mais profundas ou a criação de laços duradouros estão ligadas à condição socioeconômica, permanecendo restritas aos usuários brancos, de classe média e moradores das regiões centrais da cidade.

5.5.1 Sociabilidade Passiva

A sociabilidade passiva possui um importante papel no compartilhamento do espaço e na percepção de pessoas diferentes entre si. Fazem parte deste grupo as interações superficiais de ver e ser visto e também de compartilhamento do espaço. Por não prescindir um contato efetivo, podemos relacioná-la com as respostas que correspondem a “nenhuma interação” nos gráficos 3 e 4.

As falas dos entrevistados 5 e 31 relacionam as interações às várias atividades que o parque proporciona. Ambos, assim como outros entrevistados não citados, concordam que existe uma mistura bastante significativa de usuários no parque. No entanto, acreditam que não há uma socialização entre os diferentes grupos, o que acaba por manter a homogeneidade das relações.

Entrevistado n. 31: Acho que tem uma grande variedade de pessoas, tanto de classe social, como gênero etc. Até porque é meio

separado. Se tu parar para pensar, por exemplo, tem o espaço mais da pista de skate, aqui é o basquete, ali o futebol, e tem uma outra quadrinha mais para a frente. Então acho que fica meio separado onde cada pessoa gosta de estar, tem bastante espaço para todo mundo.

Entrevistado n. 5: Acho que tem uma coisa muito local do porto-alegrense, que tu consegue interagir se tem alguma coisa em comum. Eu acho que algumas atividades facilitam isso, acho que o esporte é uma das coisas que facilita muito, porque tu identifica alguém que está fazendo alguma coisa parecida contigo. Mas, já na região próxima do Gasômetro, ali sentado, tomando chimarrão ou uma cervejinha, eu acho que não é uma coisa tão comum, mas acontece. Mas acho que é o perfil do público do nosso estado mesmo.

Os entrevistados 14 e 26 são praticantes de corrida. Nos seus discursos, relatam que não estabelecem nenhum tipo de interação profunda no espaço do parque em virtude da atividade que praticam. Da mesma forma, afirmam que a condição socioeconômica não é fator impeditivo para quaisquer tipos de relações.

Entrevistado n. 14: A questão da interação depende muito das tribos. Por exemplo, o pessoal do esporte, o pessoal das quadras, é normal fazer amizade por interesses mais comuns. Quem pratica esportes mais individuais, como eu, que pratico corrida, fica mais difícil. Eu não consigo dizer, pela forma como vejo, que tenha alguma relação com a questão de classe.

Entrevistado n. 26: Da forma que eu uso a Orla, não tem espaço para isso, entende? Por exemplo, o máximo que eu consigo conhecer são pessoas que estão correndo, que eu vejo todo sábado pela manhã, que fica apenas em cumprimentos, que tu já reconhece, que são outros corredores que estão por ali pela manhã cedo e que tu vai cumprimentando, que é o horário que eu vou. As minhas conversas são superficiais, não passam de: hoje está quente, que calor.

Ao contrário dos relatos acima apresentados, alguns entrevistados percebem a presença de diferentes pessoas na Orla, mas admitem que há um desconforto em relação a tal presença, o que acarreta na ausência de interação ou de sociabilidade.

Entrevistado n. 12: E eu já ouvi relatos de pessoas falando coisas bem desagradáveis, como não dá para ir para a Orla porque mistura muito, é muito “povão”, tipo pessoas que não iam, aí tentaram ir e achavam que era muita mistura. Mas, gente, se não é para misturar em um lugar desse, então é pra que? Então, assim como tem gente que faz questão de ter essa mistura de tribos, tem outras pessoas que fazem questão do contrário. Talvez até por isso que tenha sido feito depois o Embarcadero, para ser uma Orla um pouco mais elitizada.

Entrevistado n. 29: Acho que há uma segregação ainda bastante grande. Acho que, em relação ao público, tu percebes públicos bem distintos, diferentes, e ainda não existe essa interação. Existe um respeito, isso sim, conseguem se respeitar, mas não há uma interação de fato. Mas acho que parte pelo menos do princípio do respeito, que cada um aceita ver o outro sem ser criticado. Aquela coisa, se veem dois homens de mãos dadas ali, não é uma coisa de outro mundo, as pessoas respeitam, veem aquilo como uma coisa normal. Diferente de outros pontos da cidade que, se tu fosses andar assim, seria reprimido. Acho que essa região tem essa questão, tem ainda uma segregação, tu percebes que tem grupos bem distintos, bem diferentes. Por mais que estejam próximos, tu vês que eles não se misturam.

Entrevistado n. 11: Eu acho que é um pouco “nichado”. Eu não sei se existe uma interação, se todo mundo interage com todo mundo, se existe isso. Em cima desse pensamento de que existe um público da semana e um público de final de semana, o público da semana não gosta muito de todo o público do final de semana. Eu vejo que existe isso, que no final de semana não dá, é complicado. O público que frequenta diariamente até se incomoda com aquele movimento excessivo e de uma coisa mais democrática. Por mais que exista todo o tipo de público lá, nem todo mundo está satisfeito em estar dividindo o espaço, e aí eu acho que não vai ter tanta interação.

A grande maioria dos entrevistados utiliza o parque apenas durante os dias de semana. De maneira geral, reconhecem que, no finais de semana, o Parque da Orla transforma-se em uma área metropolitana de lazer. Também identificam que os moradores de regiões mais periféricas e distantes do parque, por questões de tempo e deslocamento, frequentam o parque somente nesses dias de descanso. A justificativa dos frequentadores para a escolha de segunda a sexta é o grande volume de pessoas. No entanto, levando-se em consideração que o público da periferia é, de certa forma, marginalizado, podemos perceber um preconceito velado que tem relação direta ao perfil do usuário do fim de semana e não necessariamente apenas restrito à quantidade de pessoas no espaço.

Entrevistado n. 25: No final de semana é muita aglomeração. Eu gosto de ir de segunda a sexta pedalar ou correr, porque eu encontro várias pessoas que eu vejo, alguns pelo bairro, e encontro pessoas repetidas na Orla. Final de semana lota bastante porque realmente é muito bonito, mas acaba sendo um ponto turístico de pessoas que são um pouco mais distantes, que, como moram mais longe, precisam tirar o carro da garagem, aí vão e a Orla lota bastante.

A fala do entrevistado n. 22, morador do bairro Lomba do Pinheiro, retrata as diferenças entre o frequentador da semana e os indivíduos que visitam o Parque da Orla durante os finais de semana, principalmente no que diz respeito à hostilidade do espaço e à construção de um sentimento de não pertencimento ou invisibilidade.

Entrevistado n. 22: Aquilo ali [o Parque da Orla] sempre foi um ponto de beber e usar droga dos *playboy*, sempre teve isso. Só que agora está maquiado, porque estão colocando a culpa e direcionando para quem é das comunidades e das favelas. Uma coisa é tão engraçada, tu passa ali na segunda-feira e tem quatro ou cinco viaturas e tem uns *playboys* sentados ali fumando uma maconha e "não dá nada", mas, quando é final de semana que tem um preto da comunidade que tá fazendo a mesma coisa, aí é diferente, aí a paulada pega, porque tudo é uma questão social de quem mora no entorno da Orla, sabe, é totalmente diferente. [...] A Orla não mudou ainda, o público é o mesmo e acho que tem muito o que melhorar aquele espaço. E eu acho que isso só vai mudar quando tiver mais políticas ali dentro, políticas públicas, voltadas ao povo de periferia, das comunidades [...], para que a gente possa fazer com que esse público de periferia sinta que a Orla também é deles, que eles são parte desse processo.

A ação do policiamento e da Guarda Municipal, abordada de maneira recorrente entre os entrevistados, demonstra, de certa forma, uma indução da segregação do espaço, contribuindo para a restrição de uso e ocupação e, conseqüentemente, afetando a interação e a sociabilidade no ambiente do parque. O trecho transcrito da fala do entrevistado n. 24, morador do bairro Mário Quintana, contribui para o entendimento da distinção.

Entrevistado n. 24: O policiamento, eu diria que é quase uma repressão. E **eu acho que isso tem muito a ver com classe social** e com o não entendimento do que é o esporte e do que é a função social da polícia no espaço. Porque, como a gente já está conversando aqui, lá é um lugar em que vai todas as classes sociais, mas parece que algumas são privilegiadas até no espaço público. E isso é uma das preocupações que eu tenho, que não haja uma "gentrificação" do espaço público e do esporte skate, principalmente, que é o grande investimento ali, o grande marketing é em torno da pista de skate e não das quadras e do parque em si. E, de fato, **está havendo muita repressão, pessoas sendo abordadas** no meio da pista, pessoal botando luz e fazendo revista nas escadas, nas pessoas paradas, transeuntes, **e nós sabemos o que essas pessoas tem em comum: é uma classe social, um tipo de se vestir, é a cor da pele.** Isso é uma coisa que me incomoda bastante na Orla. Eu não deixo de frequentar por isso, mas é uma coisa que acontece, e acontece com frequência.

De maneira geral, a pista de skate foi retratada como um lugar de encontro e de práticas sociais de interação. Os frequentadores atribuem ao esporte a capacidade de sociabilidade entre indivíduos diferentes, sem restrições.

Entrevistado n. 24: Isso daí é uma coisa cotidiana. Tu começa a frequentar o lugar, tu começa a conhecer as pessoas, até por uma questão de boas práticas tu vai cumprimentando, daí tu interage, isso é bem comum. Mas geralmente acontece entre os skatistas e **skatista não tem muito problema não, a gente está muito acostumado a conversar com pessoas na rua, moradores de rua, vendedores, mendigo, segurança, policial, todo mundo.** Isso acontece, isso é da rotina de quem pratica um esporte de rua. [...] As

peessoas tem um fascínio pelo skate, então as pessoas estão sempre curiosas em saber alguma coisa do skate.

Entrevistado n. 35: Eu ando de skate com pessoas de todos os níveis sociais, de todas as classes, e isso é muito legal no skate. Eu não vejo isso em nenhum outro esporte. Sou praticante de surf, adoro futebol, mas o único lugar onde todas as classes sociais se juntam, e que quando tu estás praticando esporte é todo mundo igual, é no skate. E eu acho isso a parte mais legal do skate, porque tenho amigos de todas as classes sociais e acho isso muito interessante, eu consigo conviver com todos os meios, todos os tipos de profissão, enfim, é no mundo do skate. E quando a gente está ali andando, a gente sabe disso, a gente vê.

5.5.2 Sociabilidade Fugaz

Nesse grupo, iremos incluir as interações fáceis e os contatos breves, como cumprimentos, dar informações, pequenos bate-papos e conversas (conforme apresentado nos gráficos 3 e 4). Este tipo de sociabilidade é importante no espaço público, pois estabelece possíveis começos de interações sociais mais profundas e duradouras, assim como o envolvimento entre os indivíduos.

Percebemos que o perfil dos entrevistados com facilidade em desenvolver tais interações se repete: são pessoas de classe média, moradoras da região central. Cabe destacar aqui que, no contexto do presente trabalho, chamamos de região central não apenas o bairro Centro Histórico, mas todos os bairros que possuem proximidade com o parque em questão, melhor acessibilidade, com facilidade de acesso aos serviços e infraestrutura urbana, por exemplo.

Os recortes das falas a seguir, assim como de outros entrevistados não citados, exemplificam algumas situações através das quais tais interações podem emergir.

Entrevistado n. 27: Para mim tem essa interação. Como eu moro há duas quadras aqui do Gasômetro, então, além de usar a Orla para fazer os esportes, tem o deslocamento até lá, e eu dou aula no Gasômetro [*na região da Usina do Gasômetro*], também. Então tem gente que me reconhece de dar as aulas, então chega e vem conversar, tem a corrida, que também tem essa coisa que já é de cumprimentar, e tem essa coisa de estar ali tomando chimarrão e tu sempre encontra alguém que conhece.

Entrevistado n. 3: A Orla é um lugar de encontro. Comigo aconteceu com o pessoal do roller [*patins em linha*]. Era uma menina que estava de roller e parece que ela saltava de costas com aquele patins. E eu disse: "- Que roller é esse? O que tu fez?" E ela sentou e papeou comigo, foi dando a marca dos patins, ficamos no maior papo e viramos amigos. Então eu acho que rola esse tipo de troca.

Entrevistado n. 15: Eu acho que tem grupos diferentes na Orla. E os grupos se misturam, eles conversam entre eles, é como uma grande família. Na verdade, eu acho que eles se misturam sim, porque é igual a gente. Nós [casa/] vamos e daqui um pouco a gente está lá no grupinho e já achou pessoas que a gente conhece, as meninas que a gente conheceu aqui andando de skate, então **é uma forma de fazer amizade.**

Os relatos acima apresentados são de moradores de bairros centrais, referindo-se a atividades que ocorreram durante os dias de semana, de menor movimento. O entrevistado n. 23, morador do bairro Restinga, relata a sua experiência em um dia de fim de semana.

Entrevistado n. 23: Nesse último dia que eu fui, que era feriado [...], notei que tinham muitos senhores de idade, tinham outras faixa etárias bem diferentes do que eu costumava ver, mas naquela região do skate. Eu tenho muitos amigos que andam de skate, então, **quando chego lá, eu acabo encontrando também pessoas que eu tenho afinidade, que eu conheço** ou do skate, ou do grafite, ou algum artista plástico, do teatro, esses lances culturais, então eu acabo sempre encontrando uma galera. E aconteceu nesse dia de encontrar uma galera que eu não via há um tempo. Então foi muito legal, mesmo que seja só de passagem, de cumprimentar, sempre é bom rever outras pessoas. Então eu acho que a Orla de certa forma trouxe um pouquinho disso.

5.5.3 Sociabilidade Duradoura

Os relacionamentos considerados íntimos e com associações significativas entre as pessoas, chamados de Sociabilidade Duradoura, dependem de um contato mais frequente e repetido entre os indivíduos, podendo ser reconhecidos em atitudes como conversas mais profundas, relações de amizade e de vizinhança (gráficos 3 e 4) e foram identificados apenas por três participantes. Os entrevistados n. 11 e 13 são moradores do bairro Centro Histórico, e apenas o entrevistado n. 19 é morador de um bairro distante do parque, o bairro Belém Novo. A escolaridade é uma característica em comum entre os respondentes: todos possuem pós-graduação e costumam utilizar o parque com frequência.

Entrevistado n. 11: Eu já fiz muitos amigos no parque em função da patinação. Acho que, talvez por frequentar muito seguido o mesmo lugar, eu conheci muita gente que patinava ali ou fazia outras coisas e estava sempre por ali. Já encontrei colegas de trabalho com uma certa frequência. Eu acho que a Orla é um grande facilitador, porque tem as arquibancadas, os bares, aí encontra alguém que está com alguém, com um amigo, ou está praticando algum esporte e acaba encontrando alguém que tem um interesse em comum.

Entrevistado n. 13: Eu já fiz amizades no parque, inclusive com pessoas de outras cidades, e acabamos ficando amigas, acabei

trabalhando com elas, prestando algum serviço. E nos encontramos na Orla, sentadas nas arquibancadas.

Entrevistado n. 19: A gente como família preta acaba sendo marcada muito pela cor. Então, a relação é diferente. A gente, no começo, tinha muita dificuldade de fazer contato, mas fizemos dois contatos que nos acompanham, duas pessoas que a gente conheceu na Orla. Uma delas acompanha até hoje, ficou minha amiga virtual e foi por conta da fotografia. Ela também estava fotografando e a gente começou a falar de fotografia, estávamos fotografando o pôr-do-sol. E a outra pessoa foi por conta da minha filha, que fez amizade com a filha dela e a gente trocou *WhatsApp* e mantém o contato por ali. Hoje em dia está mais afastado, mas a gente sabe que está ali, se a gente escrever vai trocar uma foto, uma notícia, né!? Foram duas relações pontuais, o que eu acho pouco diante do tempo que a gente utiliza a Orla.

Apesar de estarem relacionadas apenas a um determinado recorte social, as falas contidas nos fragmentos das conversas retiradas das webconferências confirmam a nossa investigação do espaço público como um lugar com capacidade de aproximação de pessoas e que pode oferecer oportunidades de construção de capital social. Embora sejam relatos e interações relevantes, trata-se de uma porcentagem muito baixa de entrevistados que vivenciaram esta oportunidade de troca e interação, evidenciando, mais uma vez, as distâncias percebidas no parque.

5.5.4 Sociabilidade Restrita

A partir dos discursos coletados durante as webconferências, sentimos a necessidade de constituir mais um grupo para o enquadramento das diferentes interações possibilitadas no espaço público. Neste grupo, incluímos as considerações dos pesquisadores em relação à sensação de restrição de uso do espaço. O entrevistado n. 19 contextualiza essa sensação:

Entrevistado n. 19: Isso é bem recorrente, inclusive. E em Porto Alegre, que a gente além de tudo é nordestino, então se for falar ainda tem o sotaque, e isso marca. Então, sim, era recorrente. A gente estava ali e a gente já sabia que alguma coisa, algum olhar, um comentário, alguma coisa aconteceria. Hoje já não vou conseguir lembrar de alguma fala pra ti. Mas eu lembro muito, que ficou muito forte do que a gente ouviu, foi ali na feira [*Feira do Aeromóvel, Praça Julio Mesquita*] que eu estava a fim de comprar e precisei perguntar. E a pessoa respondia: "- é caro!" Mas como é que a pessoa sabe que eu não posso pagar, entendeu!? E eu perguntava e a pessoa não entendia que eu estava perguntando "quanto custa?". E essas coisas. Tem a questão do sotaque, mas a língua é a mesma, certo? Então esse dia ficou marcado. A gente voltou se questionando muito, porque foi recorrente. Mas sempre era, sabe? Alguma coisa sutil, mas a gente ficava muito na nossa, mesmo. Talvez já seja também

um pouco do nosso comportamento de se preservar [...] **Tem espaço para a gente estar sem estar, sabe?**

Outra questão bastante recorrente nas conversas diz respeito à venda e consumo de produtos no perímetro do parque, assim como os preços praticados pelos vendedores. Julgamos importante apresentar algumas considerações, pois entendemos que isto também se configura como um tipo de restrição no/do espaço social.

Entrevistado n. 15: O espaço é bem misturado e tem espaço pra todo mundo, até mesmo porque aqui ajuda muitas famílias. As pessoas vendem água, tem pessoas que aqui não é só um meio de relaxar, é também **o meio que muitas pessoas encontram pra ganhar dinheiro**. O sustento de muitas famílias sai daqui.

Entrevistado n. 4: Os vendedores ambulantes foram alocados e foram indo lá para a parte do Anfiteatro, naquela curva. Mas alguns ainda tem. E eu já vi algumas vezes, acho que a Guarda Municipal, pedindo para se retirar, que não podia mais vender ali. Então eu vi que eles estão realmente sendo alocados para lá e acho que é o pensamento deles [*da administração pública*]. E aí vem essa questão da gentrificação, de dar mais público para os bares que estão ali. Mas eu realmente sinto falta, eu acho que era legal esse acesso a lanches um pouco mais baratos, e é gostoso, é legal, é uma coisa que dava uma característica para o local. **Então eu acho que vai mudar um pouco o público que tem acesso, porque está começando a ter mais coisas cobradas.**

Entrevistado n. 12: Acho que há um objetivo intrínseco ali. No momento em que abre um restaurante, bom, vai abrir, mas não quer que tenha concorrência, que ele vai achar que é desleal. Então existe como se fosse um "lobby" - eu entendo isso - só se a Brigada Militar garantir que não tenham mais pessoas vendendo o que quiserem e onde quiserem.

Entrevistado n. 11: Eu presenciei uma situação que fiquei com muita pena, que era um "tiozinho" vendendo picolé ali perto do trecho novo [*Trecho 03*] e chegou um pessoal e disse pra ele: "- aqui não, aqui não pode vender". Então existia [*antes da revitalização*] um certo comércio informal que eu acho que mudou, em função de a gente ter agora um espaço de bares e aqueles menorzinhos que são os quiosques [*bares dos vendedores ambulantes credenciados*], e esse pessoal que vendia para quem está frequentando está sendo meio expulso.

Entrevistado n. 31: Os bares são um pouco seletivos em questão de preço, que é um pouco caro e não tem um super [*supermercado*], um mercadinho perto que tu possa comprar alguma coisa. Só se tu fores até o [*Shopping*] Praia de Belas, mas aí o deslocamento de lá até aqui, a pessoa acaba nem indo e acaba tendo que gastar aqui. Mas eu acho que as coisas são bem caras e poderiam ser mais acessíveis. Fora os ambulantes, que tem de vez em quando passando com os carrinhos.

Entrevistado n. 19: A minha noção de classe me desloca quando estou em Porto Alegre e quando estou no Nordeste [*naturalidade do entrevistado*], porque falar de classe é falar também de raça, de gênero. Eu percebo a diferença dentro de espaços fechados que tem

consumo. Os produtos não são baratos, tem um destaque para o valor dos produtos. Então, assim, dá pra perceber essa relação também dos produtos. Eu percebi, por exemplo, tem a galera que leva os produtos e isso a gente já levou até pra gente, e olha que nós não fazemos isso normalmente. Mas é de costume em Porto Alegre as pessoas levarem, por exemplo, as pessoas levam chimarrão - era outro choque. Mas, enfim, então dá para perceber pessoas que levam seus *kits* de sobrevivência para ocupar aquele espaço de forma mais natural, natural no sentido de estar ali e aproveitar aquele gramado, aquele espaço, e que são de outra classe, imagina-se. Porque, como eu te disse, falar de classe pra mim me desloca a julgar, e julgar pela aparência é complicado.

A partir do momento em que os produtos vendidos assumem valores elevados e que, em paralelo, ocorre a expulsão de vendedores ambulantes, podemos identificar a existência de um movimento para selecionar o público que acessa esse parque agora revitalizado. O entrevistado n. 24, morador do bairro Mário Quintana, no extremo leste do município, exemplifica tal situação a partir da sua realidade:

Entrevistado n. 24: Eu não consumo na Orla. Tirando os ambulantes, os restaurantes da Orla são geralmente bem caros, **fogem do orçamento que é reduzido, que muitas vezes é só para a passagem de ida e volta até o parque.** Então eu não costumo consumir nada além do que eu levo ou consumo dos ambulantes.

5.6 OUTRAS QUESTÕES DE SOCIABILIDADE E INTERAÇÃO SOCIAL

Porto Alegre é uma cidade que possui um histórico de lutas sociais e populares bastante intenso, sendo mundialmente conhecida pela experiência pioneira do Orçamento Participativo, implantado na década de 1990. Através deste instrumento de gestão, a população consegue participar de forma direta na aplicação dos recursos em obras e serviços executados pelo poder público local.

Conforme considerado na apresentação do objeto de estudo desse trabalho, o processo de elaboração do projeto do Parque da Orla sofreu inúmeras críticas e resistências em virtude do modelo adotado. O relato a seguir exemplifica um pouco do processo, tangenciando temas ligados não só à participação, mas também a fatores que influenciam de forma direta questões de restrição de interação e ocupação desse espaço público.

Entrevistado n. 22: Então hoje a gente vê que está uma estrutura, não sei, meio com cara de Paris, meio com cara de Roma, mas não está lá meio com cara de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Eu achei que ficou muito legal [o *parque*], mas, se fosse construído no coletivo, se tivesse rolando uma entrevista pública, uma coisa assim, acho que poderia ficar uma coisa mais a cara do porto-alegrense

[...]. Muitas coisas estão sendo criadas na cidade sem falar com o povo, sem consultar o povo, sem consultar os movimentos e, às vezes, se tornam umas coisas desproporcionais, banais. **Ah, ficou legal, mas ficou legal para aquela classe que mora ali, entendeu?** Não ficou legal em um contexto geral. Tem um contexto geral de população que não está sendo escutado para construir as coisas.

Quando questionados se a condição social interfere diretamente na maneira de ocupar o espaço do parque, os entrevistados não se demonstraram abertos ou confortáveis em responder. De maneira geral, expuseram que não sofrem nenhum preconceito e que também não possuem este sentimento em relação aos outros. No entanto, emergiram algumas questões relacionadas à cor e à raça, como podemos confirmar nos fragmentos das entrevistas a seguir:

Entrevistado n. 24: O jeito que eu vejo o mundo e que o mundo me vê interfere totalmente na interação com as pessoas. O fato de eu ser um jovem preto, da periferia, que anda de skate, que sai da Zona Leste para ir para a Zona Central para andar de skate e se divertir, é totalmente diferente. Eu acho que a percepção de mundo de uma pessoa de outra região é totalmente diferente da que eu tenho. Isso tem seus pontos bons e ruins. Uma cidade que tem mais brancos, que a maioria das pessoas são brancas, isso faz bastante diferença, porque tu acaba sendo minoria. Então isso é diferente, o mundo Porto Alegre é diferente.

Entrevistado n. 1: A abordagem da policia também é um pouco racista. Eu vejo seguido, e isso é uma coisa que tem me chamado bastante atenção, é a abordagem das pessoas negras, dos jovens negros, muito mais do que outros. Tu vais olhar a Brigada Militar parando alguém, com mão para cima, tu podes ter certeza que é um jovem que não é branco. Isso é uma coisa que tem me chamado bastante atenção. Então eu acho que, como normalmente a juventude periférica é boa parte dela racializada, então eu acho que tem esse conflito racial e com a Brigada Militar, que tem uma postura, que tem esse olhar que é racista.

Entrevistado n. 25: Não é só a cor. Eu já vi abordagens de policiais em homossexuais e lésbicas, também. Então são negros, pardos, homossexuais, lésbicas e outros gêneros, eu já vi abordagens na Orla. Então eu acredito que seja além dos negros e, infelizmente, acho que a opção de gênero e tal, ela acontece na Orla também.

Em consonância com a discussão sobre as condições socioeconômicas dos frequentadores do Parque da Orla, um tema recorrente das webconferências foi o processo de elitização do espaço. Embora não tenha sido uma questão previamente considerada na estrutura das conversas ou do questionário aplicado, consideramos pertinente a apresentação dos resultados, diante da constância e do encaminhamento das considerações feitas. Julgamos que as falas dos entrevistados, neste sentido, corroboram a construção de distâncias, reforçando a

constituição tanto das circulações de um determinado grupo de pessoas como da baixa possibilidade de interação no espaço social.

Entrevistado n. 24: Eu tenho muito clara a percepção de que a orla está se tornando um espaço elitizado. E inclusive eu acho que é uma percepção até da cidade de Porto Alegre, eu acho que isso vem da política [...] de uma questão de que esses espaços públicos mais bonitos, mais procurados, que são pontos turísticos de Porto Alegre, são para uma determinada classe social. E aí é que está o problema, né? [...] mas eu acho que está havendo um processo de elitização dos espaços públicos de Porto Alegre, e a pista da Orla entrou de gaiato nesse navio, infelizmente. O skate sempre vai ser resistência, o skate sempre foi um esporte de contracultura e, por mais que ele esteja em Olimpíada, sempre vai existir o coração do skate, que sempre vai lutar contra isso e nunca vai aceitar esse tipo de coisa. Então, por mais que haja repressão, por mais que não sejam bem-vindos no espaço, proibam, que nem é proibido andar de bicicleta na pista, sempre vai ter gente, sempre vai ter skatista. A nossa cultura é de justamente enfrentar isso daí e questionar o porquê que é assim, quem foi que disse que tem que ser assim.

O entrevistado n. 19 tece considerações críticas sobre a forma de apropriação desse espaço comercial do parque e do perfil de usuários presentes:

Entrevistado n. 19: É impactante perceber a ausência de pessoas de cor consumindo. Você vê pessoas negras trabalhando. Você vê a ausência dessas pessoas. E só isso, pra gente, já é um impacto, né? Assim, a maioria da galera que está na rua é a galera preta, mas isso não quer dizer que não existam pessoas pretas com dinheiro, mas não estando ali quer dizer muita coisa: que **as pessoas pretas estavam para servir. Isso para mim já é um recorte elitista.** Isso para mim já é um recorte. Mesmo aquele restaurante primeiro, que é fechado [*restaurante panorâmico, dentro d'água*], mesmo que tenha uma imagem de alternativo, mas já era uma sensação elitista. **Não é que o elitismo seja uma sensação, mas é uma exclusão. E a exclusão passa esse sentimento.**

5.7 SÍNTESE DAS DISCUSSÕES

Baseado no que foi apresentado e analisado até agora, consideramos possível reconhecer e identificar os potenciais de segregação, assim como de sociabilidade e interação social, através do agrupamento e análise das considerações obtidas a partir da realização das webconferências. A tabela a seguir apresenta a síntese dos resultados, obtidos com o cruzamento dos objetivos propostos e o método utilizado.

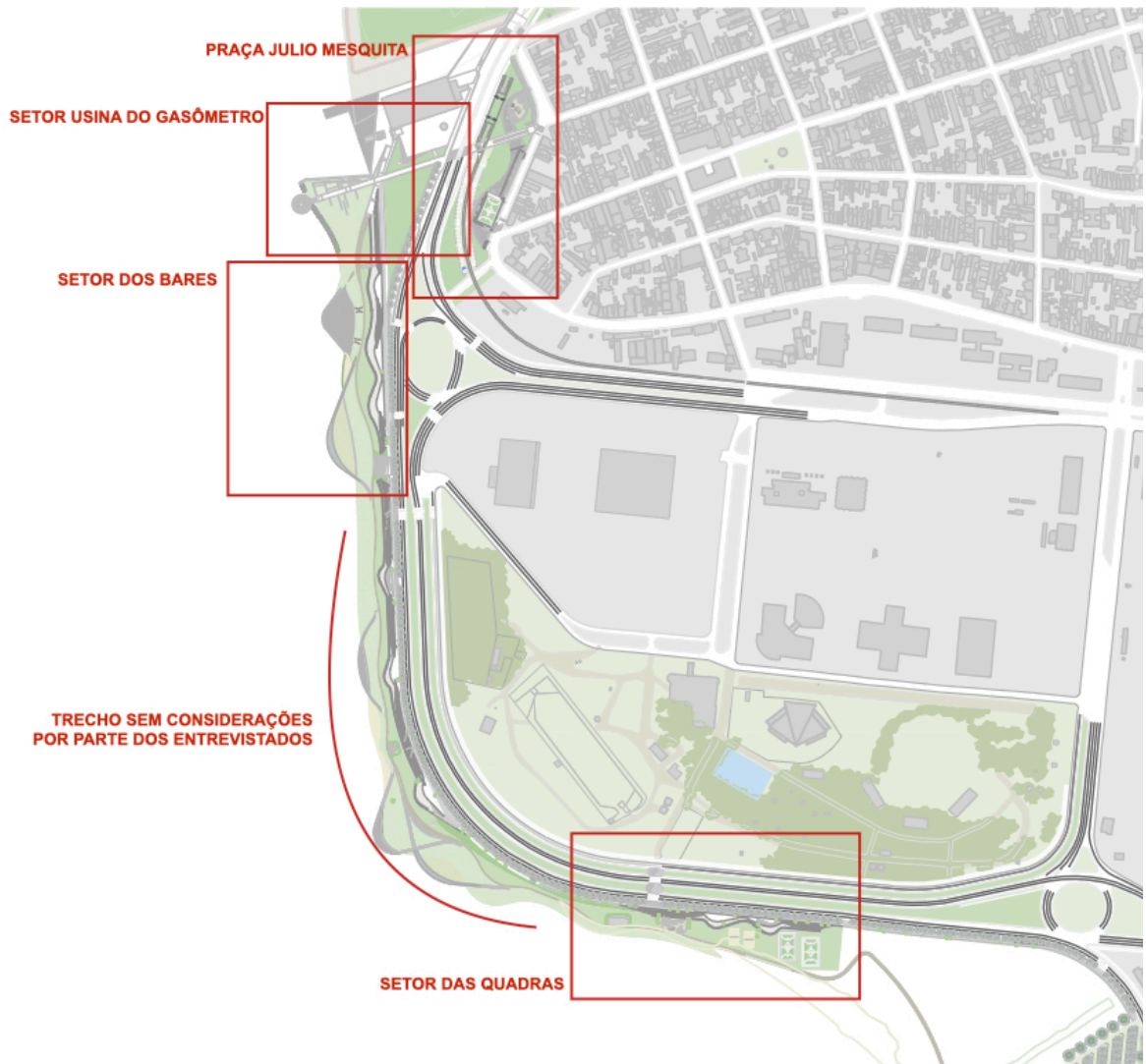
Tabela 19 - Quadro síntese dos resultados.

Objetivos da pesquisa	Resultado
Identificar os atributos morfológicos de um parque urbano com potencial de atratividade para cada grupo socioeconômico	<ul style="list-style-type: none"> - Identificação dos locais de acessibilidade ao parque; - Identificação da existência de parada de ônibus como importante para grupos de renda baixa e moradores de regiões distantes do parque; - Identificação da existência de estacionamento para veículos motorizados; - Reconhecimento das diferentes zonas de usos por esporte; - Identificação dos espaços de serviço e consumo como importante para grupos de classes média.
Identificar e analisar o potencial de sociabilidade e interação social entre diferentes grupos socioeconômicos neste parque urbano	<ul style="list-style-type: none"> - Identificação de potencial de sociabilidade apenas entre grupos homogêneos; - Discussão sobre os diferentes tipos de sociabilidade possibilitados pelas atividades, principalmente esportivas, realizadas no parque.
Analisar se e como a sociabilidade entre indivíduos de diferentes grupos socioeconômicos manifesta-se no parque estudado, investigando as condições por meio das quais tal interação pode emergir	<ul style="list-style-type: none"> - Forte identificação da sociabilidade passiva e reconhecimento da sua importância como um primeiro estágio de interação; - Confirmação da falta de interação entre indivíduos de diferentes grupos socioeconômicos; - Reconhecimento de interações profundas ou a criação de laços entre usuários brancos, de classe média e moradores das regiões centrais da cidade; - Identificação de interações entre indivíduos diferentes na pista de skate.

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Os resultados também podem ser verificados nos mapas a seguir, a partir da espacialização dos dados obtidos. A figura 30 demonstra os setores reconhecidos pelos entrevistados na Orla Moacyr Scliar, cujas ampliações estão apresentadas na sequência.

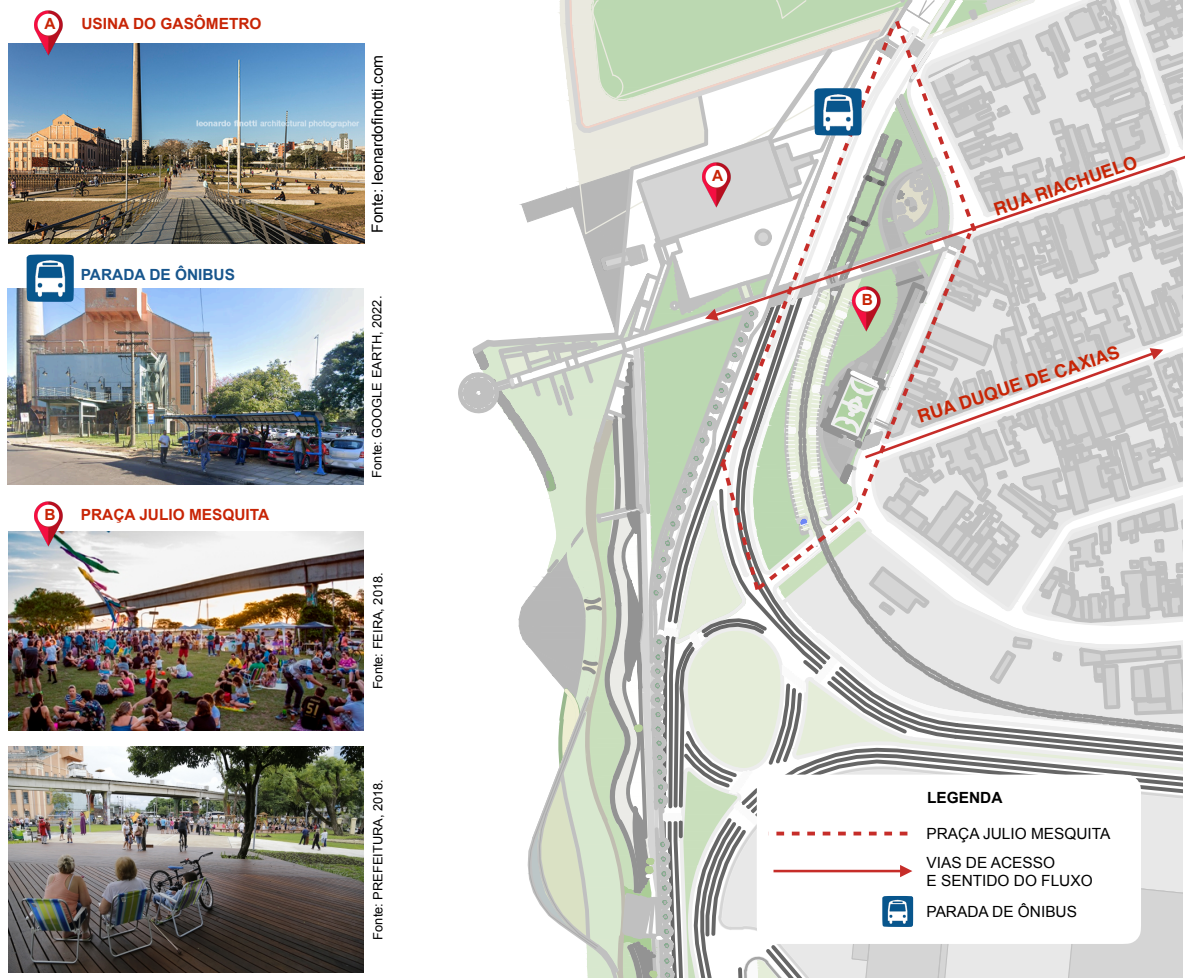
Figura 30 - Mapa de apresentação dos setores da Orla Moacyr Scliar.



Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados fornecidos pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 2022.

A Praça Julio Mesquita, bem como os equipamentos de apoio do entorno estão identificados na figura 31. De acordo com os dados oriundos das webconferências, a conectividade com a região central confere uma ocupação intensa ao espaço. A existência de uma parada de ônibus em frente à Usina do Gasômetro e a realização de feiras reforçam a vocação do lugar como local de atividades populares.

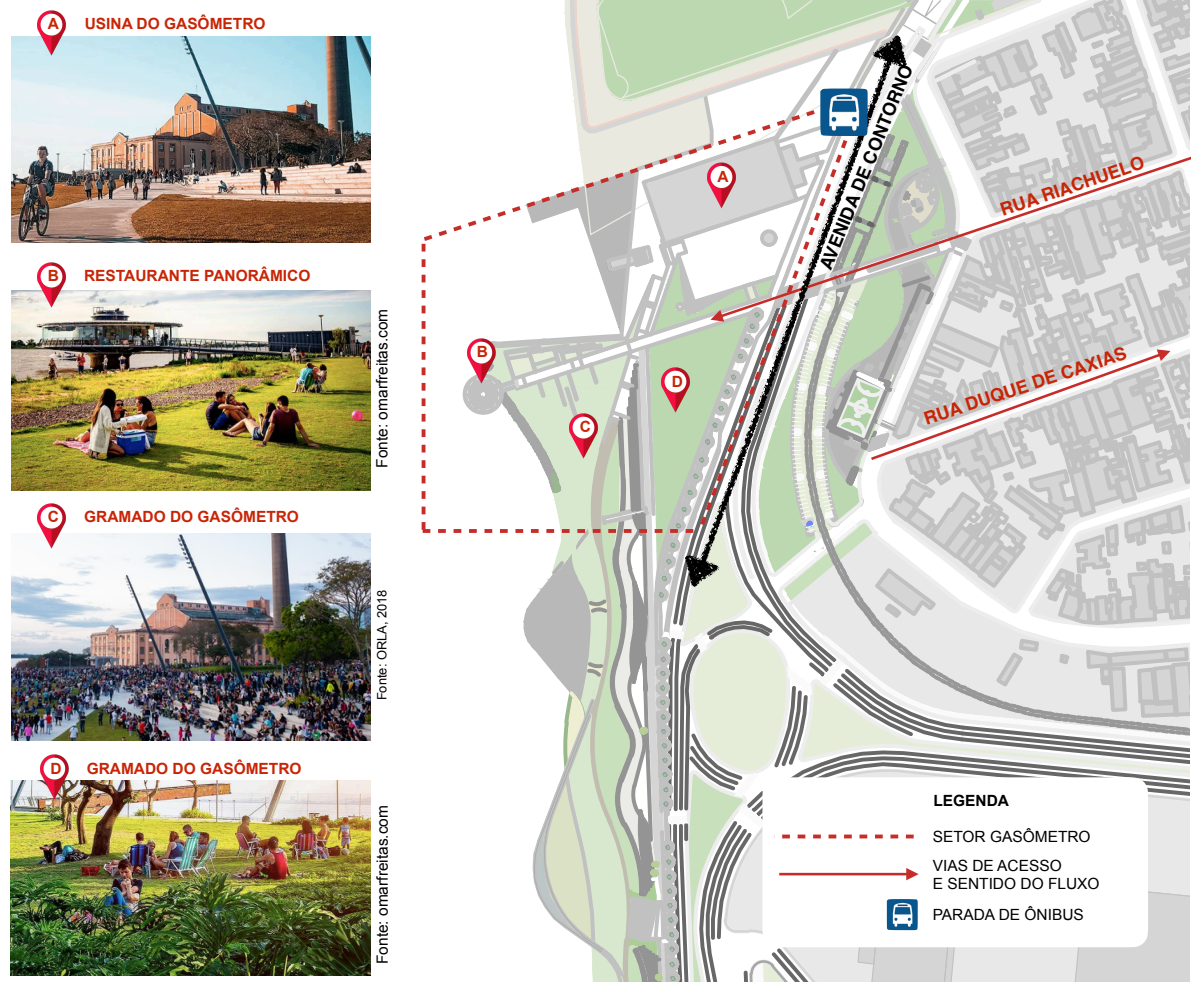
Figura 31 - Setor Praça Julio Mesquita.



Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados fornecidos pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 2022.

Assim como a Praça Julio Mesquita, o setor do entorno da Usina do Gasômetro tem sua ocupação e frequência de público atreladas a questões de acessibilidade. Da mesma forma, a conectividade com as ruas do entorno e a existência da única parada de ônibus no trecho da Orla Moacyr Scliar justificam o número elevado de frequentadores, que pode ser relacionado a moradores de regiões mais periféricas e distantes do parque. A figura 32 espacializa os equipamentos e ilustra a grande procura do espaço pelos usuários.

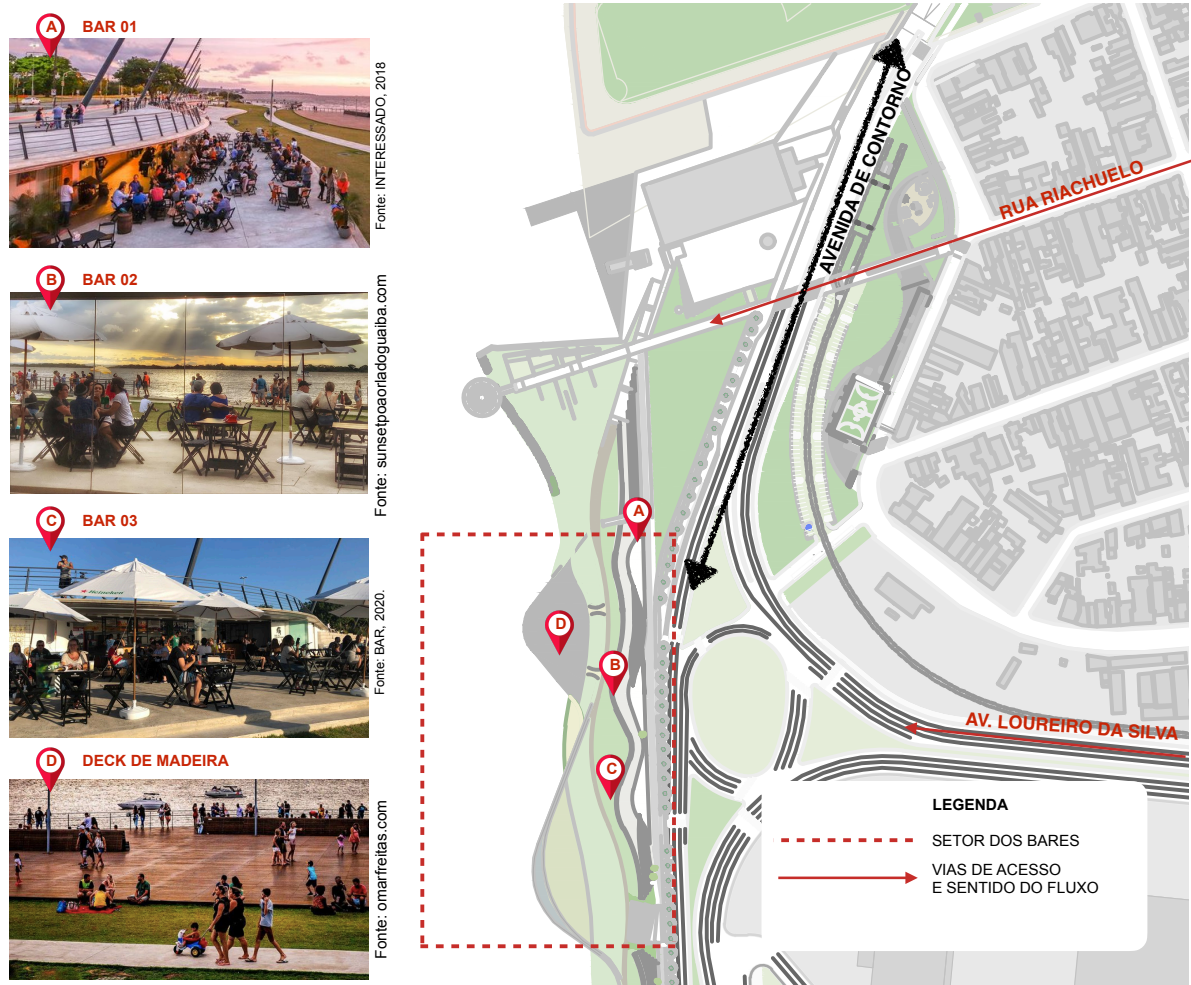
Figura 32 - Setor Usina do Gasômetro.



Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados fornecidos pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 2022.

Outra setorização reconhecida pelos entrevistados foi a região onde estão implantados alguns dos bares do parque, os primeiros do trecho. Podemos perceber, na figura 33, a baixa conectividade deste setor em relação ao entorno. Apesar da proximidade, as fotografias ilustram uma densidade menor de usuários, quando comparado com o setor da Usina do Gasômetro. Neste sentido, podemos relacionar as considerações dos entrevistados acerca dos valores dos produtos comercializados como fator limitante a ocupação do espaço.

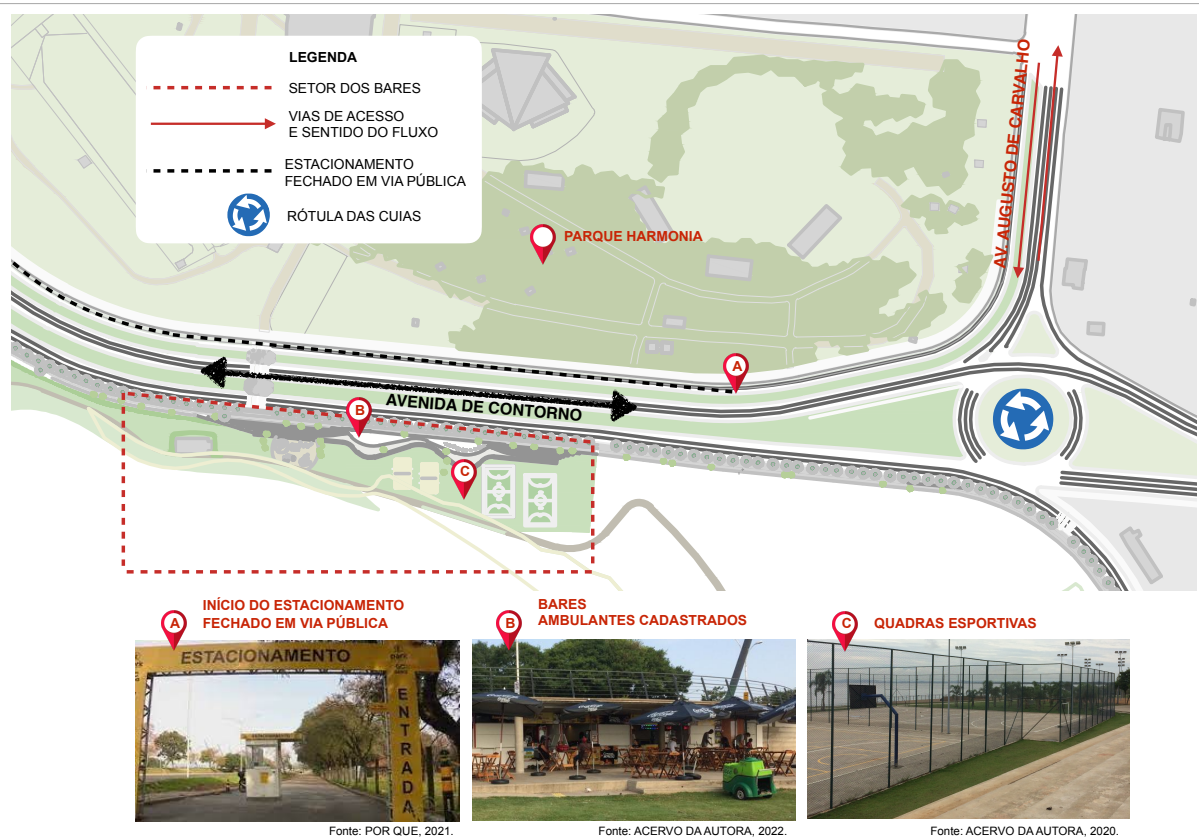
Figura 33 - Setor dos bares.



Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados fornecidos pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 2022.

No final do trecho da Orla Moacyr Scliar estão implantadas as quadras esportivas. Essa parcela do parque foi identificada pelos entrevistados como um setor relevante. A figura 34 localiza as quadras e identifica os principais equipamentos do entorno. Percebemos que o Parque Harmonia apresenta-se como um limitador da conectividade com o restante da cidade. As fotografias ilustram o estacionamento fechado localizado em via pública, que reforça a ideia de restrição de ocupação do parque por indivíduos com condições financeiras mais baixas, moradores de regiões mais distantes do parque e usuários de transporte público.

Figura 34 - Setor das quadras esportivas.



Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados fornecidos pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 2022.

Diferente do trecho 1, a Orla Jaime Lerner não foi criteriosamente definida através de setores, pelos entrevistados. No entanto, alguns participantes afirmaram sua ocupação limitada à pista de skate ou às quadras esportivas. Os dois setores estão apresentadas de maneira separada, assim como os equipamentos de apoio e acessibilidade do entorno, ilustrados na figura 35.

Figura 35 - Setorização da Orla Jaime Lerner.



Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados fornecidos pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 2022.

Percebemos que esse trecho também possui baixa conectividade com o entorno. Nesse caso, a relação é definida pela implantação do parque vizinho de grandes proporções, o Marinha do Brasil. Apesar dessa condição, a pista de skate têm recebido um número elevado de frequentadores. A popularidade do esporte na cidade, somada a questões de acesso tanto pela Avenida Ipiranga - importante eixo de circulação por veículo motorizado, como internamente pelo Parque Marinha do Brasil (acesso *peatonal*) e a implantação de um estacionamento em frente à pista, podem justificar a alta demanda. As fotografias também permitem confirmar um uso menos intenso das quadras esportivas, quando comparado à Orla Moacyr Scliar.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente capítulo tem o objetivo de apresentar um balanço sobre o caminho percorrido na pesquisa, destacando limitações, resultados e possibilidades de encaminhamentos. Cabe destacar aqui que não se pretende esgotar o assunto, visto que a tentativa de compreender um fenômeno implica encontrar soluções que ainda não são possíveis de serem vislumbradas.

Essa dissertação se propôs a examinar a segregação urbana de origem socioeconômica como forma de restrição da interação entre diferentes grupos de indivíduos. Como fator fundamental para a sua compreensão, consideramos a relação entre a segregação e a forma urbana, incluindo nas análises a prática da interação social no espaço público. Para realizar tal investigação, tomamos como objeto empírico de análise o Parque Urbano da Orla do Guaíba, nos trechos denominados Orla Moacyr Scliar (trecho 01) e Orla Jaime Lerner (trecho 03), na cidade de Porto Alegre (RS), revitalizados em 2018 e 2021 respectivamente.

A motivação da pesquisa partiu da necessidade de ampliar as abordagens da segregação urbana, como uma alternativa às análises do fenômeno que levam em conta somente o espaço residencial, considerando as possibilidades de encontros que os parques urbanos são capazes de proporcionar e, assim, distanciando o olhar de abordagens estáticas. Embora a importância do padrão residencial no estudo das relações de diferentes grupos socioeconômicos esteja bem estabelecida na literatura, as inúmeras discussões para a compreensão e avaliação da segregação, assim como o esforço para a construção de métricas, não levam em consideração - e até mesmo ignoram - as experiências dos indivíduos em outros espaços da cidade.

Ainda como instigação, consideramos a importância da requalificação de áreas ribeirinhas como promotora da dinamização dos usos de seu entorno, além de serem fundamentais para a manutenção e exploração da paisagem natural integrada ao tecido urbano. O caso específico do objeto empírico analisado, localizado em área de criação de solo urbano através de aterro, tem foco transformador para a região de borda da cidade, tornando-se, após muitos anos de abandono, de contradições e de divergências de posicionamentos quanto ao seu uso e ocupação,

mais do que uma obra de grande dimensão, um espaço de qualidade prestigiado pela população.

A construção do referencial teórico está baseada em dois conceitos principais: segregação e sociabilidade. Para fundamentar o entendimento sobre segregação, partimos de bibliografias fundamentais, como as obras dos estudiosos da Escola de Chicago, por exemplo. No entanto, buscando uma aproximação com a realidade das cidades contemporâneas, utilizamos conceitos e questionamentos propostos por autores como Vinícius Netto (2014) e Eduardo Marques (2010). Tratando-se de um estudo da segregação com foco especificamente no espaço público, da importância da rua, da praça e do parque como local de interação do dia a dia e para o reconhecimento entre sujeitos desconhecidos em locais públicos, acrescentamos à discussão os trabalhos de Ann Legeby (2013) e Alejandra Rasse (2015). Os estudos realizados apresentam um arranjo espacial e social que constituem análises similares, com uma configuração semelhante no que diz respeito ao entorno e ao padrão residencial, condição potencial para a restrição de interação entre indivíduos diferentes, evidenciando questões de renda e uso do solo relacionadas diretamente a fatores de desigualdade. Assim, a relevância primordial da escolha por esse estudo de caso diz respeito à sua configuração de forma linear e localização estratégica na cidade.

No entanto, ao aprofundarmos a problematização do assunto, verificamos que, em virtude de se tratar de um parque urbano cujo principal foco são práticas cotidianas de lazer e atividades físicas, estando estabelecido em um contexto morfológico fracamente integrado ao tecido da cidade, foi necessária uma mudança na análise do tema, que não mantivesse relação com a sintaxe espacial. Assim, a abordagem dos espaços de atividades proposta por Flávia Feitosa e Flávia Lisboa (2017) permitiu uma visão da segregação a partir dos espaços públicos de lazer, observando as formas através das quais os grupos sociais frequentam os múltiplos territórios da cidade em suas atividades cotidianas.

Em relação aos tipos de sociabilidade possíveis em parques urbanos, utilizamos a classificação das relações e dos comportamentos sociais capazes de serem identificados no espaço público conforme descritas por Mehta (2019), dividindo-as em sociabilidade passiva, fugaz e duradoura. Esta classificação diz respeito às diferentes formas de interação entre indivíduos, que vão desde o simples

reconhecimento das diferenças sociais até a construção de relações mais profundas que podem alterar concepções sociais e fomentar oportunidades e trocas.

Para a realização da metodologia, o trabalho partiu de procedimentos e ferramentas disponíveis e já consagradas em pesquisas qualitativas, adequando-as ao nosso problema de pesquisa. Utilizamos a abordagem de grupo focal através de conversas online realizadas em formato de webconferência. Os grupos de foco foram organizados observando uma semelhança de atributos, os quais dizem respeito à sua localização espacial na cidade e às atividades desempenhadas no parque. Tanto a quantidade de grupos como a sua composição seguiram os números estabelecidos pela bibliografia. Para tanto, serviram de base autores como Pizzol (2004), Kitzinger (2005) e Malhotra (2006).

No entanto, foram muitas as dificuldades encontradas no decorrer do trabalho de campo. Durante as visitas ao local, a grande maioria das abordagens ocorreu com moradores da RMPA ou pessoas frequentando o parque pela primeira vez. Este perfil não interessava para a pesquisa, visto que o nosso estudo centra-se nas relações que o espaço público proporciona. Participar de uma entrevista mediante gravação da sessão foi um aspecto impeditivo para muitas pessoas que demonstraram interesse na pesquisa. Além dos frequentadores do parque, também tentamos uma aproximação com os vendedores ambulantes do local, buscando a configuração de um grupo de foco com este perfil. No entanto, em virtude da restrição de ocupação do parque que estes trabalhadores vem enfrentando de forma recorrente, eles não se mostraram dispostos a participar.

O estudo realizado permitiu-nos tecer algumas considerações finais como resposta à indagação inicialmente colocada: "Como entender os fatores estruturais que podem induzir ou reduzir a segregação socioespacial e a sociabilidade entre indivíduos de diferentes grupos socioeconômicos em parques urbanos?"

Partindo do pressuposto de que o parque urbano é um lugar de forte interação social e palco para a formação de diferentes tipos de sociabilidades, a pesquisa pôde apontar que a nossa investigação do espaço público como um lugar com capacidade de aproximação de pessoas e de oferecer oportunidades de construção de capital social é válida. No entanto, permanece relacionada apenas a um determinado recorte social: são pessoas brancas, de classe média e moradoras das regiões centrais. Outros perfis socioeconômicos apresentaram dificuldade de

sociabilidade. Perfis socioeconômicos distintos foram percebidos e identificados no perímetro do parque, havendo um respeito em relação às diferenças. No entanto, não há o estabelecimento de nenhum tipo de interação.

Como principais aspectos que dão indícios potenciais de sociabilidade e de interação social, assim como de segregação, podemos apontar:

- Os atributos morfológicos do parque apresentam-se como fatores centrais de atratividade para cada grupo socioeconômico. A baixa permeabilidade por vias públicas perpendiculares ao parque acarreta, conseqüentemente, em um número reduzido de locais de acessibilidade por transporte público. A limitação quanto ao uso de carros por aplicativo, em decorrência também da permeabilidade, assim como a presença de um elevado número de estacionamentos pagos no entorno do parque, definem o público que acessa com frequência o equipamento.

- Especialmente, e também obedecendo a sua vocação, o parque está dividido em setores. Contudo, cada setor pode ser considerado fracionado internamente, através de uma organização que acontece de forma orgânica pelos diferentes perfis que ocupam o espaço. Esta setorização pode ser descrita por meio de espaços com porções mais generosas de áreas livres, gramados, infraestrutura de quadras esportivas, bares e restaurantes, definindo não só diferentes ambiências, mas também perfis de comportamento e de consumo no espaço.

- O parque apresenta um baixo potencial de interação social e sociabilidade entre indivíduos de diferentes condições socioeconômicas. A escala (tamanho) do parque fornece variados lugares, os quais permitem muitas formas de apropriação, no entanto, sem maior proximidade.

- As poucas interações percebidas estão atreladas a atividades semelhantes, ou seja, ao reconhecimento por um gosto ou estilo de vida e práticas sociais.

Assim, entendemos que os objetivos propostos foram alcançados, uma vez que as estratégias de pesquisa de campo conseguiram reconhecer os espaços e as condições com maiores chances de encontros entre diferentes grupos, assim como os espaços ou condições que se apresentam segregados para cada grupo de renda. Os resultados foram capazes de identificar não apenas os locais com maior potencial de interação e sociabilidade, como também a diferença de intensidade destes potenciais.

Podemos dizer, por fim, que o parque em questão apropria-se da borda e da paisagem natural da cidade, enquanto as novas relações que se desenvolvem a partir deste projeto dialogam com a realidade urbana dos moradores do entorno. No entanto, por se tratar de um local excepcional no tecido da cidade e também de um espaço privilegiado para contemplar o emblemático pôr do sol da capital dos gaúchos - conhecido cartão postal -, torna-se um espaço para o qual converge a atenção e o desejo de apropriação pela população de todos os bairros da cidade, independente da distância. Fica evidente que a melhoria de infraestrutura de lazer é desejável por todos, desde que corresponda a um aumento da qualidade de vida justa e igualitária e não a configuração de espaços públicos para grupos específicos.

No entanto, não se pode, de modo geral, falar de homogeneidade de comportamento entre os diversos indivíduos que pertencem a uma mesma camada social. A distinção social fica evidente na população estudada. Porém, o atrativo maior de se frequentar um parque urbano com as características do aqui estudado é a sociabilidade: o que todos querem é contemplar o pôr do sol do Guaíba, buscar relações saudáveis de interação social e compartilhamento do espaço, experienciar um clima de praia em um meio urbano e, assim, encontrar a tão necessária paz em meio ao agitado ambiente de uma metrópole.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDER, Christopher. **Un language de patrones**: Ciudades edificios, construcciones. 1.ed. Barcelona: Gustavo Gili, 1980.
- ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais**: pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Thomson, 1999.
- ALVIM, Angélica Benatti; COSTA, Rodrigo Ramos e; ALVES, Karina Dominici. Projetos urbanos em frentes dá'gua. **Diretrizes e o potencial de transformação das orlas fluviais na cidade contemporânea**. *Arquitextos*, São Paulo, ano 19, n. 222.01, Vitruvius, nov. 2018 <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/19.222/7170>>.
- ANDRADE, Luciana Teixeira de; LUCAS, Joana; BAPTISTA, Luís Vicente – **Espaços públicos**: interações, apropriações e conflitos. *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XXIX, 2015, pág. 129-146
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2011, 229 p.
- BAUER, Martin W. *Análise de conteúdo clássica: uma revisão*. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BOHRER, Maria Dalila. **O aterro Praia de Belas e o aterro do Flamengo**. 2001. 237f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura da UFRGS. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- BOTT, Elizabeth. **Família e rede social**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- BOTELHO, Adriano. **O urbano em fragmentos**: a produção do espaço e da moradia pelas práticas do setor imobiliário. São Paulo: Annablume: FAPESP, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. (org) **A miséria do mundo**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. 10º ed. Campinas: Papirus, 2010.
- BURGESS, E (org.). **The city**: Suggestions for investigation of human behavior in the urban environment. Chicago: University of Chicago Press, 1925.
- CALDEIRA, Teresa P. R. **Enclaves fortificados**: a nova segregação urbana. *Novos Estudos CEBRAP*, v. 47, 1997. p. 155-76.
- CALDEIRA, Teresa P. R. **Cidade de muros**. São Paulo: Editora 34, 2000.
- CASTELLO, Lineu. **A percepção de lugar**: repensando o conceito de lugar em arquitetura-urbanismo. Porto Alegre: PROPARG-UFRGS, 2007.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CORRÊA, R.L. et al. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1989.

CZARNOBAY, Aline. **Smams divulga regras para o bom uso da Orla Moacyr Scliar**. 21 Out 2018. Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Acessado 16 Fev 2022. <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smam/default.php?p_noticia=999199093&SMAMS+DIVULGA+REGRAS+PARA+O+BOM+USO+DA+ORLA+MOACYR+SCLIAR>

DAUDÉN, Julia. Gentrificação: 13 artigos para formar uma opinião sobre o tema. 28 Nov 2019. ArchDaily Brasil. Acessado 14 Fev 2022. <<https://www.archdaily.com.br/br/929221/gentrificacao-13-artigos-para-formar-uma-opinio-sobre-o-tema>>

DAVIS, Mike. **Cidade de quartzo**. Escavando o futuro em Los Angeles. São Paulo, Boitempo, 2009.

FEITOSA, Flávia da Fonseca. **Índices espaciais para mensurar segregação residencial: O caso de São José dos Campos**. 2005. 169f. Dissertação (Mestrado em Sensoriamento Remoto) - Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, São José dos Campos.

FEITOSA, F. et al. **Countering urban segregation in Brazilian cities**. Environment and Planning B: Planning and Design, v. 39, 2012. p. 1131-1150.

FEITOSA, Flávia.; LISBOA, Flávia. **Para além da perspectiva residencial**. Encontro Nacional da ANPUR. São Paulo, 2017.

FERRARI, Celson. **Dicionário de Urbanismo**. São Paulo: Disal, 2004.

FERREIRA, Gisele da Silva; MENEZES, Daiane Boelhouver. **Relatório de análise socioeconômica da cidade de Porto Alegre**. Porto Alegre: FEE, 2017.

FONSECA, Luciana M. **Projeto urbano: ação e conhecimento situados em Porto Alegre, século XXI**. 2017. 475f. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) - Faculdade de Arquitetura da UFRGS. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

FRANCO, Sérgio. **Gente e espaços de Porto Alegre**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

FREEMAN, L. **Segregation in social networks**. Sociological Methods & Research, v. 6, n. 4, 1978. p. 411-429.

FREITAS, C. **Alteridade e jornalismo: a outridade na editoria de Mundo da Folha de S. Paulo**. Dissertação de Mestrado (Comunicação e Informação). Porto Alegre: UFRGS, 2017.

FRIEDRICH, Daniela. **O parque linear como instrumento de planejamento e gestão das áreas de fundo de vale urbanas**. 2007. 273f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

FRÚGOLI JÚNIOR, Heitor. **Sociabilidade Urbana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

GALENDER, Fany Cutcher. A idéia de sistema de espaços livres públicos na ação de paisagistas pioneiros na América Latina. **Paisagens em Debate**. São Paulo: FAU/USP, nov. 2005.

GEHL, J. **Life between buildings: using public space**. Copenhagen: The Danish Architectural Press, 2006.

GIDDENS, Anthony. **A Estrutura de classes das sociedades avançadas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

GIDDENS, Anthony. **A constituição da Sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

GIL, Antônio C. **Amostragem na pesquisa social**. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL, Antônio. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GIORDANO, Lucília do Carmo. **Análise de um conjunto de procedimentos metodológicos para a delimitação de corredores verdes (greenways) ao longo de cursos fluviais**. 2004. Tese (Doutorado) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.

GOFFMAN, Erving. **Comportamento em Lugares Públicos: notas sobre a organização social dos ajuntamentos**. Petrópolis – RJ: Vozes, 2010.

GOMES, Paulo César da Costa. **A condição Urbana: ensaios de geopolítica da cidade**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2002.

GOTTDIENER, Mark. **A produção social do espaço urbano**. São Paulo: EDUSP, 1993.

GOULART, J. O.; BENTO, P. P. **Enclaves fortificados e segregação urbana: o caso de Jundiaí**. Sociedade e Cultura, 2011. p. 181-193.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

HARVEY, David. **Social justice and the city**. London: Edward Arnold, 1973.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

HILLIER, B. **Space is the machine: a configurational theory of architecture.** Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

HOLANDA, Frederico de. **O espaço de exceção.** Brasília: Editora UnB, 2002.

HOYT, Homer. **The structure and growth of residential neighborhoods in American cities.** Washington D.C.: United States Government Printing Office, 1939.

HOYT, Homer. **The pattern of movement of residential rental neighborhoods.** In: Mayer & Kohn (Orgs). *Readings in the urban geography*, Chicago, 1959. (Reedição).

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Dados do Censo Demográfico 2010 para o município de Porto Alegre, RS.** Acessado 10 fev 2022. <www.ibge.gov.br>.

JACOBS, Jane. **Morte e Vida de Grandes Cidades.** São Paulo: Martins Fontes, 2017.

JESUS, Rodrigo Poltosi Gomes de. **Patrimônio Ambiental Urbano e Revitalização Urbana: estratégias possíveis para o 4o Distrito.** Anais do VI enanparq. Porto Alegre, 25-29 de julho de 2016.

KNOX, P.L.; MCCARTHY, L. **Urbanization: an introduction to urban geography.** Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 2005.

KOZINETS, Robert. V. **Netnografia: Realizando pesquisa etnográfica online.** Porto Alegre: Penso, 2014. 203pp.

KITZINGER, Jenny. *Ethnographic exploration: participation and meaning in everyday life.* In: IMMY HOLLOWAY (Org.). **Qualitative Research in Health Care.** Londres: Open University Press, p. 56 - 69, 2005.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade.** São Paulo: Centauro, 2001.

LEGEBY, Ann. **Urban segregation and urban form.** Licentiate Thesis. KTH, 2010.

LEGEBY, Ann. **Patterns of co-presence: spatial configuration and social segregation.** PhD Thesis. KTH Royal Institute of Technology, 2013.

LEGEBY, Ann; MARCUS, Lars. **Does the Urban Structure of Swedish Cities Inhibit the Sharing of Public Space?** *Built Environment*, v. 37, n. 2, p. 155 - 169, 2011.

LEGEBY, Ann; MARCUS, Lars.; PONT, Meta Berghauser. **The street: a key component for a less segregated city.** *The Past, Present and Futures of the High Street*, London: University College London, 2014.

LEVY, J.; LUSSAULT, M. **Dictionnaire de laGéographie: et de l'espace des sociétés.** Paris: Belin, 2003.

LISBOA, Flávia Seixas. **Para além da perspectiva residencial**: novas abordagens para a análise da segregação. 2017. 130f. Dissertação (Mestrado em Planejamento e Gestão do Território). Universidade Federal do ABC, São Paulo.

LISBOA, Flávia Seixas; FEITOSA, Flávia da Fonseca. **Para além da perspectiva residencial**: a construção de índices de segregação dos espaços de atividades. *Revista Brasileira de Cartografia*, n. 68/4, p. 797-813, 2016.

MACEDO, Silvio S; SAKATA, Francine G. **Parques Urbanos no Brasil**. São Paulo: Edusp, 2002.

MACIEL, Filipe Bassan Marinho.; ZAMPIERI, Fábio. **Atributos morfológicos configuracionais e copresença em loteamentos residenciais dispersos de cidades médias brasileiras**. *Revista de Morfologia Urbana*, v. 6, n. 1, p. 53-65, 2018

MAGALHÃES, Manuela Raposo. **Morfologia da Paisagem**. 1996. 369f. Tese (Doutorado em arquitetura paisagista). Instituto Superior de Agronomia – ISA, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa.

MALHOTRA, Naresh. **Pesquisa de marketing**: uma orientação aplicada. 4.ed. Porto Alegre: Bookman, 2006

MARCONI, Marina de A.; LAKATOS, Eva M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARCUS, Clare Cooper; FRANCIS, Carolyn. **People places**: design guidelines for urban open space. New York: John Wiley, 1998.

MARICATO, Ermínia. **Metrópole, legislação e desigualdade**. *Estudos avançados*, v. 17, n. 48, 2003. p. 151-166.

MARICATO, Ermínia. **Fighting for just cities in capitalism's periphery**. In: MARCUSE, P. et al. (org.). *Searching for the just city*. Routledge, 2009, p. 194-213.

MARQUES, Eduardo. **Redes sociais, segregação e pobreza em São Paulo**. São Paulo: Editora UNESP; Centro de Estudos da Metrópole, 2010.

MARQUES, Sérgio Moacir. **Cidade moderna, cidade mutante. Praia de Belas, 1752-2016**. *Minha Cidade*, São Paulo, ano 12, n. 134.03, Vitruvius, set. 2011 <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/12.134/3955>>.

MAUSS, M. **Ensaio de Sociologia**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2000.

MISOCZKY, Clarice. **A produção do espaço urbano na orla de Porto Alegre, Brasil**. *Revista de Urbanismo*, 42, 2020, p. 17-31.

- MEHTA, Vikas. **Streets and social life in cities: a taxonomy of sociability.** *Urban Des Int* 24, 2019, p. 16–37
- MENDONÇA, Eneida Maria Souza. **Apropriações do espaço público: alguns conceitos.** *Estudos e Pesquisas em Psicologia, UERJ* - v. 7, n. 2, 2007, p. 296-306.
- MERA, Gabriela. **De la localización a la movilidad: propuestas teórico-metodológicas para abordar la segregación espacial urbana.** *Cuaderno Urbano. Espacio, Cultura, Sociedad* - v. 17 - n. 17, 2014, p. 25 - 46.
- MOHR, Udo Silvio. **Os grandes espaços do lazer urbano, arquitetura dos parques públicos: morfologia, tipologia e potencialidades.** 2003. 203f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- MORGAN, David. **Focus group as qualitative research.** *Qualitative Research Methods Series.16.* London: Sage Publications, 1997.
- NETTO, Vinicius M. **Cidade & Sociedade: as tramas da prática e seus espaços.** Porto Alegre: Sulina, 2014.
- NETTO, Vinicius M. **The social fabric of cities.** London: Routledge, 2017.
- NETTO, Vinicius; KRAFTA, Rômulo. **Segregação dinâmica urbana: modelagem e mensuração.** *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, Anpur*, n. 1, p. 113 - 152, 1999.
- NETTO, Vinicius; PASCHOALINO, Roberto; PINHEIRO, Maira. **Redes sociais na cidade, ou a condição urbana da coexistência.** Trad. Netto, V. M. In *VIRUS*. N. 4. São Carlos: Nomads. USP, 2010.
- NYGAARD, Paul Dieter. **Planos diretores de cidades: discutindo sua base doutrinária.** Porto Alegre: Editora UFRGS, 2005.
- OLSSON HORT, S. E. **Boendesegregation: endiskussion om segregationeni Sverige.** Karlskrona: Boverket, 1995.
- OSTH, J. et al. **Spatial and temporal patterns of economic segregation in Sweden's metropolitan areas: a mobility approach.** *Environment and Planning A: Economy and Space*, v. 50, n. 4, 2018, p. 809 - 825.
- PÁDUA, Elisabete M. M. de. **Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática.** 8 ed. Campinas: Papirus, 2002.
- Parque Urbano da Orla do Guaíba / Jaime Lerner Arquitetos Associados.** 27 Dez 2018. ArchDaily Brasil. Acessado 6 Dez 2020. <<https://www.archdaily.com.br/br/907892/parque-urbano-da-orka-do-guaiba-jaime-lerner-arquitetos-associados>> ISSN 0719-8906>.

PINHERIO, Janaina M. **(Re)apropriando a centralidade na metrópole**. 2014. 145f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Escola de Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

PIZZOL, Silvia. **Combinação de grupos focais e análise discriminante: um método para tipificação de sistemas de produção agropecuária**. Revista De Economia E Sociologia Rural - Rev Econ e Soc Rural, v. 42, 2004, p. 451 - 468.

PURCELL, Kristen. **Towards a Communication Dialectic: Embedded Technology and the Enhancement of Place**. University of Texas Press, Austin. Sociological Inquiry, v. 67, n.1, 1997, p. 101-112.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RAPOPORT, Amos. **Aspectos Humanos de la Forma Urbana**. Barcelona: Gustavo Gili, 1978.

RASSE, Alejandra. **Juntos pero no revueltos: Procesos de integración social en fronteras residenciales entre hogares de distinto nivel socioeconómico**. EURE (Santiago), Santiago, v. 41, n. 122, p. 125-143, 2015.

RICOEUR, Paul. **Percursos do reconhecimento**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

ROLNIK, Raquel. **Para além da lei: legislação urbanística e cidadania (São Paulo 1886-1936)**. In: SOUZA, M.A.A.; LINS, S.C.; SANTOS, M.P.C.; SANTOS, M. (Org.). **Metrópole e Globalização: Conhecendo a cidade de São Paulo**. São Paulo: Editora CEDESP, 1999

ROLNIK, Raquel. **É possível política urbana contra a exclusão?** Serviço Social e Sociedade. Editora Cortez, São Paulo, v. 72, 2002, p. 53-61.

SANTOS, Liana de Souza. **Apropriação de Espaços Públicos: a restrição do contato entre indivíduos de grupos sociais diferentes**. 2019. 183f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

SANTOS, Milton. **Espaço e Sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1979.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. São Paulo: Edusp, 2014.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

SARAIVA, Maria da Graça Amaral Neto. **O Rio como paisagem: gestão de corredores fluviais no quadro do ordenamento do território**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e Tecnologia, Ministério da Ciência e Tecnologia, 1999.

SCALISE, Walnyce. **Parques Urbanos – evolução, projeto, funções e uso**. Revista Assentamentos Humanos, Marília, v. 4, n. 1, p. 17-24, 2002.

SEVERINO, Antonio J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. Revista e atualizada. São Paulo: Cortez, 2007, 304 p.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público**: as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SOUZA, Felipe Silveira. **O espaço público contemporâneo**: a complexidade vista a partir de parques urbanos de Porto Alegre. 2008. 123f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SOUZA SOUZA, Flávia Tyele. **Parques urbanos em Belém**: Embelezamento e proteção ambiental. 2018. 100f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Instituto de Tecnologia. Universidade Federal do Pará, Belém.

SUGAI, Maria Inês. **Segregação silenciosa**: investimentos públicos e dinâmica socioespacial na área conurbada de Florianópolis (1970-200). Florianópolis: Editora da UFSC, 2015.

TENÓRIO, Gabriela de Souza. **Ao desocupado em cima da ponte**. Brasília, arquitetura e vida pública. 2012. 391f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de Brasília, Brasília.

TRINDADE, Thiago Aparecido. **Direitos e cidadania**: reflexões sobre o direito à cidade. Lua Nova, São Paulo, 87: 139 - 165, 2012.

TURATO, Egberto R. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. Petrópolis: Vozes, 2003.

Usina do Gasômetro. 09 Jan 2013. Preview Banco de Imagens. Acessado 6 Dez 2020. <<https://www.agenciapreview.com/usina-do-gasometro/?cn-reloaded=1>>.

VAUGHAN, Laura. **The spatial form of poverty in Charles Booth's London**. Progress in Planning, 67 (3), 2007, p. 231-250.

VEZZALLI, Loris; STATHI, Sofia. **Intergroup contact theory. Recent Developments and Future Directions**. Londres: Routledge, 2017.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP: Lincoln Institute, 2001.

VILLAÇA, Flávio. **A segregação urbana e a justiça (ou a justiça no injusto espaço urbano)**. Revista Brasileira de Ciências Criminais, ano 11, n. 44, 2003, p. 341-346.

VILLAÇA, Flávio. **São Paulo**: segregação urbana e desigualdade. Estudos avançados, v. 25, n. 71, 2011, p. 37-58.

WHYTE, William Foote. **Sociedade de esquina**: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005.

WHITE M. **The measurement of spatial segregation**. American Journal of Sociology, v. 88, n. 4, 1983, p. 1008-1018.

WONG, David; SHAW, Shih-Lung. **Measuring segregation**: an activity space approach. Journal of geographical systems. n. 13, 2011, p. 127-145.

WORMALD, Guillermo; SABATINI, Francisco; TREBILCOCK, Maria; RASSE, Alejandra. **Cultura de cohesión e integración social en ciudades chilenas**. Santiago do Chile, RiL Editores, 2013.

Matérias na Imprensa

A ORLA do Guaíba, em Porto Alegre, é o único projeto brasileiro em guia da ONU sobre espaços urbanos. **O SUL**, 2020. Disponível em: <<https://www.osul.com.br/a-concessao-de-trecho-da-orla-do-guaiba-em-porto-alegre-e-o-unico-projeto-brasileiro-em-um-guia-da-onu-sobre-espacos-urbanos/>>. 2020. Acesso em: 07 dez. 2020.

BAR do Espartano: para ver o pôr do sol na Orla do Guaíba | Porto Alegre. **GZH**, 2020. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/destemperados/experiencias/noticia/2019/02/bar-do-espartano-para-ver-o-por-do-sol-na-orla-do-guaiba-porto-alegre-ckbkupm6a000qegslbvngn16f.html>>. 2020. Acesso em: 10 fev 2022.

CONCESSIONÁRIA GAM3 Parks cadastra ambulantes do trecho 1 da Orla do Guaíba. **JORNAL DO COMÉRCIO**, 2021. Disponível em: <https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/colunas/pensar_a_cidade/2021/08/807015-concessionaria-gam3-parks-cadastra-ambulantes-do-trecho-1-da-orla.html> 2021. Acesso em 10 fev 2022.

EM clima de tensão e críticas, audiência debate revitalização da Orla do Guaíba em Porto Alegre. **SUL21**, 2013. Disponível em: <<https://www.sul21.com.br/cidades/2013/10/em-clima-de-tensao-e-criticas-audiencia-debate-revitalizacao-da-orla-do-guaiba-em-porto-alegre/>>. 2013. Acesso em: 05 dez 2020.

FEIRA cultural ocupa praça revitalizada junto à Usina do Gasômetro, em Porto Alegre. **REVISTA ÁREA**, 2018. Disponível em: <<https://revistaarea.com.br/feira-cultural-ocupa-praca-revitalizada-junto-a-usina-do-gasometro-em-porto-alegre/#!>>. 2018. Acesso em 10 fev 2022.

IDEOLOGIA de gênero chega à licitação de parques no Brasil. **GAZETA DO POVO**, 2020. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/ideologia-de-genero-chega-a-licitacao-de-parques-no-brasil/>>. 2020. Acesso em 07 dez. 2020.

INTERESSADO em conhecer os restaurantes da orla do Guaíba? Saiba como foi nosso “test drive”. **GZH**, 2018. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2018/12/interessado-em-conhecer-os-restaurantes-da-orla-do-guaiba-saiba-como-foi-nosso-test-drive-cjpefzxt0juq01pi8364c1xq.html>>. Acesso em 10 fev 2022.

MEIO AMBIENTE. Quadras poliesportivas da Orla do Guaíba. Ricardo Stricher / PMPA. **PROCEMPA**, 2008. Disponível em: <bancoimagemens.procempa.com.br>. 2008. Acesso em 10 fev 2021.

MUITO criticado o projeto de Jaime Lerner para a Orla do Guaíba. **POAVIVE**, 2013. Disponível em: <<http://poavive.wordpress.com/2013/10/15/muito-criticado-o-projeto-de-jaime-lerner-para-a-orla-do-guaiba/>>. 2013. Acesso em: 05 dez. 2020.

ORLA projetada por Jaime Lerner é inaugurada em Porto Alegre. **PROJETO**, 2018. Disponível em: <<https://revistaprojeto.com.br/noticias/orla-moacyr-scliar-e-inaugurada-em-porto-alegre-rs/>>. 2018. Acesso em 05 dez 2018.

PREFEITURA confirma vencedor da licitação da orla do Guaíba. **PROCONC**, 2015. Disponível em: <<http://www.proconc.com.br/?p=4868>>. 2015. Acesso em 10 fev 2021.

POR QUE uma rua pública virou um estacionamento de R\$ 20 em frente à orla do Guaíba. **GZH**, 2021. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/paulo-germano/noticia/2021/08/por-que-uma-rua-publica-virou-um-estacionamento-de-r-20-em-frente-a-orla-do-guaiba-cks6k2uuy000u013b8gnaby6d.html>>. 2021. Acesso em 16 fev 2022.

REVITALIZAÇÃO da orla do Guaíba, em Porto Alegre, volta à mesa de discussão. **GZH**, 2013. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2013/10/revitalizacao-da-orla-do-guaiba-em-porto-alegre-volta-a-mesa-de-discussao-4301362.html>>. 2013. Acesso em 05 dez 2020.

TIRE suas dúvidas sobre os agendamentos de quadras esportivas no trecho 3 da Orla do Guaíba. **GZH**, 2021. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2021/10/tire-suas-duvidas-sobre-os-agendamentos-de-quadras-esportivas-no-trecho-3-da-orla-do-guaiba-ckv74ynwd007p017f3h17u246.html>>. Acesso em 10 fev 2022.

TRECHO 3 da Orla do Guaíba é aberto ao público. **SUL21**, 2021. Disponível em: <<https://sul21.com.br/noticias/geral/2021/10/trecho-3-da-orla-do-guaiba-e-aberto-ao-publico-veja-fotos/>>. 2021. Acesso em 10 fev 2022.

TRECHO recém-inaugurado da orla do Guaíba tem movimento intenso no primeiro fim de semana. **GZH**, 2021. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2021/10/trecho-recem-inaugurado-da-orla-do-guaiba-tem-movimento-intenso-no-primeiro-fim-de-semana-ckv5w0210005p019mr2ghu5fp.html>>. 2021. Acesso em 10 fev 2022.

Sites de fotografia

Figura 31: Leonardo Finotti Architettura Photographer. Disponível em: <<http://www.leonardofinotti.com>>. Acesso em 10 fev 2022.

Figura 32: Omar Freitas Junior. Disponível em: <<https://omarfreitas.com>>. Acesso em 10 fev 2022.

Documentos oficiais

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. GABINETE DO PREFEITO. Decreto n. 9.372, de 12 de janeiro de 1989. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/rs/p/porto-alegre/decreto/1989/937/9372/decreto-n-9372-1989-dispoe-sobre-a-suspensao-do-transito-na-av-edvaldo-pereira-paiva-aos-sabados-domingos-e-feriados-e-da-outras-providencias>>. Acesso em: 08 fevereiro 2022.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. *GT Orla. Diretrizes Urbanísticas para a Orla do Guaíba no Município de Porto Alegre*: Secretaria do Planejamento Municipal, 2003. Disponível em: <http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/spm/usu_doc/projeto_orla7.pdf>. Acesso em: 05 dezembro 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. SECRETARIA DO PLANEJAMENTO MUNICIPAL SPM. SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE SMAM. SECRETARIA DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO SMIC / ESCRITÓRIO DE TURISMO. SECRETARIA MUNICIPAL DA CULTURA – SMC. *Relatório Orla: Condições Atuais, Possibilidades e Instrumentos para a Qualificação Urbana e o Resgate da Orla de Porto Alegre*. Porto Alegre, maio de 2006.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. SECRETARIA DO PLANEJAMENTO MUNICIPAL SPM. SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE SMAM. SECRETARIA DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO SMIC / ESCRITÓRIO DE TURISMO. SECRETARIA MUNICIPAL DA CULTURA – SMC. *Diretrizes de Desenho Urbano para a Orla Central*. Porto Alegre, 2010.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. SECRETARIA DO PLANEJAMENTO MUNICIPAL SPM. PDDUA. *Expediente*. Lei Complementar no. 434 de 1 de dezembro de 1999, atualizada e compilada até a Lei Complementar 667/2001, incluindo a Lei Complementar 646/2010 (PDDUA). 2010.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. CONSELHO MUNICIPAL DE DESENVOLVIMENTO URBANO AMBIENTAL - CMDUA. Estudo de Viabilidade Urbana de Revitalização da Orla. Porto Alegre, 2012.

ANEXO A - Carta-convite

Essa carta de apresentação é parte integrante da investigação de mestrado em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade, do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (Pós-Arq), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), desenvolvida pela aluna Maria Rita Ferreira Soares, sob orientação do Prof. Dr. Sérgio Torres Moraes, e tem como objetivo descrever a atividade prática da pesquisa.

O referido trabalho propõe investigar quem são os frequentadores e como se dá a interação social no espaço público como fator fundamental para a compreensão da segregação urbana de origem socioeconômica, utilizando o Parque Urbano da Orla do Guaíba, em Porto Alegre, no trecho correspondente a Orla Moacyr Scliar (entre a Usina do Gasômetro e a Rótula das Cuias) como objeto de estudo.

A sua participação nesta pesquisa será através de uma webconferência com grupos de foco por atividades. A conversa será realizada com grupos entre quatro e oito integrantes, com duração aproximada entre 30 e 50 minutos, permitindo que os participantes conversem com a pesquisadora como um grupo e também discutindo as questões uns com os outros, conferindo espaços de fala e de diálogo para todos os participantes.

As sessões online serão gravadas, para posterior transcrição, sendo resguardada a identidade dos entrevistados. Os dados obtidos serão utilizados apenas para fins acadêmicos nesta pesquisa, e os resultados poderão ser divulgados em eventos e/ou revistas científicas. Cabe ressaltar que as opiniões representam apenas o posicionamento individual de cada um, não existindo assim uma resposta correta.

Caso sinta-se desconfortável, sob risco ou aborrecimento, a qualquer momento você pode recusar-se a responder qualquer pergunta ou até mesmo interromper a sua participação na sessão, sem penalização alguma. Sua recusa não trará prejuízos em relação ao pesquisador ou quaisquer outras áreas (pessoais, profissionais etc).

Você poderá entrar em contato com a pesquisadora principal pelo telefone (51) 9 9965.5865 ou pelo e-mail: mariaritasoares@gmail.com.

Agradecemos sua participação e contribuição!

ANEXO B - Roteiro para a sessão online

Esse roteiro é parte integrante da investigação de mestrado e tem como objetivo estabelecer as diretrizes para a realização das webconferências. As questões listadas serão abordadas livremente, introduzidas em forma de conversa e não de pergunta. O roteiro serve apenas para guiar a atividade e não é considerado estanque, podendo ser acrescentadas outras questões pertinentes à medida que os participantes fizerem as suas considerações.

Escolaridade:

Idade:

Sexo:

Onde mora/bairro de origem:

Local de trabalho/bairro:

1. O que primeiro lhe vem à mente quando falamos no Parque da Orla?
2. Quanto tempo de deslocamento até o parque e qual o modal de transporte que normalmente utiliza?
3. Você considera que a distância do parque é um problema para sua utilização? Em relação à acessibilidade, você julga que o parque tem fácil acesso? Ou, ainda, há possibilidade de chegar até o parque, confortavelmente, utilizando diferentes meios de transporte?
4. Costumava frequentar o parque antes da revitalização?
5. O que mudou (no espaço, na maneira de utilizar, no público) após o projeto de revitalização?
6. A presença de outras pessoas te faz sentir seguro para a realização de suas atividades?
7. A grande frequência de público, principalmente aos finais de semana, apresenta-se como um problema ou como um potencial do parque?
8. Quais elementos do parque você considera mais importantes? Dos elementos listados, sente-se “acolhido” ou tem algum que lhe causa estranheza?
9. Você sente alguma emoção específica em relação a diferentes partes deste projeto?
10. Há alguma parte do parque que você não se sente confortável em utilizar? Você saberia dizer se tal estranhamento diz respeito ao lugar ou às pessoas que o utilizam?

11. Quais as partes do parque que mais utiliza? Por que escolhe o lugar (equipamentos, infraestrutura construída, público, quantidade de pessoas, acesso)?
12. Você evita algum espaço do parque? Quais os motivos? Outras pessoas ocupam este espaço? Quem são elas?
13. Para a realização de sua atividade principal no parque (skate, dança, bicicleta, patins, intervenções culturais, contemplação, caminhada), tem alguma parte do parque em que você se sente mais confortável? Ou alguma parte em que a sua atividade não é bem aceita? Como você percebe a aceitação das outras pessoas em relação à sua atividade? Há infraestrutura de apoio suficiente para a realização de sua atividade?
14. Frequenta em outros momentos para a realização de outras atividades?
15. Você costuma frequentar o parque acompanhado ou sozinho? Se acompanhado, por amigos, familiares etc?
16. Você alguma vez interagiu com outras pessoas no parque? Qual o nível de interação? Prestou alguma informação, fez amizade, ajudou, flertou etc. Se não interagiu, consegue expressar o motivo? E, ao contrário, havendo interação, o que motivou o contato?
17. Já conheceu alguém no parque? Caso positivo, a relação se expandiu além do parque, gerando oportunidades distintas, como laços de amizade, afetivos (namoro), oportunidades de emprego etc?
18. Você alguma vez reconheceu que já havia encontrado determinada pessoa neste parque? (Relacionar à sensação de segurança, aos estranhos conhecidos)
19. Percebe se as pessoas fazem amizades pelo parque? Ou só mantém conversa com o seu grupo, os seus conhecidos?
20. Você considera que sua condição socioeconômica interfere em possíveis relações no parque? Conseguiria explicar quais as situações em que isso fica evidente?

ANEXO C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

O TCLE respeita a Resolução 466/2012 e a Resolução 510/2016

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada: **“Na borda da cidade tem um parque: investigação sobre segregação e interação social entre diferentes grupos socioeconômicos no Parque Urbano da Orla do Guaíba em Porto Alegre”**. Este estudo tem como objetivo investigar a segregação como forma de restrição da interação entre grupos populacionais, considerando a relação entre a segregação e a forma urbana e incluindo a prática da interação social no espaço público como fator fundamental para sua compreensão. A pesquisa está associada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (Pós-Arq) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e terá duração de um (01) mês, com o término previsto para janeiro de 2022.

Esse projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSC, o qual tem por função defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade, além de contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

A pesquisa terá duas etapas para coletar informações. Você participará das duas:

1a Etapa: sua participação consiste em participar de uma webconferência com grupos de foco por atividades, com o objetivo de discutir algumas questões relacionadas ao espaço do parque, lugares e dias que frequenta, meio de transporte que utiliza para chegar ao local, a forma de utilizar o espaço, como se sente no local, se estabelece algum contato social com outros frequentadores do parque e o tipo de contato realizado. A conversa será realizada com grupos entre quatro (04) e oito (8) integrantes, com duração aproximada entre 30 e 50 minutos, permitindo que os participantes conversem com a pesquisadora como um grupo e também discutindo as questões uns com os outros, conferindo espaços de fala e de diálogo para todos os participantes. A webconferência acontecerá na modalidade online através da plataforma *Google Meet*, e será gravada em áudio e vídeo para posterior transcrição, sendo guardadas por cinco (05) anos e posteriormente eliminadas.

2a Etapa: após a participação na webconferência, sua participação consiste em responder de forma anônima um questionário estruturado. O objetivo do

questionário é coletar informações a fim de reconhecer o perfil dos usuários do parque, como, por exemplo, quais os bairros de residência, tempo de deslocamento até o parque, meio de transporte mais utilizado, renda e escolaridade do público. O questionário será aplicado de forma online, por meio do aplicativo *Google Forms*, sendo que você poderá respondê-lo no momento e local de sua preferência, em até sete (07) dias após a realização da webconferência.

Sua participação nesta pesquisa é totalmente voluntária e você não terá nenhum custo ou quaisquer compensações financeiras. De acordo com o que prevê a Resolução 466/2012 e a Resolução 510/2016, caso você tenha algum gasto decorrente da pesquisa, como transporte e alimentação nos dias em que for necessária a sua presença, por exemplo, você terá garantia de ressarcimento.

Os dados coletados serão utilizadas apenas NESTA pesquisa e poderão ser apresentados em eventos ou revistas científicas e mostrarão os resultados como um todo, sem revelar seu nome, instituição que trabalha ou qualquer informação relacionada à sua privacidade. Todas as informações colhidas serão analisadas em caráter estritamente científico. Os pesquisadores se responsabilizam pela guarda e confidencialidade de todos os dados coletados nos questionários e entrevistas, sendo os únicos a terem acesso aos dados, e comprometem-se a manter o sigilo em relação à identificação das pessoas entrevistadas. Contudo, considerando que se trata de pesquisas com seres humanos, existe a possibilidade remota de quebra de sigilo, mesmo que involuntário e não intencional em relação às informações prestadas. Em caso de eventuais danos materiais e imateriais decorrentes da pesquisa e suas potenciais consequências na vida pessoal e profissional dos participantes, será garantido seu direito de indenização ou restituição, de acordo com a legislação vigente e amplamente consubstanciada.

O possível risco que a pesquisa poderá trazer ao participar é cansaço, aborrecimento ou desconforto, tais como: cansaço ou aborrecimento ao responder o questionário; desconforto ou constrangimento durante as gravações de áudio e vídeo das webconferências; alterações na autoestima provocadas pela evocação de memórias ou por esforços na conscientização sobre uma condição física ou psicológica restritiva ou incapacitante; alterações de visão de mundo, de relacionamentos e de comportamentos em função de reflexões sobre sexualidade, divisão de trabalho familiar, satisfação profissional etc.

Durante os procedimentos de coleta de dados, você estará sempre acompanhado por um dos pesquisadores e, caso seja identificado algum destes sinais de desconforto, durante a pesquisa ou posterior ao seu encerramento, os pesquisadores se comprometem a prestar toda a assistência necessária, orientá-lo e encaminhá-lo para profissionais especializados. Caso você se sinta prejudicado de alguma forma, em qualquer fase da pesquisa você poderá se recusar a responder qualquer pergunta ou interromper imediatamente a sua participação e retirar o seu consentimento, sem nenhuma penalização e sem prejuízo de sua relação com o pesquisador, como também na instituição que este trabalha.

Embora essa pesquisa não lhe ofereça benefícios diretos e imediatos, ao participar, você estará contribuindo para a ampliação de conhecimento na área de planejamento urbano e desenvolvimento das cidades. Sua participação irá ajudar a construir conhecimento científico sobre a qualidade do espaço público e formas de sociabilidade.

Esse documento foi elaborado em duas vias, rubricadas e assinadas. O(a) Sr. (a) receberá uma delas, onde consta o contato/e-mail do pesquisador responsável e demais membros da equipe. Em caso de dúvidas sobre o projeto, os procedimentos e sua participação, você poderá contatá-los a qualquer momento. Todos os pesquisadores, além de assinarem este documento, comprometem-se a conduzir a pesquisa de acordo com o que preconiza a Resolução 466/2012 e a Resolução 510/2016, que tratam dos preceitos éticos e da proteção aos participantes de pesquisas científicas.

Você poderá entrar em contato com o pesquisador responsável, Professor Dr. Sérgio Torres Moraes, telefone (48) 3721-9797, e-mail: sergiomoraes@arq.ufsc.br. Endereço profissional: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima, Centro Tecnológico (CTC), Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (Pós-Arq), bairro Trindade, Caixa Postal 476, CEP: 88040 - 900, Florianópolis/SC, Brasil.

Você também poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), órgão responsável por defender os interesses dos participantes de pesquisas científicas em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. O órgão fica localizado no Prédio Reitoria II, Rua

Desembargador Vitor Lima, no 222, 4o andar, sala 401, Trindade, Florianópolis/SC, CEP 88.040-400. Contatos: (48) 3721-6094, cep.propesq@contato.ufsc.br.

Ao assinar esse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), você poderá baixar uma cópia. Trata-se de um documento que traz informações importantes de contato e de garantia dos seus direitos como participante da pesquisa. O(a) senhor(a) deverá eletronicamente aceitar participar da pesquisa, o que corresponderá à assinatura do TCLE, ficando dispensado da assinatura em documento físico, conservando, contudo, a transparência e a rastreabilidade na relação participante de pesquisa. Você também receberá um Termo de Autorização para Gravação de Áudio e Vídeo, que deverá ser aceito eletronicamente, e permite a obtenção de gravação de voz e de vídeo da sua pessoa para fins de pesquisa científica, cujos resultados poderão ser utilizados em encontros científicos ou publicados em revistas científicas sem a sua identificação por nome ou qualquer outra forma.

Desde já agradecemos a sua colaboração!

Prof. Dr. Sérgio Torres Moraes
Pesquisador Responsável
E-mail: sergiomoraes@arq.ufsc.br
Tel: (48) 3721-9797

Maria Rita Soares
Pesquisadora
E-mail: mariaritasoares@gmail.com
Tel: (51) 9 9965.5865

Declaro estar ciente do inteiro teor deste TERMO DE CONSENTIMENTO e estou de acordo em participar do estudo proposto, sabendo que dele poderei desistir a qualquer momento, sem sofrer qualquer punição ou constrangimento.

Porto Alegre/RS, ____ de _____ de 20__.

Participante da Pesquisa (nome): _____

Assinatura do Participante da pesquisa: _____

ANEXO D - Termo de Autorização para gravação áudio/ vídeo

Permito que os pesquisadores relacionados abaixo obtenham gravação de voz e de vídeo da minha pessoa para fins de pesquisa científica. Eu concordo que o material e informações obtidos relacionados à minha pessoa possam ser utilizados em encontros científicos ou publicados em revistas científicas. Porém, a minha pessoa não deve ser identificada, por nome ou qualquer outra forma. As gravações ficarão sob a propriedade e guarda dos pesquisadores desta pesquisa.

Prof. Dr. Sérgio Torres Moraes
Pesquisador Responsável
E-mail: sergiomoraes@arq.ufsc.br
Tel: (48) 3721-9797

Maria Rita Soares
Pesquisadora
E-mail: mariaritasoares@gmail.com
Tel: (51) 9 9965.5865

Porto Alegre/RS, ____ de _____ de 20__.

Participante da Pesquisa (nome): _____

Assinatura do Participante da pesquisa: _____

ANEXO E - Declaração

Declaramos que o acesso ao questionário online só será liberado aos participantes após os pesquisadores receberem um e-mail concordando com o que consta do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), previamente enviado através do e-mail dos pesquisadores.

O referido procedimento visa a caracterização do acordo estabelecido entre pesquisador(es) e participante(s) através dos seus endereços eletrônicos, já que estes são considerados meios rastreáveis de comunicação, que garantem a autenticidade e tempestividade dos documentos, uma vez que incluem informações de data e hora de envio/recebimento, sendo acessáveis somente por meio de usuário e senha.

Porto Alegre/RS, ____ de _____ de 2021.

Prof. Dr. Sérgio Torres Moraes
Pesquisador Responsável
E-mail: sergiomoraes@arq.ufsc.br
Tel: (48) 3721-9797

Maria Rita Soares
Pesquisadora
E-mail: mariaritasoares@gmail.com
Tel: (51) 9 9965.5865

ANEXO F - Questionário

Este questionário é parte integrante da investigação de mestrado e será aplicado aos participantes das webconferências, posterior à participação na sessão, de forma online, sendo resguardada a identidade dos entrevistados. Os resultados obtidos serão utilizados apenas para fins acadêmicos e as respostas representam a opinião individual de cada um, não existindo assim uma única resposta correta.

1. Sexo:

Masculino Feminino

2. Idade:

3. Escolaridade:

- Nunca frequentou
 Ensino Fundamental Incompleto Ensino Fundamental Completo
 Ensino Médio Incompleto Ensino Médio Completo
 Ensino Superior Incompleto Ensino Superior Completo

4. De onde és:

Morador - Bairro: _____

Visitante - Cidade: _____

5. Renda:

- Nenhuma renda
 menos de 1 salário mínimo (até R\$ 1.212,00)
 de 1 a 3 salários mínimos (de R\$ 1.212,00 a R\$ 3.636,00)
 de 3 a 6 salários mínimos (de R\$ 3.636,00 a R\$ 7.272,00)
 de 6 a 9 salários mínimos (de R\$ 7.272,00 a R\$ 10.908,00)
 acima de 9 salários mínimos (mais de R\$ 10.908,00)

6. Meio de transporte utilizado para chegar no parque:

- A pé Bicicleta própria Bicicleta compartilhada Skate
 Ônibus Carro de aplicativo Carro próprio
 Outro: _____

7. Atividades que realiza no parque:

- Lazer Descanso Esporte Atividade diária (saúde)

Passeio com pet Utilizo como caminho para outras atividades

Outras: _____

8. Quando vai ao parque:

Dias de semana Fins de semana Intervalo de trabalho

Outros: _____

9. Em que momento do dia você vai ao parque:

Antes das 7h da manhã

Das 7h às 12h

Das 13h às 18h

A partir das 19h

10. Com quem você vai ou se encontra no parque?

Amigo Familiar Filhos Animais domésticos ninguém

Outros: _____

11. Por que você vai ao parque?

Família Amigos Trabalho Lazer Descanso Esporte

Caminhar Educação Alimentação Ver pessoas Conversar

Encontro

Outros: _____

12. Quando vai, encontra alguém conhecido?

Sim Não

13. Qual relação você estabelece com os conhecidos no parque:

Nenhuma Cumprimentos Dar informações Conversa

De vizinhança De amizade

Outras: _____

14. Quando vai, interage com algum desconhecido?

Sim Não

15. Qual relação você estabelece com os desconhecidos no parque:

(.) Nenhuma (.) Cumprimentos (.) Dar informações (.) Conversa

(.) Outras: _____

16. Frequentava o parque antes da revitalização?

(.) Sim (.) Não

17. O que mais gosta no parque?

(.) Vista (.) Pôr do Sol (.) Qualidades físicas/Infraestrutura do espaço

(.) Localização/Fácil acesso (.) Pessoas que frequentam (.) Segurança

(.) Outros: _____

18. O que mais sente falta no parque?

(.) Árvores (.) Bancos (.) Comércio de alimentos (.) Sanitários (.) Bicicletários

(.) Rampas de acessibilidade (.) Segurança

(.) Outros _____

ANEXO G - Aprovação do Comitê de Ética

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Na borda da cidade tem um parque: Investigação sobre segregação e interação social entre diferentes grupos socioeconômicos no Parque Urbano da Orla do Guaíba em Porto Alegre

Pesquisador: MARIA RITA FERREIRA SOARES

Área Temática:

Versão: 4

CAAE: 51538921.4.0000.0121

Instituição Proponente: Programa de Pós- Graduação de Arquitetura e Urbanismo da UFSC

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.148.681

Apresentação do Projeto:

Segundo pesquisador: "Dissertação de mestrado de Maria Rita Ferreira Soares do Curso de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo, orientada por Sérgio Torres Moraes. Estudo prospectivo, com previsão de 66 participantes. Critérios de inclusão: maiores de 18 anos, distribuídos entre homens e mulheres, moradores da cidade de Porto Alegre. Os participantes serão submetidos a: questionários, grupos focais, registros fotográficos."

Objetivo da Pesquisa:

Segundo pesquisador: "Identificar, analisar e espacializar a segregação socioespacial nas interações sociais entre diferentes grupos socioeconômicos em parques urbanos."

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Adequadamente contemplados.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Recomendações:

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

Continuação do Parecer: 5.148.681

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Os pesquisadores anexaram nova versão de TCLE, a qual está adequada.

Não apresenta pendências e/ou inadequações.

Considerações Finais a critério do CEP:

Lembramos que a presente aprovação (versão projeto 26/11/2021 e TCLE 26/11/2021) refere-se apenas aos aspectos éticos do projeto. Qualquer alteração nestes documentos deve ser encaminhada para avaliação do CEP/SH. Informamos que obrigatoriamente a versão do TCLE a ser utilizada deverá corresponder na íntegra à versão vigente aprovada.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1809035.pdf	26/11/2021 21:55:36		Aceito
Outros	Carta_Resposta_Parecer_5121876.pdf	26/11/2021 21:03:47	MARIA RITA FERREIRA SOARES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoDetalhado_TCLE_MariaRita.pdf	26/11/2021 21:02:26	MARIA RITA FERREIRA SOARES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_MariaRita_R03.pdf	26/11/2021 21:01:36	MARIA RITA FERREIRA SOARES	Aceito
Declaração de concordância	Termo_Autorizacao_Audio_Video.pdf	26/11/2021 21:00:34	MARIA RITA FERREIRA SOARES	Aceito
Parecer Anterior	Carta_Resposta_Parecer_anterior.pdf	26/11/2021 21:00:19	MARIA RITA FERREIRA SOARES	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	26/11/2021 20:59:49	MARIA RITA FERREIRA SOARES	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Declaracao_R01.pdf	11/11/2021 14:52:47	MARIA RITA FERREIRA SOARES	Aceito
Folha de Rosto	FolhaDeRosto_Assinado.pdf	30/08/2021 02:44:04	MARIA RITA FERREIRA SOARES	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



Continuação do Parecer: 5.148.681

FLORIANOPOLIS, 06 de Dezembro de 2021

Assinado por:
Nelson Canzian da Silva
(Coordenador(a))

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

ANEXO H - Tabela Geral dos Entrevistados

	Idade	Escolaridade	Bairro	Atividade principal	Atividade Secundária
Entrevistado 01	57 anos	Pós-Graduação	Centro Histórico	Morador Centro Histórico	Skate
Entrevistado 02	54 anos	Ensino Médio	Centro Histórico	Morador Centro Histórico	Trabalho/filmagem
Entrevistado 03	52 anos	Superior Completo	Centro Histórico	Morador Centro Histórico	Passeio/Fotografia
Entrevistado 04	31 anos	Pós-Graduação	Cidade Baixa	Morador Centro Histórico	-
Entrevistado 05	29 anos	Superior Completo	Petrópolis	Morador Centro Histórico	Corrida
Entrevistado 06	42 anos	Pós-Graduação	Jardim Itu	Morador Centro Histórico	-
Entrevistado 07	19 anos	Ensino Médio	Centro Histórico	Trabalho no Centro	Volei
Entrevistado 08	20 anos	Ensino Médio	Centro Histórico	Trabalho no Centro	Volei
Entrevistado 09		Ensino Fundamental Incompleto	Jardim Carvalho	Trabalho no Centro	Volei
Entrevistado 10	19 anos	Ensino Médio	Centro Histórico	Trabalho no Centro	Volei
Entrevistado 11	43 anos	Superior Completo	Floresta	Região Planejamento Centro	Patins
Entrevistado 12	42 anos	Pós-Graduação	Santana	Região Planejamento Centro	Passeio
Entrevistado 13	51 anos	Superior Completo	Centro Histórico	Região Planejamento Centro	Fotografia
Entrevistado 14	33 anos	Ensino Médio	Cidade Baixa	Região Planejamento Centro	Corrida e Fotografia
Entrevistado 15	18 anos	Ensino Médio Incompleto	Morro Santana	Passeio	-
Entrevistado 16	36 anos	Ensino Médio	Morro Santana	Passeio	-
Entrevistado 17	29 anos	Superior Completo	Centro Histórico	Passeio	-
Entrevistado 18	26 anos	Ensino Médio	Centro Histórico	Passeio	-
Entrevistado 19	37 anos	Pós-Graduação	Belém Novo	Passeio	Morador de bairro distante
Entrevistado 20	39 anos	Superior Completo	Rio Branco	Cultural e Artística	Fotografia
Entrevistado 21	39 anos	Superior Completo	Menino Deus	Cultural e Artística	Fotografia e Bicicleta
Entrevistado 22	36 anos	Estudante Ensino Médio	Lomba do Pinheiro	Cultural e Artística	Morador de bairro distante
Entrevistado 23	37 anos		Restinga	Cultural e Artística	Morador de bairro distante/ Patins
Entrevistado 24	28 anos	Estudante de graduação	Mário Quintana	Atividade esportiva	Morador de bairro distante/ Skate
Entrevistado 25	43 anos	Ensino Médio	Cidade Baixa	Atividade esportiva	Corrida
Entrevistado 26	51 anos	Superior Completo	Jardim Itu	Atividade esportiva	Corrida
Entrevistado 27	37 anos	Superior Completo	Centro Histórico	Atividade esportiva	Morador do Centro Histórico/Trabalho na Orla/ Corrida
Entrevistado 28	24 anos	Estudante de graduação	Navegantes	Bicicleta	-
Entrevistado 29	39 anos	Superior Completo	Higienópolis	Bicicleta	Passeio
Entrevistado 30	56 anos	Ensino Médio	Bom Fim	Bicicleta	-
Entrevistado 31	24 anos	Estudante de graduação	Santana	Bicicleta	Basquete
Entrevistado 32	40 anos	Estudante de graduação	Restinga	Patins	Morador de bairro distante/ Movimento HipHop
Entrevistado 33	39 anos	Pós-Graduação	Cidade Baixa	Patins	-
Entrevistado 34	30 anos	Estudante de graduação	Teresópolis	Patins	-
Entrevistado 35	39 anos	Superior Completo	Teresópolis	Skate	-
Entrevistado 36	41 anos	Ensino Médio	Chácara das Pedras	Skate	Passeio
Entrevistado 37	44 anos	Ensino Médio	Tristeza	Skate	Outros esportes/fotografia